

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS MARECHAL CANDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM HISTÓRIA – PPGH

CINTIA VALÉRIA DE MELLO

**Os trabalhadores sem terra no processo de formação do assentamento Valmir
Mota: Cascavel, Paraná (1999-2017)**

MARECHAL CANDIDO RONDON
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CAMPUS MARECHAL CANDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM HISTÓRIA – PPGH

CINTIA VALÉRIA DE MELLO

**Os trabalhadores sem terra no processo de formação do assentamento Valmir
Mota: Cascavel, Paraná (1999-2017)**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós Graduação em História, nível Mestrado, como exigência para a obtenção do título de Mestre em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon.

Orientador: Prof. Dr. Vagner José Moreira

MARECHAL CANDIDO RONDON

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração

Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Mello, Cinta Valéria de

"Os trabalhadores sem terra no processo de formação do assentamento Valmir Mota: Cascavel, Paraná (1999-2017)" / Cinta Valéria de Mello; orientador(a), Vagner José Moreira, 2018.

135 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Graduação em História Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

1. . I. Moreira, Vagner José. II. Título.



Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46
Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>
Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000
Marechal Cândido Rondon - PR.

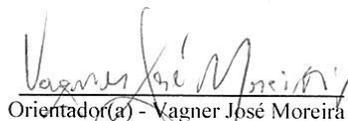


PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE CINTIA VALÉRIA DE MELLO, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 13 dia(s) do mês de abril de 2018 às 9h00min, no(a) Sala de Aula do PPGH (60), realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Cintia Valéria de Mello, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Vagner José Moreira, Paulo Cesar Inácio, Davi Felix Schreiner. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Vagner José Moreira, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Os trabalhadores sem terra no processo de formação do assentamento Valmir Mota: Cascavel, Paraná (1999-2017)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Paulo Cesar Inácio, Davi Felix Schreiner. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).


Orientador(a) - Vagner José Moreira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)


Paulo Cesar Inácio
Universidade Federal de Goiás (UFG)

h.



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - <http://www.unioeste.br>

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de CINTIA VALÉRIA DE MELLO, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACÓRDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Davi Felix Schreiner

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Cintia Valéria de Mello

Candidato(a)

Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Prof. Dr. Marcio Antônio Both da Silva
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em História
Mestrado e Doutorado
Portaria nº 6213/2016-GRE

Aos meus pais, Antônio e Sandra que sempre me incentivaram, mesmo sem entender muito bem o que eu faço, mas que tinham plena certeza de que os estudos em uma Universidade pública seria o melhor caminho para uma filha de trabalhadores. Possibilidade que eles não tiveram, mas que eu pude ter e por isso este trabalho é nosso!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Vagner José Moreira por ter me orientado desde o primeiro ano de graduação com minha primeira pesquisa de iniciação científica. Foram sete anos de muito profissionalismo, dedicação e discussões enriquecedoras, tanto para o meu crescimento intelectual quanto para o pessoal. Sou imensamente grata por todos esses anos.

Aos professores Davi Félix Schreiner, Rinaldo José Varussa e Paulo César Inácio, pelas contribuições na banca de qualificação e defesa da dissertação.

Aos demais professores das disciplinas do mestrado, que contribuíram para a pesquisa por meio das discussões em sala, Gilberto Calil, Sheille Soares de Freitas, Aparecida Darc de Souza e Carla Luciana Silva.

Agradeço a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida durante os dois anos do mestrado, sem a qual a pesquisa não seria possível.

A compreensão e apoio da Secretaria do Programa de Pós-graduação, Iraci e Lisane.

Aos meus tios Adriana e Nilson que sempre estiveram dispostos a me ajudar, me acolher e incentivar.

A todos os amigos que contribuíram nas discussões durante o processo de produção desta pesquisa e que perpetuaram momentos de reflexão para a vida toda.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as trajetórias de vida dos trabalhadores do Assentamento Valmir Mota, localizado no Complexo Cajati, no Município de Cascavel, Paraná. Compreender os sentidos e significados atribuídos por esses sujeitos à conquista e a luta pela terra em um processo que contextualiza um Assentamento onde vivem trabalhadores que passaram por pelo menos 15 anos entre os acampamentos Dorcelina Folador, Casa Nova, Sirlene César, Resistência Camponesa, 1º de Agosto, 7 de Setembro e Olga Benário. O objetivo é entender o trabalhador no processo histórico de fazer-se assentado, as contradições vividas durante o processo, as permanências, a organização e conflitos existentes dentro do assentamento, desde as primeiras ocupações.

PALAVRAS CHAVE: Movimentos sociais, reforma agrária, MST.

ABSTRACT

This research aims to study life trajectories of workers of Valmir Mota Settlement, located in Cajati Complex, in Cascavel, Paraná. We seek meanings and meanings attributed by these subjects over achievement and struggle for land. Workers who live in the Settlement have spent about 15 years in other camps. They are Dorcelina Folador, Casa Nova, Sirlene César, Resistência Camponesa, 1° de Agosto, 7 de Setembro and Olga Benário. Our objective is to understand worker in historical process of being seated, which involves contradictions lived during settlement process, permanencies, organization, conflicts in settlement and spanning from first occupations.

KEY WORDS: Social movements, agrarian reform, MST.

Sumário

Apresentação	8
Capítulo I – A luta pela terra como projeto de vida no processo de formação dos trabalhadores sem terra	19
Capítulo II – O sentido de luta dos trabalhadores nos acampamentos e a formação como sujeitos sem terra	51
Capítulo III - A formação do assentamento Valmir Mota: o trabalhador no fazer-se assentado e seu significado.....	97
Considerações finais.....	126
Fontes.....	128
Referências Bibliográficas	131

Apresentação

No dia 19 de novembro de 2015, o site do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) publica: “Syngenta é condenada por morte de Sem Terra no Paraná. Justiça responsabiliza empresa por ação armada contra integrantes da Via Campesina, em 2007, que resultou no assassinato do trabalhador rural Keno e no ferimento de outros três camponeses.”¹

Este fato, entre outros, foi importante para o processo de luta pela terra na região Oeste do Paraná. A multinacional suíça Syngenta foi denunciada por ocupantes da Via Campesina e do MST por realizar experimentos ilegais com milho transgênico em região próxima ao Parque Nacional do Iguaçu, região proibida para este tipo de experimento.

A intenção dessa denúncia está relacionada ao projeto dos movimentos sociais de luta pela terra, ao entenderem que as empresas multinacionais visam impor um modelo de agricultura que agride o meio ambiente usando transgênicos e agrotóxicos, inviabilizando a produção de alimentos provindos da agricultura familiar regional.

A agroecologia é um dos pontos principais nas pautas do MST, que vai além de uma bandeira ecologicamente correta, hasteada pelo movimento, mas também é usado para contrapor as propostas de grandes empresas multinacionais, cuja atuação intensificou as relações capitalistas no campo a partir do agronegócio. Sendo assim, ocupações em áreas de posse dessas empresas constituem uma forma de resistência.

Em 2007, cerca de 200 integrantes da Via Campesina e do MST fizeram a ocupação na fazenda da empresa multinacional Syngenta, em Santa Tereza do Oeste. As famílias permaneceram por um tempo no local, mas em virtude do governo pagar multa² por mantê-los nessa área, o grupo fez um acordo com o governo em ir para um acampamento provisório nas proximidades do acampamento Olga Benário³, porém, essa retirada não foi nenhum pouco pacífica. Houve um confronto com a empresa de segurança contratada pela Syngenta e nesse conflito o Movimento perdeu seu líder de ocupação, de apenas 32 anos, Valmir Mota de Oliveira, conhecido como Keno, posteriormente foi homenageado com seu nome no assentamento pesquisado neste trabalho.

¹Disponível em: <http://www.mst.org.br/2015/11/19/syngenta-e-condenada-por-morte-de-sem-terra-no-parana.html>. Acessado dia 17/06/2017. Esse evento que leva a morte do militante Valmir Mota de Oliveira foi tratado por vários periódicos tais como: jornais e revista do Sem Terra e documentário, que será problematizado no segundo capítulo.

² O governo do Estado foi multado no valor de 2 mil reais por dia pelo Tribunal de Justiça do Paraná, por descumprimento de ordem judicial de reintegração de posse.

³ Acampamento localizado em Rio do Salto, Santa Tereza do Oeste foi criado em 1999. Nome que traz homenagem a Olga Benário Prestes, militante comunista alemã que teve grande participação

E em específico a região Oeste, tem um histórico de ocupações de trabalhadores sem terra antes mesmo do movimento institucionalizado, eram movimentos organizados por sindicatos, a exemplo do MASTER e MASTRO⁴.

Nesta pesquisa, iremos trabalhar com apenas um assentamento, mas que é significativamente relevante pelo longo processo entre ocupações, acampamentos e demarcação dos lotes para o assentamento definitivo. O processo histórico perdurou cerca de 12 anos.

O assentamento Valmir Mota compõe a Brigada⁵ Teixeira, uma das três outras brigadas existentes na região Oeste⁶. Atualmente é constituído por 83 famílias. Situado no Complexo Cajati, município de Cascavel, em uma área de 37 mil hectares. No entanto, a área negociada pelo INCRA e os donos da terra é de apenas 682,409 hectares. O processo de ocupação desse território começou em 1999. Nesse ano, houve uma reunião de, aproximadamente, 1200 famílias de vários lugares do estado e do Paraguai para fazer parte do acampamento. Houveram várias pessoas do grupo conhecido como “Bandeira Branca”, que ocupavam terras, mas que não faziam parte do MST. A partir de então, esses trabalhadores se organizaram em um acampamento chamado Sirlene⁷ César. Porém, a área não era suficiente para que todas essas famílias pudessem plantar, então formaram outro acampamento, chamado Dorcelina Folador, cuja a área, posteriormente, também ficou pequena e somada com outras famílias que vieram despejadas de outros acampamentos formaram o acampamento Primeiro de Agosto e, da mesma forma, houve a formação do acampamento Sete de Setembro, ambos no ano de 2005.

O assentamento Valmir Mota faz parte dos 9 mil assentamentos distribuídos em 26 estados, totalizando cerca de 980 mil famílias assentadas no Brasil, atualmente. Sendo no Paraná, 326 assentamentos com mais de 18 mil famílias assentadas⁸, conforme localização a seguir.

⁴ Sobre este tema ver: MORAIS JUNIOR, Leozil Ribeiro de. **MASTRO**: a formação do movimento dos agricultores sem terra do oeste do Paraná (1970-1990). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon. 2010

⁵ O conceito “brigada” é usado pelo MST para se referir ao agrupamento geoestratégico de um conjunto de famílias que moram nos acampamentos e assentamentos de Reforma Agrária de uma determinada região.

⁶ Também há a Brigada José Martí que se localiza próxima a região de Foz do Iguaçu e a Brigada José Arnaldo, que se localiza próximo a cidade de Umuarama.

⁷ O acampamento Sirlene César é comumente nomeado de Selena Cezar, Cilene Cezar.

⁸ Dataluta – assentamentos de reforma agrária – Data base INCRA 31/12/2015 (atualizado em 18/11/2016).

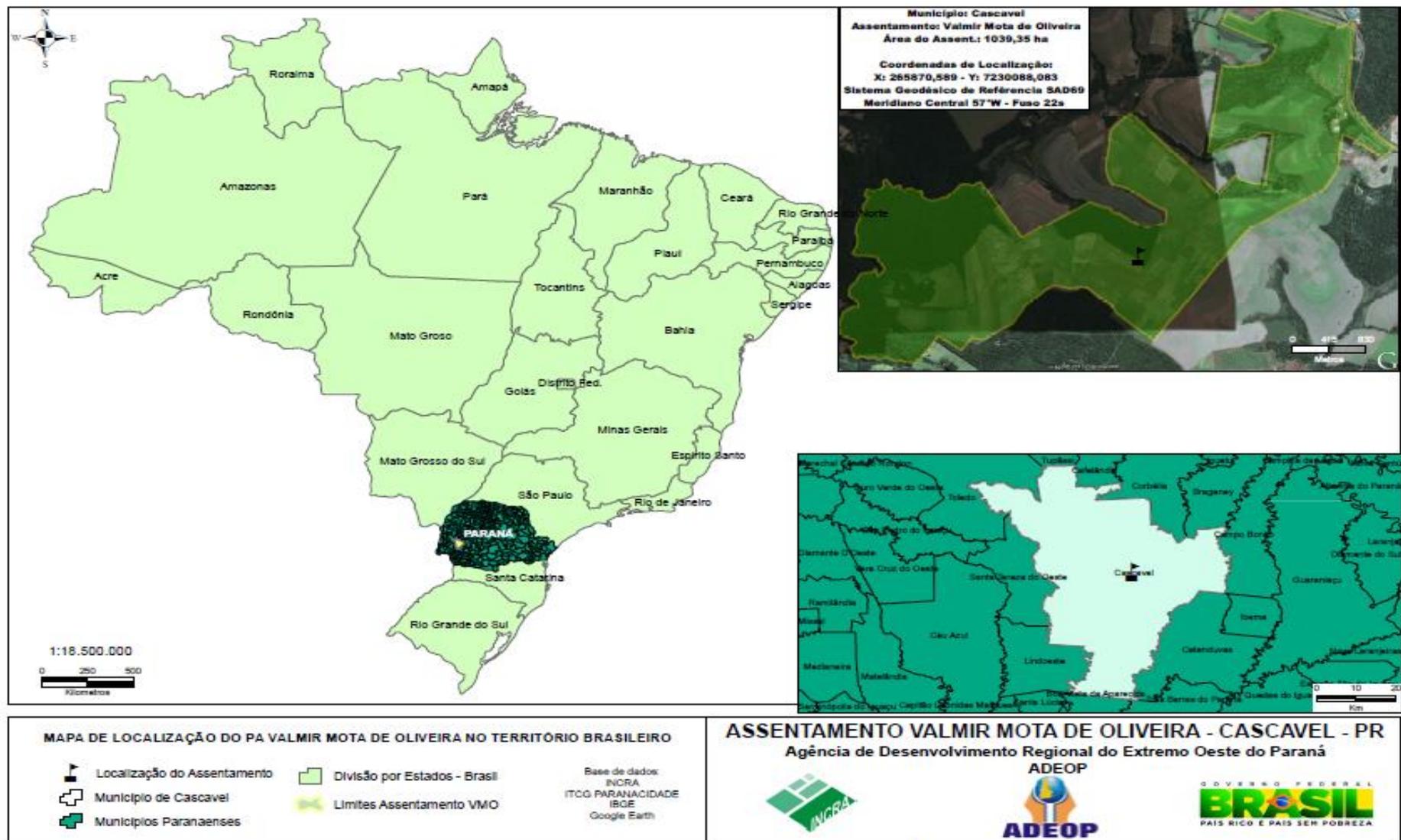


Figura 1 – Mapa de localização nacional e região do Assentamento Valmir Mota – Cascavel, PR.
 Fonte: Dossiê Assentamento Valmir Mota, 2013.

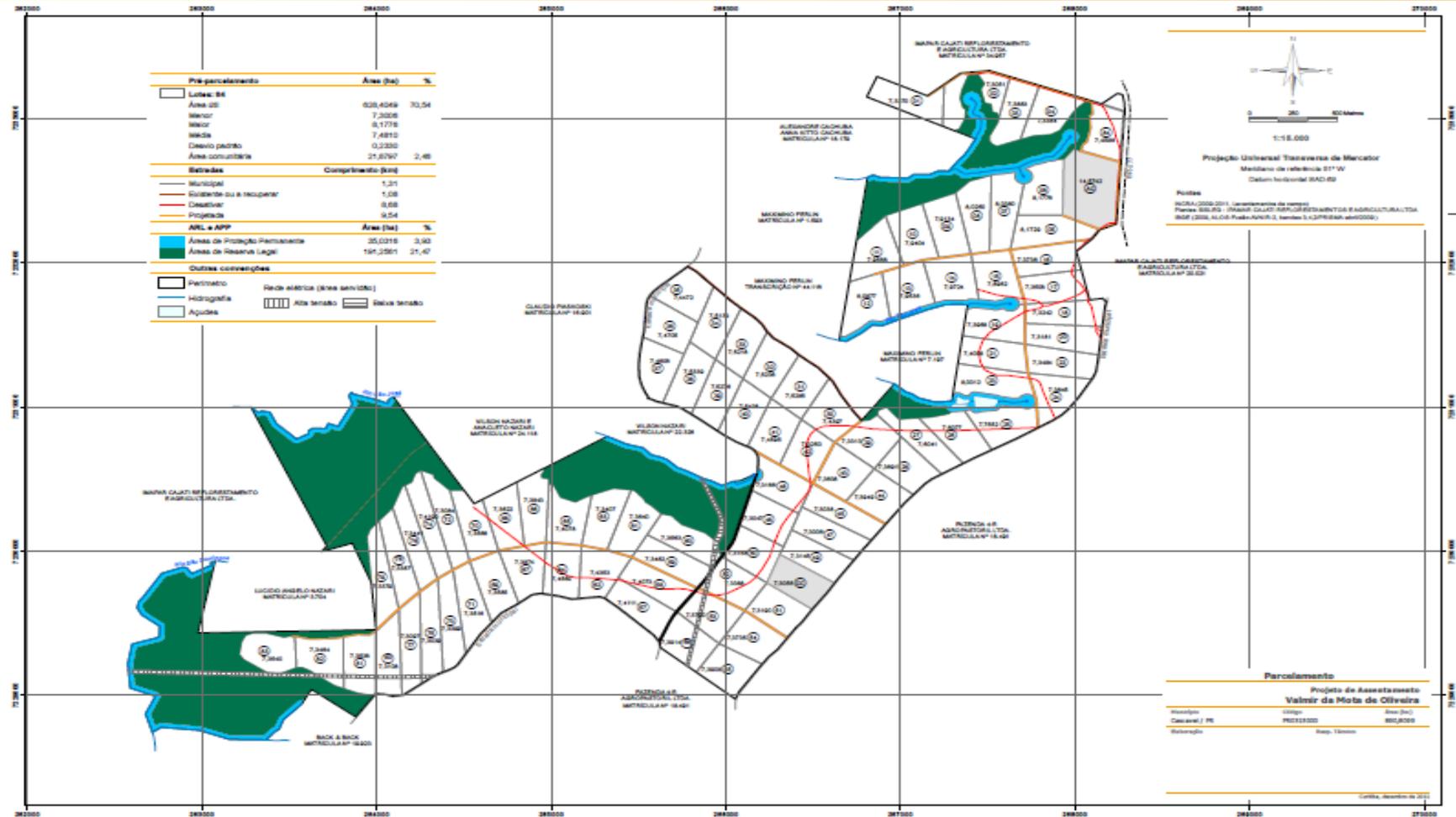


Figura 2 – Projeto das divisões dos lotes no Assentamento Valmir Mota – Cascavel, PR.
Fonte: Dossiê Assentamento Valmir Mota, 2013.

No final de 2013, quando visitei o assentamento Valmir Mota pela primeira vez, participei de um momento de sociabilidade dentro do assentamento, era formatura dos alunos do 3º ano da Escola itinerante Zumbi dos Palmares. Vivenciar a experiência de participar de um momento de confraternização facilitou o modo como fui recebida no movimento. Naquele ambiente me aproximei dos alunos e suas famílias, ambos felizes pelo momento importante em que viviam.

Neste dia, conheci pessoas que tempos depois seriam extremamente importantes para a realização desta pesquisa. Percebemos o quão importante foi a minha aproximação naquele momento e como o contato de uma pessoa de fora do assentamento é vista com cautela. Entendemos isso como um resultado de possíveis embates que ocorreram e um certo alerta de saber quem está por perto, ainda mais com o interesse em saber sobre suas vidas.

Conforme produzi as entrevistas percebi um estranhamento e a não compreensão de alguns sujeitos sobre o porquê a vida deles poderia ser algo interessante. Mas enquanto historiadores sabemos como esse processo é de fundamental importância.

Após estabelecer contato e confiança, retornei em outros momentos para fazer novas entrevistas. Não usei um critério específico para escolher determinadas pessoas para entrevistar, apenas cheguei na primeira casa que tinha alguém para me receber. Sendo assim, após andar três quilômetros fora da Rodovia BR 277, em uma estrada de chão em condições bem ruins, parei em uma casa inacabada, partes de madeira, tijolos a vista, alguns pés de cana pelo lote, algumas galinhas correndo pelo quintal, além de outros animais domésticos, como cães e gatos. Vejo logo atrás da casa um estábulo e algumas vacas de leite pelo pasto, uma horta com algumas verduras e outros espaços ainda por fazer. Era um domingo, pensei que seria um dia fácil de encontrar todos em casa, por ser final de semana, porém, o trabalho com a terra exige cuidados permanentes, independentemente do dia da semana.

Atualmente, o acampamento Sirlene César⁹ não existe mais, este que passou pelo nome de Casa Nova e hoje é chamado de Resistência Camponesa, abrange 70 famílias. A área deste acampamento já foi negociada e comprada, porém, estão aguardando a liberação do dinheiro federal para a regularização da terra.

⁹ Todos os nomes dados aos acampamentos são homenagens em memória de sujeitos emergentes da luta pela terra ou datas importantes que marcaram conquistas. Quando não é sob estas condições, os nomes são atribuídos a algo simbólico para o contexto da ocupação, no caso do acampamento Casa Nova é por conta que na área ocupada havia uma casa velha e que, posteriormente foi reformada pelos trabalhadores, sendo assim, Casa Nova.

No acampamento Dorcelina Folador ficaram 300 famílias. Estas passaram por vários despejos e novas ocupações enquanto negociavam a terra com o governo e o proprietário. Processo que durou mais de 8 anos, entre aceites e rejeições de propostas. Nesse período, os acampados ocupavam beiras de estradas, BRs, se aglomeravam em outros acampamentos temporariamente, até voltarem para a região do Dorcelina Folador.

No acampamento Primeiro de Agosto tinham cerca de 1000 famílias acampadas. Esta região ficava próxima ao acampamento Dorcelina Folador e, assim, plantavam em conjunto. Mas somada com uma série de despejos de outros lugares, formaram o Sete de Setembro no mesmo ano.

Portanto, os sujeitos desta pesquisa são os trabalhadores e trabalhadoras que hoje vivem no assentamento Valmir Mota, mas que passaram por estes acampamentos, ou vieram de outras regiões do estado. Carregados de um processo de uma longa história de luta pela terra.

Minha trajetória de pesquisa na Linha de Trabalho e Movimentos Sociais começa logo no primeiro ano da graduação, com uma iniciação científica sobre a temática do trabalho nos documentos oficiais da educação, Diretrizes e PCNs, seguido por duas outras iniciações que já começariam com o processo de pesquisa que resultou no TCC. Neste trabalhei com a análise do processo de produção avícola vivido pelos sujeitos que trabalham nos aviários de engorda de frango integrados à BR Foods (antiga Sadia), no município de Toledo-PR. A partir da literatura produzida, discuti a visibilidade do trabalhador e as relações de trabalho na avicultura.

O conhecimento teórico obtido nesse período foi fundamental para o crescimento intelectual e pessoal. As maneiras de ver o próprio processo histórico, o trabalhador como sujeito inserido neste processo, e o método do materialismo histórico que nos propõe uma práxis significativa quantos aos estudos sobre as experiências desses sujeitos, além de uma dimensão maior sobre o movimento constante na pesquisa dialética para resultados qualitativos.

Neste sentido, as proposições de Edward Palmer Thompson e a perspectiva da lógica histórica pautada no conceito de experiência e as “evidências interrogadas” entendemos que:

Aquelas proposições do materialismo histórico que influem sobre a relação entre ser social e consciência social, sobre as relações de produção e suas determinações, sobre modos de exploração, luta de classes, ideologia, ou sobre formações capitalistas sociais e

econômicas, são (num pólo de seu “diálogo”) derivadas da observação do suceder histórico *no tempo*. Não se trata de fatos observados em *série*, mas de *conjuntos* de fatos com suas regularidades próprias; da repetição de certos tipos de acontecimentos; da congruência de certos tipos de comportamento em diferentes contextos – em suma, das evidências de formações sociais sistemáticas e de uma lógica comum do processo¹⁰.

Ao partir das “evidências interrogadas” da teoria metodologia de Thompson, buscamos apreender como homens e mulheres agem e pensam dentro de determinadas condições, determinações que são condicionadas e estruturadas nas relações da luta de classes.

Durante a graduação estas discussões foram se desenvolvendo e cada vez mais fazendo sentido para mim e a prática com a pesquisa histórica. Realizei algumas transcrições paralelas a minha pesquisa que desenvolvia ainda na graduação. Uma delas foi de uma dirigente do assentamento Valmir Mota, a Geni Souza, no qual tive mais contato sobre o assunto e me aproximei do assentamento, fazendo algumas visitas para elaboração do projeto de mestrado, no final de 2013.

O contato com os trabalhadores no próprio assentamento me proporcionou o conhecimento do escritório¹¹ que se localiza na cidade de Cascavel. Neste local os trabalhadores do assentamento organizam reuniões e arquivam grande parte dos documentos, além de ser um ambiente de sociabilidade e recepção para os militantes que vem de outros lugares¹².

Na pesquisa além da produção da fonte oral com os trabalhadores assentados tornou-se imprescindível a utilização de documentos produzidos pelo movimento e disponíveis no Escritório Regional do MST, localizado em Cascavel, e diversas outras fontes disponibilizadas pelos assentados, tais como, atas, PDA, entre outros materiais históricos. Além de periódicos e documentos do INCRA.

A problematização que segue a partir da rememoração de fatos vividos diante de um histórico cheio de trajetórias heterogêneas, nos colocaram diante de um enorme leque de experiências de luta pela terra.

¹⁰ THOMPSON. E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de Erros**. Rio de Janeiro, Zahar ed. 1981 pg. 58.

¹¹ Este escritório foi criado no início dos acampamentos, com a função de sediar uma secretaria estadual. Pois esta região tinha uma circulação de aproximadamente 2 mil pessoas. O fluxo de movimentação se fez necessário um ponto de referência entre esses trabalhadores. Atualmente, o escritório abrange a Brigada Teixeira e a região Oeste.

¹² Como o MST é um Movimento nacional e integrado, há um grande fluxo de trabalhadores que visitam outros assentamentos e acampamentos de diversas regiões do Brasil.

Em praticamente todas as entrevistas, encontrei uma dificuldade em comum. Por não seguir um questionário, mas sim, um roteiro com alguns pontos importantes para abordar e de acordo com a fala do entrevistado, fui anotando questões que entendo ser pertinente a retomar; procuro iniciar as conversas com a trajetória de vida antes de conhecerem o movimento. E aí encontra a dificuldade, pois, toda a experiência de vida antes do assentamento parece não importar para os sujeitos. É preciso instigá-los, retomar algumas questões passadas muito rapidamente entre uma narrativa e outra.

A vivencia atual desses trabalhadores parece refletir uma vida toda. Ou seja, essas narrativas são experiências relatadas a partir do presente, cheios de sentidos e significados que são atribuídos a partir dessas vivências. Como nos lembra Alessandro Portelli “[...] a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo depois de reunidos”¹³.

A partir das entrevistas foi possível perceber que alguns desses trabalhadores já tinham contato com o movimento e por suas condições diversas, seja pela de falta de trabalho, exploração, ou até mesmo situações como a perda de terras para bancos o que demonstra as circunstâncias históricas diversas que expropriaram da terra e do trabalho no campo e intensificaram a exploração dos trabalhadores podem ser os sujeitos que compõem o movimento social. Essa característica me impulsionou a pesquisar ainda mais as relações sociais presente em um movimento que luta por transformação social traçando paralelo entre o passado e o presente, afim de compreender as rupturas e permanências desses sujeitos antes e depois de adentrarem no Movimento Sem Terra.

A diversidade da origem dos sujeitos dessa pesquisa já foi abordada em outros trabalhos, como na dissertação do Leozil Ribeiro de Moraes Junior, que pesquisou sobre os processos de organização de trabalhadores rurais na década de 1970 e 1980 para a formação do MASTRO (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Oeste do Paraná), no qual, procura desconstruir as instituições organizativas e a dar visibilidade as famílias no processo de luta pela terra, dando ênfase a luta dos sujeitos para além de lideranças, sindicatos, partidos ou igrejas. Seu trabalho antecede o processo de construção do MST, dando visibilidade à movimentação dos sujeitos da região Oeste paranaense¹⁴.

¹³ PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. **Projeto História**. São Paulo. Educ., n 15, p. 13-45, abril, 1997. p. 16.

¹⁴ Cf. MORAIS JUNIOR, L. R. **MASTRO**: a formação do movimento dos agricultores sem terra do oeste do Paraná (1970-1990). Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História. UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon. 2010

Também contribui para a reflexão desse trabalho a tese do Davi Félix Schreiner, que aborda a experiência e organização da vida cotidiana de trabalhadores rurais nos assentamentos do Sudoeste e Oeste do Paraná, entre os anos de 1985 e 2001¹⁵. E de forma mais ampla, outros trabalhos como a tese da Maria Celma Borges¹⁶ sobre o MST no Pontal do Paranapanema, em São Paulo, entre as décadas de 1990 e início do 2000, na qual a autora faz uma análise das práticas e representações dos trabalhadores rurais no MST, além de uma considerável revisão sobre o histórico de lutas sociais, o processo de união de vários pequenos grupos de trabalhadores como os posseiros, ribeirinhos, arrendatários e até mesmo os indígenas, expropriados de suas terras e que se reuniram na luta pela terra, seja pela conquista ou a permanência na mesma.

O referencial teórico que permeia este trabalho pressupõe a visibilidade e a experiência do sujeito em suas vivências. Diante disso, percebemos as evidências nesse processo histórico que é permeado pelas mudanças. Na produção de entrevistas realizadas com os sujeitos, hoje assentados, é possível perceber que as dificuldades, os conflitos e o medo, estão presentes antes mesmo de fazerem parte do movimento social de luta pela terra. É aí que percebemos que a luta desses sujeitos não começa com a entrada no MST, mas de muito antes. Por isso a busca pela trajetória é fundamental para entendermos elementos que influenciaram e influenciam no processo de formação enquanto sujeitos em movimento e no Movimento de Luta pela Terra.

O assentamento ocupa uma área de 628 ha, dividida em 83 lotes (famílias) de 3 alqueires cada. Quase 3 % dessa terra é destinada para uso comunitário, espaços de sociabilidade, escola, campo de futebol e uma igreja Evangélica. Além das áreas para reserva legal e proteção permanente.

Atualmente, os acampamentos Sete de Setembro e Primeiro de Agosto são permanentes. Essa situação demonstra uma rotatividade constante de trabalhadores que perpassam pelo processo de luta pela terra. Neste espaço, muitas famílias aguardam pela negociação de novas terras para assentar. Além disso, parece surgir aqui uma nova forma de acampamento, os permanentes que acabam funcionando praticamente como local de formação dos trabalhadores rurais sem terra.

¹⁵ SCHREINER, D. F. **Entre a exclusão social e a utopia**: um estudo sobre os assentamentos rurais. Curitiba. CRV, 2016.

¹⁶ BORGES, M. **O desejo do roçado**: práticas e representações camponesas no pontal do Paranapanema – SP./ São Paulo: Annablume, 2010.

Ao entrevistar alguns assentados dimensionamos o quão conflituoso foi todo esse período entre a chegada para a ocupação até o assentamento de forma definitiva. É considerável e significativo para entendermos o viver dessas experiências que reflete no processo durante o longo período que houve desde as primeiras ocupações até o assentamento definitivo com a divisão dos lotes.

Afim de compreender como acontece esse processo, pesquisar sobre o percurso de vida desses assentados é fundamental. Neste sentido Khoury discute uma importante referência metodológica em *Muitas Memórias, Outras histórias*: “No exercício da investigação histórica por meio do diálogo com pessoas, observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como este continua a interpretar o presente, enquanto valores e referências.”¹⁷ A memória da trajetória de vida dos sujeitos, que ali vivem e o engajamento que se propõe, fazem com que se tornem parte do processo histórico de luta pela terra e pela transformação social. E qual é o sentido dessa transformação?

Com o intuito de problematizar as questões citadas acima e outras que se desenvolveram durante a pesquisa, começarei abordando, no primeiro capítulo, a trajetória desses sujeitos antes do processo das ocupações, a experiência de vida, quais os sentidos e significados que esses sujeitos atribuem ao trabalho, a vivência com a lida na terra e, para alguns, a vida difícil na cidade, até chegarem ao processo de ocupação.

No segundo capítulo, ao conhecer as trajetórias e os significados que estes sujeitos atribuem à conquista da terra, discuto o cotidiano dentro do acampamento a partir de uma visão da experiência vivida, já em condição de assentados, os conflitos e as formas que estes sujeitos encontraram para lidar com os enfrentamentos diante da possibilidade da conquista da terra.

Sendo assim, chamo atenção para as dinâmicas no acampamento, como é a divisão das tarefas, as formas de lidar com os demais sujeitos fora do acampamento, os trabalhos fora do acampamento e as dificuldades aparecem das mais variadas formas, além das próprias falas e ações desses sujeitos, também há o fato da existência na trajetória da maioria desses assentados a passagem por quatro acampamentos, ou pelo menos dois deles, antes da demarcação dos lotes. Um longo processo de desocupação, reiteração e conflito; sendo essa a proposta de problemática para o segundo capítulo da dissertação.

¹⁷ KHOURY, Y. A. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, D. R. et al. (Orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2004. p.118.

E, por fim, no terceiro capítulo abordo o período do assentamento. Os 4 anos vividos pelos trabalhadores sem terra nos lotes divididos, os embates experimentados atualmente entre os sujeitos, por exemplo, quais as condições de viver em um assentamento há apenas 15 quilômetros da cidade? Qual a reflexão que eles, olhando para todo o processo vivido fazem? O que alterou ou permaneceu na vida desses sujeitos? Quais as transformações e permanências dentro do movimento atualmente? O capítulo discute se aquele sujeito que foi em até o Movimento Sem Terra pelos mais variados motivos ainda continua com as mesmas perspectivas? Em que momento esse trabalhador se torna um sem terra? São reflexões pautadas a partir dos interesses, vivências e projetos em disputa no interior do assentamento, na qual, grande parte dos sujeitos estão no Movimento de Luta pela Terra há quase 20 anos.

Capítulo I

A luta pela terra como projeto de vida no processo de formação dos trabalhadores sem terra

Desde criança escuto meus pais, estes que sempre foram trabalhadores e com ensino fundamental incompleto, afirmarem que a única forma de um pobre “se dar bem na vida” é estudando e trabalhando. Aquele que não precisa disso é porque pertence a uma família rica e que, possivelmente, ganhará herança.

Esta compreensão de vida confortável não é exclusiva de meus pais, mas sim, de parte da classe trabalhadora, seja do campo ou da cidade. O sonho da casa própria, um lote ou um pedaço de terra para plantar por vezes é uma motivação para buscar novas possibilidades. O decurso para essa procura é o que constrói a experiência e as vivências desses trabalhadores.

Neste sentido, chegamos a questão central deste capítulo. A trajetória de vida dos sujeitos que hoje se encontram em um mesmo lugar. Yara Aun Khoury elabora algumas reflexões relevantes que identifica “o que é central na incorporação de grupos formados por homens e mulheres de diferentes procedências, mas que compartilham elementos e identidades em comum na luta pela terra?”¹⁸ Com relações por vezes subalternas e quão heterogêneas podem ser as origens de uma vontade em comum.

Ainda assim, o cotidiano dentro do assentamento é permeado de situações comuns de qualquer outro grupo social. Afinal, esses sujeitos não estão paralelos as práticas de sociabilidades.

Em meio a um momento de descontração, pude conhecer algumas famílias e fazer parte de uma festa comunitária no assentamento. Observar a organização de todos que estavam presentes, desde os preparativos com os enfeites e decorações, organização com os aperitivos e a cerimônia em si.

No primeiro dia de visita ao assentamento obtive vários contatos e, entre os formandos estava Aline, filha de Vanilde Capeleto Krain, com a qual voltaria a estabelecer contato, posteriormente, quando retomei a pesquisa.

Após 2 anos da cerimônia de formatura, volto ao assentamento e, por acaso, chego a casa de Vanilde. Nesse momento com 47 anos de idade, morando apenas com o esposo

¹⁸ KHOURY, Y. A. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Org.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006. p. 37.

e a filha mais nova, Luciana, que já havia terminado o ensino básico e estava se preparando para casar. Aline já havia formado sua família e fixado residência no mesmo lote. Neste dia, Aline não estava presente.

Sou bem recebida e convidada a me sentar ao redor da mesa servida com café e bolo. Seu esposo estava fora, cuidando da roça. E com um roteiro simples com questões básicas, a partir de alguns temas que direcionasse a trajetória de vida até a chegada ao assentamento, começamos a entrevista.

Nascida no Paraná, ainda quando criança, antes dos seis anos, Vanilde mudou-se várias vezes com a família e dentre essas mudanças deslocou-se para fixar moradia no Paraguai. Por ter trabalhado na roça desde criança, não teve a possibilidade de estudar, seu pai arrendava terra, mas não era suficiente para manter uma vida tranquila com a família, passaram por muitas necessidades básicas sem ter o que comer e vestir, assim a busca por novas possibilidades era constante, dificilmente se mantinha em um mesmo lugar por mais de um ano.

A família de Vanilde não é a única neste assentamento a ter em sua trajetória de vida passagens por vários lugares na busca por uma vida melhor. Em boa parte das histórias dos sujeitos neste capítulo são semelhantes no que se refere a migração entre o Brasil e o Paraguai, fenômeno histórico experimentados pelos trabalhadores rurais e pequenos proprietários de terra da região Oeste desde a década de 1970, pelo menos; e não apenas porque é próxima da fronteira.

Esta característica fronteiriça da região Oeste tem uma histórica e conflituosa trajetória de trabalhadores presentes no espaço da fronteira entre Brasil e Paraguai. Este tema tem sido objeto de estudos em várias áreas na academia, seja na área de humanas ou agrárias. Uma história de conflito agrário que se intensifica a partir do processo da construção da usina hidroelétrica Itaipu Binacional¹⁹, na década de 1970 até os dias atuais, envolvendo sujeitos que formaram vidas e famílias nesse percurso.

As dificuldades para permanecer em terras paraguaias também são justificadas pela falta de assistência social básica aos brasiguaios. Esses que tem dificuldades em

¹⁹ A história nos ajuda a compreender um pouco mais o contexto dessa condição precária de muitos sujeitos que de forma compulsória, na maioria dos casos, migraram para esta fronteira. A construção da hidrelétrica de Itaipu foi um dos maiores motivos. Esta construção mexeu irrevogavelmente em mais de 100 mil hectares, atingindo vários municípios da região oeste, totalizando 9 mil famílias desabrigadas. Com um ressarcimento a baixo do valor real das terras no Brasil, muitos sujeitos buscaram terras no Paraguai pelo seu baixo valor. Ver mais sobre em: SCHMITT, J. V. **Os atingidos por Itaipu**: história e memória. Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000. Dissertação (Mestrado em História) Marechal Cândido Rondon: Unioeste. 2008.

regularizar documentos. Esta prática omissa da parte do Estado para com estrangeiros os deixam a mercê. Conforme aponta Fabrini, “o que faz do sujeito social um *brasiguai* não é apenas a sua organização nos movimentos sociais, mas, também, a sua precária territorialização e mobilidade no espaço de fronteira”.²⁰

Sabemos que a fronteira do Brasil com o Paraguai é conflituosa devido a exploração, expropriação e violência presente, para além de questões culturais como o próprio idioma e costumes distintos.

Ao final da década de 1960, o presidente Alfredo Stroessner permitiu a abertura de compra da terra por estrangeiros. Foi a abertura para os grandes latifúndios e os impasses com os moradores nascidos no Paraguai. Muitos paraguaios veem os brasiguaios como aqueles que lhes roubaram a terra. Esta visão atinge desde o grande proprietário de terra até a pequena agricultura familiar, está última, mais estigmatizada ainda. Com isso, os pequenos agricultores contraíram muitas dívidas e por não conseguir pagar acabaram entregando suas terras para os bancos²¹. No que se refere a uma parte dos pequenos agricultores que ainda possuíam algum pedaço de terra, mas que na grande maioria, os brasiguaios são sujeitos que eram apenas trabalhadores rurais²².

Esses trabalhadores se unem em uma partilha de condições similares. Movidos por um contexto de lutas e resistências, iniciados na década de 1980, pela busca do direito a se fixar em um lugar.

Ainda que sejam sujeitos com condições de classe homogênea e com lutas semelhantes, encontramos algumas contradições nos processos de identificação, pois algumas famílias brasiguaias têm algum tipo de relutância ou preconceito com o Movimento Sem Terra no Brasil. Percebemos isso na fala da Vanilde, quando lhe pergunto onde ela morava e sobre o possível conhecimento ou participação de algum movimento social lá:

Cintia: Que lugar do Paraguai que vocês moravam?

Vanilde: No Lote Nove.

²⁰ FABRINI, J. Os *brasiguaios* e conflitos na fronteira. **Revista Geografares**. n°8. 2010. p. 01-28. p. 01.

²¹ Idem, 2010.

²² Existem vários trabalhos sobre a dinâmica territorial na fronteira, principalmente na área de geografia o que nos permite certa interdisciplinaridade para este assunto em específico. Carlos Albert Ferrari, faz uma discussão sobre esse tema em sua dissertação de que há uma distinção sobre quem é considerado brasiguai, pelos próprios paraguaios e brasileiros, o que indica que essa formação de identidade “está assentada numa relação de classe e não na nacionalidade, costume, religião etc”. FERRARI, C. **Dinâmica territorial na (s) fronteira (s):** Um estudo sobre a expansão do agronegócio e exploração dos brasiguaios no Norte do Departamento de Alto Paraná Paraguai. Dissertação (Mestrado em Geografia) Dourados: UFGR. 2009. p. 15.

Cintia: Lote Nove quer dizer o quê?
Vanilde: Era uma vilinha onde nós morávamos.
Cintia: Não era acampamento... não fazia parte de nenhum movimento?
Vanilde: Não, Não. O que invadia terra mesmo era só os camponeses, só os paraguaios, os brasileiros não tinham vez. Daí nós morava numa vilinha assim²³.

A palavra “invadia” se referindo as ocupações dos camponeses e “os brasileiros não tinha vez” demonstra que não havia afinidade ou um sentimento de pertencimento sobre o movimento.²⁴ Por mais que essa família estivesse em condições parecidas ou iguais as demais famílias do Movimento Camponês, havia certo distanciamento, o que nos faz questionar como o movimento de luta pela terra, de forma mais ampla abrangendo os movimentos sociais de luta pela terra no Brasil também não são homogêneos e os vários impasses ocorridos dentro de um movimento que luta por uma sociedade mais justa e igualitária se depara com conflitos internos vindo de toda história e experiência vivida e refletida em suas ações dos sujeitos.

Seria finalmente a possibilidade de conquista da terra? Uma vez que a conquista por um pedaço de chão é colocada como o símbolo principal de sobrevivência. Para algumas famílias que foram entrevistadas, por vezes, esses dois processos apareceram como obstáculo, a princípio. Vanilde expressa uma vida difícil e desmerecida no Paraguai. Quando lhe pergunto o que ela fazia lá:

Vanilde: Eu não fazia nada, porque não tinha o que fazer eu mesmo, aí o meu esposo vivia trabalhando um dia aqui um dia ali quando achava serviço.
Cintia: E quando ele achava serviço era em que?
Vanilde: Na roça assim... carpi soja... ou na época ainda passava veneno a manual, era assim²⁵.

²³ KRAIN. V. C. Entrevista concedida em 17 de junho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência da entrevistada no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 41min.27s.

²⁴ É necessário considerar que existem diferentes movimentos no Paraguai, dos quais muitos se pautam pela solidariedade entre os povos e não pressionam os camponeses *brasiguaios*, como é o caso das lutas organizadas pelo Movimento Camponês Paraguaio (MCP), a Federação Nacional Camponesa (FNC), a Organização Nacional Camponesa (Onac), dentre outras organizações. Essas organizações ocupam terras pertencentes a latifundiários brasileiros especializados na produção de soja no Paraguai, a fim de pressionar o governo a realizar a reforma agrária no país. Esses movimentos contam, inclusive, com a participação de *brasiguaios*. FABRINI P. 09.

²⁵ KRAIN. V. Entrevista citada.

Seus afazeres domésticos, o cuidado com os filhos, com a casa não é reconhecido, por dona Vanilde, como um trabalho considerando e qualificando apenas a lida esporádica fora de casa do marido.

Essa experiência é considerada por ela como negativa, ruim, o que fazia com que ela temesse que no Brasil fosse igual. Em alguns momentos ela aponta que não há arrependimentos dessa mudança. Afinal, depois de tantos anos, tantos enfrentamentos para chegar a estabilidade do lote²⁶, se arrepender parece estar fora de cogitação na vida desses sujeitos.

Vanilde é um exemplo que se repete com frequência entre os demais sujeitos. Desde o momento em que teve conhecimento do movimento até sua vinda:

Vanilde: É porquê...tinha umas amigas nossa que veio se acampa. Daí através dela, o cunhado dela veio, e daí veio olhar o lugar, e daí foi, nos avisar. E daí meu marido veio, olhou o lugar, também gostou. E daí ele fico vinte e dois dias ali... menina do céu, na acampado, sem sabe notícia de nada, porque não tinha telefone na época lá, nada, né?!

Cintia: Isso foi em que ano?

Vanilde: Dois mil e... dois. E daí ele voltou para lá busco nós... e... nós enfrentamos. Mais não me arrependi não.

Cintia: E quando ele voltou para lá? Ele disse o que para você?

Vanilde: Ah... ele falou que ali era um lugar bom, era uma terra boa que ali nós podíamos fazer nossa vida. Porque ali onde nós morávamos no Paraguai não tinha nada. Nem para come direito na verdade né. E daí eu nem queria vim, porque a gente não conhecia, tinha as piazadas tudo pequeninha, mas viemos.

Cintia: E a senhora diz que não se arrependeu...?

Vanilde: Não, nem um pouquinho, se soubesse tinha vindo antes ainda²⁷.

A vinda do seu esposo para conhecer e saber como funcionava o acampamento, trouxe mais segurança para tal mudança, uma vez que as condições não se diferenciavam muito da vida no Paraguai, segundo Vanilde, que chega a mencionar o temor de não conseguir se aposentar por ter vivido um período em outro país²⁸.

Aqui temos o trabalho com a memória do sujeito. Situação que permeia o processo da entrevista com todos os sujeitos. Uma narrativa que exponha a trajetória de vida, afim de entender os sentidos e significados que cada um atribuem, a partir do vivido, sobre o

²⁶ Lote é como é chamado pelos assentados o pedaço de terra conquistado e onde fixarão moradia.

²⁷ KRAIN, V. Entrevista citada.

²⁸ Somente em 19/05/2011 entra em vigor o Acordo Ibero-americano, que prevê acordo previdenciário entre o Brasil e o Paraguai, dentre outros países da América do Sul.

viver no assentamento, a luta e conquista da terra e o que significa uma luta por transformação social.

Neste sentido, Alistair Thomson, que trabalha com fonte oral, faz uma reflexão pertinente:

O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido mais satisfatório à nossa vida, à medida que o tempo passa, e para que exista maior consonância entre identidades passadas e presentes²⁹.

Compreendemos que o sujeito reconstrói a memória a partir do passado, das experiências vividas pelo entrevistado, o sujeito ao rememorar suas experiências narra a sua versão dos fatos, o que não quer dizer que tenha acontecido exatamente daquele jeito, mas tendo refletido no presente algo importante, significativo que o fez lembrar do passado, trazendo uma reconstrução selecionada na memória do sujeito, a partir de uma análise atual.

Diante disso, esses sujeitos também se deparam com o medo de viver novas experiências ruins, uma vez já vividas, porém, as suas falas trazem esse medo contido pela esperança, ou uma ideia, ou a força, de enfrentar as dificuldades a fim de conseguir o seu pedacinho de terra.

No período da entrevista com a dona Vanilde, ela olha para trás, no que já aconteceu na sua vida, e expõe uma outra visão, uma visão de quem já está dentro do movimento para com quem ainda está fora, passando pelas dificuldades e medos que ela própria vivenciou.

Diante disso, lhe pergunto se ela tem parentes pela região na qual moravam lá no Paraguai e, Vanilde e sua filha, Luciana, conseguem apontar e reconhecer em seus parentes as mesmas dificuldades e medos que tiveram:

²⁹ THOMSON. A. Recompensando a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, 1997, p. 57. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224>>. Acessado dia 10/05/2017.

Vanilde: Nenhum, nenhum. Não quiseram vir menina. Eu fui umas duas vezes para o Paraguai para buscar eles, tão lá ainda.

Luciana: Sofrendo também.

Cintia: Toda sua família está no Paraguai?

Vanilde: Todos sofrendo, desempregado menina do céu. Tudo meio doente. Não teve jeito de trazer eles para cá.

Cintia: Mas por quê? O que que eles falam?

Vanilde: Não sei. Acho assim que eles não conhecem aqui ainda.

Cintia: Mas eles não veem o exemplo de vocês?

Vanilde: Então, mas acho assim que é o fim do mundo. Não sei o que eles pensam assim, na cabeça deles assim. Que quando... quando assim... porque eu quando vim mora para cá eu também não conhecia o Brasil. Que nem eu falei, quando eu fui para o Paraguai eu não tinha nem seis anos, né?! E vim para cá com trinta e poucos anos... e que nem eles pensam às vezes assim, que é ruim, não sei o que que eles pensam.

Cintia: Mas eles acham que a condição que eles estão agora é boa?

Vanilde: Lá?

Cintia: É.

Vanilde: Aí meu Deus. Como?

Cintia: Assim, o que eles pensam? Não o que vocês...

Vanilde: Não sei o que que eles acham, porque desempregado...

Luciana: Ainda mais no Paraguai, que é difícil as coisas, né?!

Vanilde: Ainda tem um que paga aluguel, sei lá o que que eles pensam

Cintia: Mas eles conhecem o Movimento?

Luciana: Não quiseram nem vir para conhecer

Vanilde: Nem conhecer o nosso lugar aqui eles não quiseram vim.

Luciana: Nem para visitar nós.

Vanilde: Fui para o Paraguai lá busca eles, levei, falei assim, vocês não têm condição. Por que lá não tem... eles não têm condição de vim.

Cintia: E eles não participa de nem um movimento lá?

Vanilde: Nada, não quiseram nem vim conhece. Fazer o quê? Minha parte eu fiz.

Cintia: Mas a senhora acha que isso pode ser o que?

Vanilde: Não sei, acho que o medo. Eu também tinha medo de vim. Até que o meu marido foi para a busca nós, falei assim, mas eu não quero ir, eu não conheço o Brasil. Falei assim, que tipo dum sem terra. Eu pensava assim, né, como é que nós vamos se vira lá. Mas daí na mesma hora eu pensei como é que nós tá se virando aqui também, né. Não tinha nem comida direito, para nós come lá, que era difícil, né. Ah, então vamos e seja o que Deus quiser. Temo aí ó, sossegado hoje.

Luciana: E eles poderiam estar sossegado também, né?!

Vanilde: Pois é³⁰.

Em sua fala, dona Vanilde faz um exercício de reconhecimento do processo, um misto de receio e de possibilidade de mudança, além da visão de um sem terra para o outro. Quando ela diz que “Eu pensava assim né, como é que nós vamos se virá lá. Mas daí na mesma hora eu pensei como é que nós tá se virando aqui também, né”, ao perceber que as

³⁰ Idem, Ibidem.

circunstâncias de vida no Paraguai eram ruins e a possibilidade de melhorar a condição de vida com a conquista tão sonhada do pedaço de terra, somada aos elogios feitos pelo seu esposo, sobre o novo lugar do acampamento, talvez tenha feito que a barreira construída pelo medo diminuísse.

Sua frustração em não conseguir convencer seus familiares de que também poderiam melhorar de vida se faz presente. Mas ver o exemplo de uma melhora de vida talvez ainda não seja o suficiente para algumas pessoas. Talvez as relações entre eles tivessem conflitos, o que poderia gerar algum tipo de desconfiança. Pode existir um leque enorme de motivos nas relações, assim, afetando a vontade de terceiros para seguir na mesma luta, momentos esses que talvez tenham sido omitidos pela entrevistada, ou que realmente não houvesse identificação.

Essa situação vivida por dona Vanilde e seus familiares, enquanto sujeitos vindos do Paraguai, que na sua grande maioria são brasiguaios, não é isolada. Durante as minhas visitas ao assentamento, conversei com outras famílias que também tinham em sua trajetória de vida o deslocamento para Paraguai. Em grande parte, pessoas que nasceram no estado do Rio Grande do Sul e se deslocaram para o Paraná projetando uma vida melhor.

Neste sentido, a gaúcha Leonir, de 66 anos, relembra uma trajetória de vida conflituosa e com muitas dificuldades. Com pais separados, Leonir morava apenas com a mãe e viviam do que produziam da própria terra. Mas como ela mesmo conta “nós vivíamos comendo o pão que o diabo amassou com os pés”, ao lhe questionar como era a vida naquela época, e assim ela continua:

Leonir: Ah, quando eu tinha 13 anos, meu pai se separou da mãe. Quando nós íamos na aula, de manhã, quando tinha geada, tinha missa, nós tínhamos que ir na missa, por que era, se não nós íamos ganhar falta, na aula, porque a igreja era a escola. Daí um certo dia caiu geada e nós tinha que levantar e ir, sem casaco sem nada, porque nós não tínhamos roupa pra por. Daí outras crianças que não vieram, daí o professor cobrou depois fortemente elas: “Vocês que tem roupa, vocês que tinha casaco, vocês não vieram. A Leonir veio. Sem casaco. E mais longe ainda.” Que eu tinha que caminhar muito. Ah, mas eles deixaram as oreia caída. Assim era nossa vida. O que nós colhíamos, colhia batatinha, o pai escolhia primeiro as mais grande, levava e não volto mais um tostão. E nós tinha que descascar. Agora esses dias falei ainda para minha neta, batatinha... mais de oitenta, nós sentávamos de manhã e descascava. Batatinha assim, as mais fininhas. Para comer de meio dia. Lá como nós. De repente nós começamos a trabalhar na roça, e não

entregamos mais nada. Isso aqui é nosso. Nós que trabalhamos para isso, é nosso³¹.

As dificuldades são expostas e lembradas como algo que tenha lhe deixado forte para a vida. Os problemas que a família enfrentava com o pai ausente, que tirava do sustento de dentro de casa para levar para outra família constituída fora do casamento, fez com que tivessem que se virar sozinha com sua mãe e seu irmão, incluindo enfrentar o próprio pai.

Como vários outros sujeitos dessa pesquisa, Leonir cresceu trabalhando na roça da família. Aos 23 anos se casou, seu esposo, também do interior do Rio Grande do Sul e com condições parecidas, conforme ela relembra quando lhe pergunto sobre a origem de seu esposo:

Leonir: É, mais ou menos a mesma lida. Também pobre. Mesma lida, mais ou menos. A mãe dele faleceu cedo, ela estava acho que uns dois anos de cama, até que ela faleceu. Daí ele gastava bastante, o sogro, modo de doença, perdeu umas crianças, um com dez anos. E assim era a luta deles³².

Aparentemente, Leonir conta essas histórias de vida com sentimento de conformidade, pois era assim que a maioria das famílias e conhecidos da época viviam. Não é à toa que várias pessoas fariam um trajeto semelhante na busca por uma vida melhor.

Neste período, década de 1970, o Oeste do Paraná era visto como um lugar novo e de oportunidades de trabalho para começar uma vida nova. Sendo assim, seu esposo veio para o Paraná procurar melhor condição de vida. Chegando aqui, soube de outra possibilidade considerada boa, por ele, na Argentina e na mesma perspectiva foi para lá, mas diante das dificuldades encontradas, após um ano, voltou para seu estado de origem, para buscar Leonir e retornar para o Paraná.

A situação de que o marido vai na frente para conhecer o lugar antes, também é uma prática recorrente entre esses sujeitos, muitas vezes a esposa fica em casa para cuidar dos filhos, à espera de um aval positivo de mudança exposta pelo marido.

Esta família já tinha parentes na cidade de Santa Helena, então foram para lá trabalhar de arrendatário. Porém, em busca de uma vida melhor, se mudaram algumas

³¹ MAINARDI. L. B. Entrevista concedida em 18 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência da entrevistada no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 1h50min.45s.

³² MAINARDI. L. Entrevista citada.

vezes para o Paraguai novamente, até conseguirem comprar um alqueire de terra, conforme situação lembrada por Leonir:

Leonir: E daí ele voltou, casemos, e viemos embora para o Paraná. Ele tinha um irmão aqui, morando já em Santa Helena. Nós viemos parar ali. Arrendemos terra e fomo trabalhando, entregando... no primeiro ano, nós colhemos 300 sacos de milho, e 280 de soja. E daí eu grávida, mês de junho, para mês de julho, meu piá mais velho nasceu. Daí tudo aquela soja, nós fomo cortando lá “muquezinho”. Daí tinha um baiano. Não era baiano esse, esse senhor ele era da “cor”, daí ele tinha plantado uma soja mais cedo, e o nosso era um pouco mais tarde, o nosso era Nova Santa Rosa, naquela época. E o dele já era a soja Paraná, ele plantou. Então, nós fomo lá e pedimos para trocar dia. O teu já tá maduro, nós vamos ajuda pra vocês agora, do jeito que nós trabalhamos, e vocês assim vão devolver os dias do jeito que são acostumados a trabalhar. Eles pegavam cedo e ia até as três horas, não fazia meio dia. E nós onze, onze e meia nós parávamos, ia em casa, uma hora até as seis mais ou menos, ia trabalhar de novo. Então nós trocávamos dia e colhemos tudo, à muque então. Assim era nosso começo.

Cintia: E vocês ficaram quanto tempo nessa vida? Nesse lugar?

Leonir: Nesse lugar nós ficamos um ano, daí mudamos para outro lugar, que nós precisamos de entregar menos, lá era as meias, o que nós colhíamos, tudo às meias. Tinha que entregar as meias. Daí depois já era duas partes para nós, e uma para o patrão. Era um pouco mais melhor. Daí nós ficamos ali dois anos, e daí fomo morar na Ponte Queimada, ali nós compramos já um alqueire de terra.

Cintia: Vocês juntaram o dinheirinho e conseguiram comprar?

Leonir: Sim. E aí nós fomo continuando. Nós estávamos morando ali um tempo, daí fomo um pouco pro Paraguai, mas pouca gente que sabe que fomo morar no Paraguai.

Cintia: Mas por que que vocês decidiram ir para o Paraguai?

Leonir: Ah, todo mundo falou “o Paraguai é bom, o Paraguai é melhor”, “lá a gente conseguiu mais terra” e lá fomo os bobos trabalhando³³.

Leonir lembra sua trajetória e modo de vida e trabalho. As negociações entre eles, a rotina para o trabalho com a terra, um trabalho manual, como Leonir aponta “cortando lá no muquezinho”. Importante frisarmos aqui essa prática que ocorre, muitas vezes, entre uma narrativa que rememore o passado, ser lembrada e construída a partir de fatos pessoais ocorridos e não por datas, propriamente.

Em busca de novos trabalhos, mudaram-se e após três anos conseguiram o pedaço de terra. Porém, mesmo após comprar a roça própria, foram em busca de melhores

³³ MAINARDI. L. Entrevista citada.

possibilidades no Paraguai, com a mesma promessa de ser um lugar bom para trabalhar. Da mesma forma que muitas outras famílias, também foram.

Cintia: E nesse período todo mundo estava com esperança no Paraguai?
Nas terras lá?

Leonir: Sim, sim.

Cintia: E foram muitas pessoas?

Leonir: O meu cunhado foi antes que nós, ele era o primeiro que entrou lá, daí nesses dias foram umas 4, 5 famílias com ele morar para lá. Então meu outro cunhado veio de volta e falou assim: “ó, de repente eles tão lá, em dois, três anos, eles vão ter ônibus e vão ter um pouquinho de vida lá. Mas de repente eles tão dez anos lá no meio do mato, sem ver ninguém, quase”. Porque era no sertão, que eles foram morar. Ano depois nós fomos se enfiar lá também. E assim foi indo, daí foi...

Cintia: Ficaram quanto tempo lá?

Leonir: Lá nós ficamos um par de anos. Daí voltamos para os Sem Terra, aqui. Mas certas pessoas eu não falei, que nós estávamos morando no Paraguai. Porque não dá para falar.

Cintia: O que pode acontecer?

Leonir: Ah, a gente não consegue se aposentar...³⁴

Mas como ela mesmo indica de forma expressiva “lá fomo os bobo trabalhando”, as coisas não foram tão melhores assim. Com a expectativa de “ter um pouquinho de vida lá”, muitas famílias também foram e com o tempo a frustração de não ter o conforto desejado. As dificuldades se apresentavam ainda maiores de onde estavam antes, no Paraná, no caso. Sem saber ao certo quando tempo ficou por lá, ou mesmo, sem querer relembrar esse período, Leonir mais uma vez coloca a questão de que poucas pessoas sabem de onde veio, antes de chegar ao acampamento onde vive hoje.

É um tanto quanto curioso ela justificar seu medo em falar de onde veio, até chegar no acampamento, na época, uma vez que, cerca de 30 % das famílias que vivem no assentamento tiveram a mesma ou parecida trajetória. Muitas dessas famílias, assim como ela, conheceram o MST através do trabalho de base feito por alguns integrantes do MST no Paraguai.

Na organização do movimento existe um grupo que está direcionado ao Trabalho de Base³⁵. Esse trabalho é desenvolvido em formato de reuniões no qual são repassadas

³⁴ Idem, Ibidem.

³⁵ No Movimento esse trabalho expressado como fundamental para o quê e por que o povo acredita. Respeitando seus valores, crenças e seus símbolos, buscando através da reflexão dar-lhes novo conteúdo. De início esse trabalho se configura desde a inscrição da família no acampamento até a inclusão em algum grupo de organização, seja ele da alimentação, higiene, estrutura, finança, escola, entre outros. E funciona no seguinte modo: quando a família chega ao acampamento, eles são inseridos em um grupo e em reuniões

orientações de como funciona dentro dos acampamentos, direcionadas às pessoas que estão entrando no movimento, por dirigentes considerados pelos integrantes como mais politizados e mais engajados. Afim de inserir esses sujeitos, que demonstraram interesse em viver e participar de um projeto de luta social, de forma coletiva, pela terra.

Outra trajetória de vida com características e vivências parecidas com a da Leonir, é a experiência de Osvaldo. 53 anos de idade, natural de Venâncio Aires, RS. Chegou no Paraná ainda criança. Seus pais tinham um sítio lá, mas por desavenças com os vizinhos, venderam tudo.

Osvaldo: Porque o pai lá ele morava lá ele tinha a terra dele e tudo bem organizado na luta dele e daí eu desconfio que tinha alguma perseguição, porque ele pensou de vende a terra, não se dava muito, porque meu pai é muito trabalhador, daí tinha a família do lado que só pensava em rouba dele...³⁶

Apesar da pouca idade quando saiu do Rio Grande do Sul e veio para o Paraná, com cinco anos de idade, Osvaldo parece trazer em sua narrativa uma defesa à posição de seu pai. Como se quisesse se justificar e frisar a honestidade do pai e a injustiça dos vizinhos. Uma vez que tinha a sua própria terra, mas teve que vendê-la a preço inferior do que valia para não causar conflitos maiores.

Osvaldo: Aí ele acabou vendendo, daí como ele queria vende a terra tinha dois compradores, aí um comprador perseguiu ele, eu me lembro, eu era um piázinho desse tamanho, ele chegou, o sol saindo ele chego pra destruí a vida dele, ele nunca quis problema com a justiça nunca, aí ele pegou e vendeu a terra pro homem era o primeiro que era o comprador, né?! Não quis sair fora ele disse, venderam então é pro primeiro, não é o segundo. Aí vendeu a terra e veio para o Paraná... daí foi procurar um pedaço de terra e daí já foi assaltado na casa de um conhecido dele, eu estava acampado com ele, eles achavam da terra daí foi assalta, roubaram o dinheiro dele, daí ele foi atrás e conseguiu... conseguiu, ele perdeu um pouquinho... de lá... ele... 8 filhos, pra sustenta 8 filhos depois que estava na estrada se não tá em cima da terra é complicado, o dinheiro vai. Aí ele foi mora de agregado, foi trabalhando, compro um pedacinho de terra, aí surgiu um jornal que tinha terra no Paraguai, aí eu tinha 14 anos já aqui no Paraná, daí fomo para o Paraguai compramos uma terra lá, daí lá eu fui me criando, lá no

ou assembleias, com os coordenadores de cada grupo e dirigentes, é exposto como funciona o acampamento e as normas.

³⁶ HORBACH. O. Entrevista concedida em 16 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 46min.30s.

meio daqueles matão lá, trabalhando, muita família que foi pra lá. Daí... fiquei com meu pai até os 26 anos, daí sai pra trabalhar pra mim lá...³⁷

Depois de uma saída conflituosa da cidade de origem, Osvaldo e sua família, composta por 8 irmãos, tiveram uma chegada turbulenta no Paraná. Com a perda de parte do dinheiro da venda da terra, conseguiriam guardar dinheiro para buscar melhores condições e, mais uma vez, o Paraguai foi a luz no fim do túnel.

Quando Osvaldo completou 26 anos saiu da casa dos pais, no Paraguai, e foi trabalhar em uma empresa que tinha no interior da região que a família morava. Aos 33 casou-se, teve 2 filhos e morava de agregado até que no ano de 1999 participou de uma reunião organizada pelos dirigentes que compunham o trabalho de base dos acampamentos do Complexo Cajati no Paraguai. No mesmo ano voltou para o Paraná com a sua família, esposa e filhos, direto para o acampamento.

Ao terminar a conversa com Osvaldo, se aproxima um vizinho para pegar um material emprestado. Nos apresentamos. Era Nelson, outro gaúcho que compartilhava experiência parecidas com a de Osvaldo e, gentilmente, apontou o lado da sua casa para que eu pudesse visitá-lo também.

Entre uma entrevista e outra, sempre acontecia de um vizinho aparecer. Algumas casas são mais próximas do que outras, dependendo da direção em que a casa foi construída. Algumas chegam a ter a distância de 2 quilômetros uma da outra, e as vezes é só atravessar um pasto.

Ao chegar na casa do Nelson, sou recebida por Anita, 66 anos de idade e esposa do segundo casamento. Muito cuidadosa e aparentemente preocupada em me receber bem, porém, ela não se sente importante para fazer a entrevista, pois está a pouco tempo no assentamento. No entanto insisti em fazer algumas questões, afim de compreender a trajetória dos assentados de uma forma geral, e a situação de Anita, até então, me parecia singular, diante dos demais entrevistados.

Após conversa descontraída, a catarinense Anita narra sua trajetória. Residia na cidade e logo cedo, com apenas 8 anos, começou a trabalhar de diarista para ajudar na renda em casa. Era década de 1960, e na cidade em que morava, Moema, distrito de Itaiópolis, seu futuro sogro organizava transporte para quem quisesse tentar a vida em outros lugares. A família de Anita veio para Cascavel em uma dessas mobilizações. Aos

³⁷ HORBACH. O. Entrevista citada.

17 anos se casou e foi morar no sítio do esposo. Teve 9 filhos. Após 36 anos de casada ficou viúva aos 50 anos de idade, quando conheceu Nelson, Anita ouviu falar do MST.

Nelson chega para sentar-se à roda de conversa. Anita entende que ele deve falar, por ter vivido mais tempo no assentamento, pois ela o conhece a partir do momento que já estavam nos lotes, mora lá há apenas quatro anos.

Nascido em Lajeado, Rio Grande do Sul, onde viveu até seus 10 anos, quando vieram morar em Capanema, onde seus pais conseguiram comprar um pedaço de terra. Trabalhou com a família em tudo o que a terra poderia oferecer, desde plantação de milho até com a criação de animais.

Próximo a completar 20 anos, Nelson foi em busca de outras possibilidades de trabalho no Paraguai. Aos 22 anos casou-se com a primeira esposa e teve dois filhos. Viveu por lá 13 anos, “trabalhei de boiadeiro 9 anos, trabalhei na granja lá, tratorista mais dois anos, três anos por aí, daí eu vim embora, vim acampar”.³⁸ Da mesma forma que outros assentados, Nelson também participou de reuniões com os dirigentes do Trabalho de Base dos movimentos presentes no Complexo Cajati, no qual informavam uma chance de conquistar terra a partir da ocupação. Em 1999, além de Nelson, outras famílias vieram como é o caso de Osvaldo.

Percebemos que estes sujeitos tem um histórico de disputa pela terra e que a busca por melhores condições de vida é o que os move. Parte dos sujeitos que estão no movimento hoje, não tinham o conhecimento sobre essa forma de luta para conquistar a terra própria. Diante disso, percebemos que o deslocamento desses sujeitos os aproximou para novas experiência e conhecimento. As informações repassadas adiante nesse processo têm papel fundamental na formação do sujeito enquanto sem terra. As informações repassadas uma para o outro é recorrente na forma de como esses sujeitos passam a se interessar e conhecer o MST. A busca por um projeto de vida melhor está relacionada a conquista da própria terra, é realidade e desejo na vida de todos esses trabalhadores.

No dia seguinte conversei com Irini, 34 anos de idade e nascida em Marechal Cândido Rondon, mas ainda criança se mudou com a família para o Paraguai. A história de vida da Irini é um pouco diferente das demais. Com uma família de 8 filhos e a perda da terra a vida ficou mais difícil no Paraguai. Então, seu pai veio ao Brasil em busca de

³⁸ MOSER, N. Entrevista concedida em 17 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 1h05min.12s.

uma vida melhor. Encontrou outros trabalhadores na mesma situação e se uniram nas ocupações junto ao MST para a conquista da terra própria. Foi então que no ano de 1988, quando Irini completou 4 anos de idade, sua família foi acampar em frente ao Palácio do governo, em Curitiba. Dali o grupo se dividiu para vários outros lugares e sua família foi para o Acampamento do Rei, em Nova Cantú.

Irini teve a opção de terminar seus estudos básicos e para fazer uma faculdade teria que se virar sozinha na cidade. Porém, ela escolheu acompanhar seu irmão gêmeo, indo para outro acampamento em Luisiana, à 40 km de Campo Mourão. A partir de então, sua permanência no MST se torna a continuação da sua história.

Em uma situação singular, entre os sujeitos que vieram do Paraguai, Irini optou pela vida no campo, no assentamento. O que para alguns trabalhadores não ter a chance de estudar fez com que o acampamento fosse uma saída mais próxima da realidade para ter uma vida melhor.

Até aqui, percebemos a diversidade que há entre os sujeitos de um mesmo assentamento. Por mais que as trajetórias de vida lhes fizessem passar por caminhos parecidos, entendemos que:

Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir desse próprio ponto de vista. Neste sentido, temos esses enredos como fatos significativos que forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delineiam horizontes possíveis na realidade social³⁹.

Portanto, cada experiência é única, porém são vários elementos fundamentais na vida de cada um desses sujeitos que é comum a todos: trajetórias de vida de expropriações, exploração, trabalho no campo, deslocamentos diversos e o engajamento na luta pela terra, com ocupações, passagens por diversos acampamentos até a conquista do lote com o assentamento.

Foram diversas as tentativas de conquistar esse objetivo. Sujeitos que compõe o mesmo movimento, com mesmo objetivo, mas com experiências que refletem em uma concepção diferente.

Diante disso, podemos perceber que a luta pela terra, a conquista de um espaço próprio é a ideia de emancipação da vida desses sujeitos. Ao entendermos isso, podemos

³⁹ KHOURY, op.cit., p.125.

pensar algumas questões que estão enraizadas nos moldes capitalistas, pois por mais que esses sujeitos lutem contra um sistema que os exploram e expropriam, o modo de “vida boa” é ter uma propriedade. Seria então uma luta para se inserir no sistema? A alternativa, a resistência colocada nos ideais do MST, de transformação social, seria uma transformação do sistema vigente? As práticas desse movimento indicam um caminho para essa transformação?

Essas questões não são respondidas de forma objetiva. Nem tão pouco é uma ação intencional de grande parte desses trabalhadores. Outras trajetórias de sujeitos que, em condição de explorados de uma classe dominante, não conheciam o MST e quando ouviram ou viram alguma informação foi de forma estigmatizada a partir da mídia.

Com alguns percalços, como o próprio medo do desconhecido, ou pela exposição de diversos conflitos, entre eles com a própria polícia, já ocorridos no movimento em vários momentos da história, faz com que o descrédito imposto sob o movimento dificulte essa mudança, por mais que atualmente a situação seja conflituosa, e esse reconhecimento existe por conta da sua experiência, suas vivências, ou seja, ela sabe das possíveis dificuldades que possa vir a passar, criando assim uma resistência, fazendo com que a mudança seja um pouco mais tardia.

Em alguns casos, o sujeito parece se acostumar com as mudanças, na perspectiva de que a mudança possa trazer novas possibilidades de uma vida melhor. Em outros, o receio da mudança muitas vezes cria barreiras. Neste sentido, diante da diversidade dos sujeitos que fazem parte do movimento, entrevistei Valdemir, 64 anos, o conhecido entre os assentados como, Baiano. E sua esposa dona Maria Madalena, 58 anos.

Ambas as histórias de vida são carregadas de mudanças e dificuldades. Seu Valdemir saiu da Bahia aos 17 anos em busca do projeto de vida e de trabalho em São Paulo, Mato Grosso e, posteriormente, no Paraná. Trabalhou como pedreiro, motorista, carpindo roça... uma vida de trabalho braçal pesada.

Em Campão Bonito, Paraná, Valdemir foi convidado pela primeira vez a conhecer um acampamento do Movimento Sem Terra, porém, não quis, pois, segundo ele, não concordava com o movimento:

Cintia: Mas antes do senhor vir para o Sem Terra, o senhor já tinha escutado falar do movimento?

Valdemir: Não, escutado eu já tinha ouvido falar, só que a gente não dava muita importância... eu nem acreditava muito... [...] eu achava que não era certo também.

Cintia: O senhor não concordava com o movimento?

Valdemir: Não, quem começou lá em Campão Bonito os assentados lá eles me convidaram, né?! E daí eu não quis, disse não eu não quero não, eu não concordava com isso, eu achava que estava roubando terra dos outros, eu pensava assim... Só que depois eu comecei a pensar um dia, um dia de noite eu peguei e falei para a mulher [...]⁴⁰

Diante da fala de Valmir, percebemos a memória constituída no ato interpretativo discutido por Portelli em *A filosofia e os fatos*⁴¹ as interpretações que o mesmo constrói conforme surgem as lembranças. Quando ele diz e reconhece que “eu pensava assim”, mas depois mudou de ideia, demonstra a filosofia e a motivação implícitas neste fato, neste contexto. E as frases seguintes expressam que a sua experiência posterior, o fez concluir e reinterpretar seu pensamento. Portanto; “recordar e contar já é *interpretar*”.

Ademais, percebemos como é a imagem do movimento para muitos trabalhadores que não tiveram nenhum tipo de engajamento, político ou social. No caso do Valdemir, com a construção da sua subjetividade a partir da memória, que está intrinsicamente ligada à sua experiência de vários outros lugares, uma vez que esta é construída a partir de um processo do sujeito, mas ao mesmo tempo carrega a presença das vivências sociais e culturais. Portanto, de início Valdemir se mostrou resistente, mas a esperança de, finalmente, ter o seu próprio pedaço de terra, foi mais forte.

Pergunto-lhe sobre o que fez ele repensar em relação ao movimento:

Valdemir: Um pedaço de terra, né.

Cintia: Que talvez você conseguiria um pedaço de terra...

Valdemir: É, porque para comprar eu não ia conseguir nunca, né, porque eu trabalhei a vida inteira e jamais eu consegui. E eu acho que ninguém consegue, né, vai querer comprar assim a terra trabalhando empregado por dia, nunca vai comprar, nem uma quarta, né?![...]⁴².

O reconhecimento e frustração de seu Valdemir, que trabalhando de empregado não conseguiria comprar o seu pedaço de terra, nos permite refletir sobre a própria consciência e subjetividade que o sujeito carrega e constrói com a sua experiência. Este pensamento não é um caso isolado entre os sujeitos do movimento, vários outros também viram no

⁴⁰ MOREIRA. V. L. MOREIRA. M. M. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 57min.45s.

⁴¹ PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro: vol. 1, nº 2, 1996. p. 02. (Dossiê de Teoria e Metodologia).

⁴² MOREIRA. V. Entrevista citada.

movimento a única possibilidade de conquistar a própria terra ao invés de ficarem na ilusão de trabalhar de empregado.

Maria Madalena, sua esposa, compartilhava de um sentimento próximo, porém, um pouco peculiar, sobre o movimento. Nascida em Campão Bonito/SP, 490 quilômetros de Guaraniaçu, cresceu no trabalho com a lavoura. Seus pais arrendavam terra. Ficou órfã cedo, aos 10 anos teve que criar seus irmãos e continuar com o trabalho na terra.

Aos 14 anos, Maria Madalena se sentia reprimida por não poder estudar e nem sair de casa, só pelo fato de ser mulher, então resolveu procurar melhores condições de vida morando com a irmã mais velha, em Campão Bonito, onde conheceu Valdemir.

Maria lembra que sempre teve vontade de ir para um acampamento, mas não conhecia nenhum perto da região em que morava. Certa vez teve uma enchente e perderam a casinha que moravam. Depois disso, Maria não mediu esforços para encontrar informações e uma forma de se aproximar do movimento:

Maria: Assim, eu sempre procurava aquelas pessoas para conversar, que eu ia no posto de saúde, aquele povo tinha entrado lá naquela terra. Aí eu via aquele povo sofrido, eu sou assim, aonde eu vejo povão sofrido, eu estou lá no meio. O povo passava carvão assim no rosto quando ia lá no posto, e passava na cidade quando ia fazer as picadas da terra, lá, e eu indo na estrada e pegava o ônibus lá no ponto, já e falava com as mulheres lá, e eu perguntava: “onde vocês tão indo?” Aí eu começava a arrumar amizade, prosear. Porque eu queria ficar lá na BR esperando eles chegar. Porque eu ouvia falar lá de São Paulo, lá fora, assim, “ah que saiu acampamento do Sem Terra, não sei o que”, e eu ficava escutando, “ah é aqui pertinho de casa”.

Cintia: E a senhora via nisso uma chance pra...

Maria: Mas eu tinha achado, eu era desse tamaninho assim, eu gostava de ler, eu não tive chance porque o pai não deixava, nós ir para a escola para aprender bastante. Aí um dia eu peguei uma Bíblia da minha avó, desse tamanho, assim ó, e eu deitada, a minha tia estava lá brigando com o meu tio, estava se separando, e eu abri aquela Bíblia, não aguentava com o peso dela, né? E eu comecei soletrando ali umas palavras ali e eu achei um negócio bem interessante, no Antigo Testamento, dizia assim “Que ia chegar uma época, que todo mundo ia ter um pedaço de terra”, aquela pessoa, quando viesse a lei, que não fosse cumprida, ia ser recebida a chicotadas nas portas das casas. E quando tivesse a terra, que era para dividir a terra, que Deus deixou a terra que era para todo mundo usar ela e trabalhar em cima dela, então era a chance que Pedro, Tiago, aqueles apóstolos lá, deixou para todo mundo ter a terra prometida. E eu bem pequena, pus a cabeça, eu vou ficar cuidando, o dia que eu tiver minha terra prometida (risos). Eu vou aproveitar a minha oportunidade. E daí eu pensava que era só lá em São Paulo, que nunca ia chegar aqui. E eu nunca esqueci esse dia. E eu falava, “mas quando que vai ser a terra prometida?” Eu até fiquei meio

doente quando o povo ia chegar lá naquela terra, que eu queria ir, e meus meninos eram pequenos, eu ficava com medo de eu não... nós tínhamos bastante arroz e feijão, porco, gado que dá pra matar, eu falei pro home, “vai home, vai. Se você ficar sofrendo, nós damos um jeito, você manda um recado para mim, mato um porco, mando banha e carne pra você”, porque os meninos eu não posso tirar da escola, que é muito pequeno. E daí ele não queria ir, e daí eu falava, “mas deixar com esse home eu não vou deixar, porque esse home é muito... daí eu falei, “ah, vou ficar”. Mas quando tivesse uma oportunidade, e esses menino crescessem, eu chamei assim “vocês querem ir? Bom, se vocês não quiserem ir, eu vou.” E daí eu falei, vai ser a chance de eu ter aquela terra prometida que eu vi aquela vez.

Cintia: Desde pequena?

Maria: Eu não sabia ler direito, mas Deus pois aquelas palavras lá, eu devorei tudo naquela Bíblia, peguei a Bíblia maior, com medo, porque as crianças não podiam pôr a mão num livro daquele, era o maior cuidado, nossa. A tia foi lá para o quarto arrumar as coisas e eu descobri aquela Bíblia lá. Como eu achei que as palavras foram boas, por isso que eu aceito o MST assim, né? Um movimento assim, que eu encaro com seriedade.

Cintia: Era algo que a senhora já via...

Maria: É, lá do Antigo Testamento. E daí como que eles têm essa força? Não é enviado por alguma força? Aí eu falei, quando surgir uma oportunidade, que eu ver uma força estranha surgir na minha pessoa, aí eu vou sozinha. Se quer ir, vai, se não quer, fica que eu vou. Daí foi onde nós viemos. Daí ele era ignorante. Pensa as coisas. Mas deu cada briga lá em casa primeira vez que saiu lá, que eu queria ir. E tudo eu pensava, mas tem esses porcos, e chegar lá, né? A gente não sabe o que vai dar. Levar para lá não tem jeito. Essas vacas não têm jeito, porque não tem pasto, e era mato lá. Menina, mas você sabe o que é vir um negócio assim, sabe? Parece que latejava dentro da minha cabeça, era um tumor que queria vir a furo. Aí eu deixei, e chegou essas oportunidades aí, e eu falei, ou você vai por bem ou vai por mal (risos)⁴³.

Com uma educação tradicional patriarcal, no qual a mulher não precisava ir à escola, mas sim, cuidar da casa, Maria não teve incentivos para ir à escola, porém, se dispôs a aprender com o que tinha a seu alcance. Naquele contexto intrigante, de desentendimento na família, era a Bíblia o seu recurso.

A similaridade e paralelo que Maria traz em relação ao movimento, não é coincidência. Uma vez que, também, o MST tem em sua origem uma abordagem próxima com a Teoria da Libertação e também apoiada pela Comissão Pastoral da Terra. O que

⁴³ MOREIRA. V. L. MOREIRA. M. M. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 57min.45s.

aproxima algumas discussões sobre a distribuição de terra correlacionado a princípios bíblicos cristãos.

A questão da religião paralela as lutas por terra também já foram discutidas em outros trabalhos como a dissertação de Vagner José Moreira sobre os trabalhadores na luta pela terra em Sumaré na década de 1980 e final de 1990, sobre o fazer-se do trabalhador em sem terra⁴⁴.

Sua crença e a vida difícil, fez com que Maria se reconhecesse no contexto religioso da “terra prometida” com a conquista da terra pelo MST. Ainda que o marido fosse contra e acreditasse que o Movimento estava roubando terras, “ele era um ignorante”, ela se dispôs a tentar, já sabendo de todas as dificuldades que viria a enfrentar. Ela se identificava com “aquele povo sofrido”.

Casos como a de Maria Madalena, no qual se impôs diante da posição do marido e seguiu em frente com o que acreditava ser o melhor, não é isolado entre as experiências vividas e contadas por outras mulheres. Estas que se engajam ferrenhamente na luta pela terra e que lutam lado a lado de seus companheiros.

Neste sentido, em uma das minhas visitas pelo assentamento encontrei dona Maria, 74 anos, nascida em Guarapuava, mãe de 11 filhos. Seus pais tinham lavoura, porém a família era grande, eram em 12 irmãos e dadas as condições, a terra era pouca, a venderam e decidiram buscar melhores condições em outro lugar. Durante essa busca, alguns filhos já encontravam outros rumos, se casavam ou preferiam ficar em outros lugares e não acompanhar a famílias. Sendo assim, Maria e outras 2 irmãs ficaram morando com seus pais em Salto do Rio da Paz. Lá ela se casou e se mudou para Guaraniaçu, Paraná:

Maria: moramos 5 anos e aí já se mudamos para outro lugar e nada e daí voltamos de novo e daí lá meus pais já eram falecidos, tinha só três irmãos e uma irmã e foram ficando velho e foram morrendo. E daí veio alguns valores, não adianta ficar aqui, vamos procurar outro meio de vida, os filhos e filha todos foram casando, casando, casando... ficou só nós. Ele era forte, trabalhava. Ficamos só, daí... mas daí sempre com os filhos, sempre com dificuldade, o José... aquele era meu respiro de vida, não deixava farta nada, mas deus tirou ele do mundo, está lá com Deus também. Daí ficou esse mais novo com a responsabilidade⁴⁵.

⁴⁴ MOREIRA, V. J. **Trabalhadores na luta pela terra**. Campo e cidade: valores, memórias e experiências de trabalhadores rurais sem terra, Sumaré – 1980/1997, - São Paulo. S. n. 1998. 156 f. PUC-/SP.

⁴⁵ MOREIRA, M. M. Entrevista citada.

A busca inconstante por melhores condições de vida é narrada em toda a entrevista. A sua primeira fala, no início da conversa, “sou muito sofrida”⁴⁶. A perda do filho que a amparava ainda se faz muito presente, mesmo que atualmente sua casa fica no lote do filho mais novo. E no momento da entrevista a casa estava cheia de parentes, que vieram passar uns dias de férias.

Com o esposo, companheiro de 54 anos de matrimônio, está acamado há alguns anos. Sendo assim, Maria quem faz todo o trabalho de cuidado com a casa e da roça. Atividades que ela diz fazer com gosto, ainda mais na terra dela. Mas não é somente nos dias de hoje que Maria trabalha duro durante o longo período de ocupação e acampamento.

Neste mesmo dia, consegui entrevistar o filho mais novo de dona Maria, Laurecir mais conhecido como “Dentinho”. As duas casas eram próximas uma da outra, logo que cheguei fui recebida por Leidiane, esposa de Laurecir.

Nascida em Guaratanã do Norte, Mato Grosso. Hoje com 31 anos de idade, trabalha como zeladora na escola itinerante do assentamento. Mãe de 3 filhos, Leidiane relembra sua trajetória nada fácil de vida. Aos 3 anos de idade, seu pai foi assassinado no Mato Grosso, filha única, sem ter condições de se manter por lá, sua mãe decidiu vir para Cascavel, cidade na qual tinham familiares.

Leidiane estudou até a sétima série. Anos depois, ela teve a oportunidade de terminar o ensino básico na escola itinerante⁴⁷ que havia no acampamento. Com 16 anos conheceu Laurecir e se casaram. Foram morar e trabalhar em uma granja de aves da Coopavel, no qual ficaram por 2 anos. Durante esse período, eles tinham um conhecido que era acampado e os convidaram para conhecer o movimento. Seu esposo, Laurecir estava trabalhando como boia-fria, já que ainda não conseguiam sobreviver totalmente do que eles produzem no assentamento – prática recorrente entre os assentados.

Dentre os sujeitos entrevistados, também conversei com Luciomar, de 42 anos. Nascido em Santa Terezinha do Itaipu, trabalhou com a família de arrendatário, no qual ficou até terminar o ensino médio e faz questão de frisar essa conquista “[...] acho que eu vinha 1 ano e meio, eu vinha de bicicleta do sítio pra cidade. Acho que dava uns 11

⁴⁶ Idem, Ibidem.

⁴⁷ Sobre escolas itinerantes ver: PEDRON, S. T. **A educação no MST: experiências educativas no Centro de Formação do Assentamento Antônio Companheiro Tavares-PR, 1998-2012.** 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

quilômetros”.⁴⁸ Após terminar seus estudos, foi morar na cidade de Cascavel com a irmã. Ao visitar seus pais na cidade de origem, Luciomar foi convidado a conhecer um acampamento, foi aí que ele teve seu primeiro contato com o movimento:

Luciomar: Olha, a minha vida ela foi assim, antes de 99. Eu trabalhava o dia inteiro e estudava à noite, né, até 11[horas] ficava no colégio, daí ia para casa dormi e no outro dia cedo de novo para o trabalho, então nunca tinha falado do movimento. Uma pessoa falou pra mim do MST lá em Santa Terezinha, convidando que pra mim vim pro acampamento né, falando "oh, se você quiser aquela pessoa lá, aquela família lá, que também são bem pobrezinho lá, se leva um pacote de arroz, um pacote de trigo, né, e arruma uns troquinho lá o cara arruma um barraquinho pra você lá pronto já, você não precisa nem fazer" e foi o que eu fiz, fui lá né, fiquei conhecendo uma família lá, e falei "nossa, esse cara aí tá numa situação que não tinha nada" de comer né, aí eu levei umas coisinhas, um dinheiro pra ele e fiquei lá, já fiquei de vizinho dele e fiquei lá, acho que 2 semanas e vim pra Cascavel, né. Então não tinha ouvido falar por aí do MST, eu vim conhecer o Movimento Sem Terra aqui em Cascavel mesmo, eu vim saber como que ele fundou né, como é que o jeito de trabalhar, lá mesmo ninguém contou para mim nada⁴⁹.

Luciomar descreve uma rotina corriqueira entre a classe dos trabalhadores. A experiência próxima ao movimento, convivendo com essa família, decidiu buscar conhecer mais sobre os Sem Terra, mesmo percebendo as condições precárias em que viviam, o fato de ser na própria terra animou Luciomar, o que o fez buscar informações sobre o movimento na cidade em que morava, Cascavel, já que ele buscava melhores condições de vida, e a de trabalhador na cidade não lhe daria condições de comprar uma terra.

A busca por melhores condições de vida é o pilar central para todo deslocamento desses sujeitos. Mas apesar da base comum, os significados são apresentados de formas distintas.

Neste sentido, conheci Valmir, de 44 anos. Natural de Salto do Lontra, trabalhou na agricultura com sua família em terra própria até os 26 anos.

Cintia: E o que que vocês produziam lá?

Valmir: Milho, feijão... de tudo um pouco, arroz, mandioca... nós produzíamos.

Cintia: E o senhor saiu de lá porque?

⁴⁸ VIANA. L. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 40min.13s.

⁴⁹ Idem, 2017.

Valmir: Porque daí nós era em bastante irmão.

Cintia: Quantos irmãos?

Valmir: Daí nós era em 9 irmão... daí a terra era pouca, daí um pouco eu saí no mundo trabalhar de.... de funcionário dos outros, construção de barracão, essas coisa, daí de lá eu... tinha uns conhecido que foi se acampa um tempo atrás lá pro norte do Paraná, daí eu fui visita e gostei do sítio deles lá, daí falei quando eu sai da casa deles eu falei quando eu vim pro Salto do Lontra, quando sai um acampamento vocês me ligam que eu venho acampar pra cá (risos) daí fui, daí acampeí lá em Santo Inácio lá...⁵⁰

O histórico de vida de Valmir é semelhante as demais já expostas: famílias numerosas que mesmo com um pedaço de terra ainda passam por dificuldades. Ouvimos do linguajar popular de que é bom famílias com vários filhos para ajudar no trabalho e na renda em casa, porém, essas experiências de vida têm nos mostrado o contrário. Na grande maioria das vezes, os filhos crescem e buscam outras alternativas longe da família, seja na cidade ou em outros espaços no campo. Valmir não seguiu um caminho diferente disso. Aos 26 anos, saiu de casa em busca de outras possibilidades. Com isso teve experiência com outras atividades com trabalho para terceiros.

Muitas vezes os sujeitos que cresceram no campo, quando “saem no mundo para trabalhar”, como disse Valmir, vão em busca de trabalho na cidade, mas ainda carregando princípios do campo. Algumas tensões podem ser criadas quando as expectativas são frustradas. E a vontade de voltar ao trabalho no campo pode se tornar uma alavanca sobre o interesse

Outra relação é sobre ser “funcionário dos outros”, a experiência parece não ter sido das melhores, ou uma não identificação com o trabalho e o próprio descontentamento de não trabalhar com o que é dele, já que até então trabalha com a agricultura familiar. Valmir e a grande maioria dos sujeitos entrevistados tem essa resistência para com o trabalho de empregado, entendem que esse tipo de trabalho só enriquecem o bolso do patrão e mal dá para sobreviver, que quando se deparam com essa condição é por tempo provisório, pois, o trabalho como empregado não lhes proporcionaria a realização do sonho da casa própria ou da propriedade de terra, seja de qual tamanho for.

Valmir já tinha ouvido falar sobre o MST e achava que era “um bicho”, expressão usada para definir algo estranho e desconhecido, uma “coisa diferente”, pois as

⁵⁰ TORQUATO. V. Entrevista concedida em 16 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas realizadas nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 46min.13s.

informações que via pela televisão eram em tom pejorativo, coisa de vagabundo que não quer trabalhar e invade terra dos outros, mexe com a integridade desses trabalhadores que tem em sua cultura e moral a concepção de homem e trabalhador, seja no campo que acorda com o cantar do galo e dorme quando o sol se põe, ou na cidade que é controlado pelo tempo do relógio⁵¹. Sendo assim, é preciso acordar cedo e ir à luta. No entanto, quando esses trabalhadores se deparam com a condição de empregado e percebem que se não buscarem outras circunstâncias a conjuntura não mudará.

Entre as minhas visitas ao assentamento, concidentemente participo de um encontro de mulheres assentadas. Observo que todas as reuniões são coordenadas por mulheres e que os trabalhos na cozinha, para servir café da manhã, almoço e café da tarde, são coordenadas por homens e é dessa forma que eles dividem as tarefas, já que as mulheres estavam em reunião. Durante o dia converso com José, que está com afazeres na cozinha e combinamos mais tarde de sentarmos para conversar em sua residência.

Ao sair da casa de Luciomar, passo na casa de José e nos sentamos para conversar. Um ambiente muito simples e organizado, uma casa de madeira pequena que ele mesmo construiu. Natural de Cândido de Abreu - PR, onde viveu até seus 7 anos quando foram expulsos de onde moravam. Ainda não era terra de acampamento, eram apenas trabalhadores rurais que arrendavam terras, conforme ele expõe:

Cintia: E era em acampamento já?

José: Não, não, não... lá não. Lá o pai era empregado da fazenda, nessa época. Faz muitos anos atrás. Para 52, eu tinha 7 anos, então faz mais de 40 anos isso aí. E daí a gente foi despejado de lá, não despejado... na época o pessoal entrava e expulsava o morador assim, né?! Na época e a gente passou por isso. Daí de lá a gente veio ali para ali em Ivaí, município já pertencendo pra Ivaiporã já era outro lugar ali e lá a gente ficou até em 82. Daí em 1982 eu fui embora para a cidade, quando a gente veio lá pra Manoel Ribas, meu pai foi trabalhar lá num sítio e a gente pagava porcentagem, né?! E pagava na época 20 por cento de tudo o que se colhia dentro ali...

Cintia: Era arrendado?

José: Era tipo assim. E daí a gente ficou com muita dificuldade porque era muito difícil naquela época...

Cintia: O senhor era filho único?

José: Não, nós somos em 9. Daí em 1982 eu fui embora para a cidade com 16 anos. A gente via que o negócio não estava dando e a gente não tinha como nem de estudar naquela época, eu nem cheguei a fazer estudo nenhum né, daí a gente foi embora para a cidade em Ponta

⁵¹ THOMPSON. E. P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Grossa, isso aí já em 82, daí lá eu fiquei 18 anos lá, trabalhei de empregado lá⁵².

Nos dias atuais ainda encontramos muitos trabalhadores rurais que trabalham em terras de terceiros para receber uma porcentagem do que é produzido e na maioria das vezes sem nenhum direito legal sobre a terra o que acarretou no caso da família de José o despejo sem nenhum direito. Neste sentido, Moreira também discute esse contexto de despejos de trabalhadores no final da década de 1940 sobre os trabalhadores arrendatários de terra e as formas de resistência aos interesses dos latifundiários “se constituindo em argumentos na luta pela terra em Fernandópolis e em toda a região Noroeste de São Paulo”⁵³.

Em todo processo histórico é possível contextualizar a condição de despejos e expropriação. A partir da década de 1970 vemos a condição dos trabalhadores na produção agropecuária no extremo Oeste Paranaense, quando o trabalho manual é substituído progressivamente pela máquina com a reorganização da base técnica e das relações de produção no campo, sendo que:

Não se trata de um processo de expropriação dos meios de produção, pois destes os trabalhadores já estavam expropriados. É um processo de expropriação das relações sociais de trabalho e moradia no campo. E também não se trata da “expulsão” do trabalhador do campo, mas sim daquela relação de trabalho. Sendo que muitos continuavam a trabalhar no campo, mas em outras relações, mesmo os que deslocavam-se para as cidades⁵⁴.

O leque de escolha não é tão amplo para esses trabalhadores, que mesmo sendo lesados, as necessidades os mantem em determinadas situações. Seus pais ficaram no sítio e aos 16 anos, José foi morar sozinho na cidade.

José: [...] o primeiro serviço foi de construção civil, ficamos uns par de tempo e daí sai e trabalhei num restaurante, em Ponta Grossa mesmo, em Vila Velha na saída de Curitiba lá, trabalhei um tempo. Só que daí

⁵² SANTOS, J. L. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas realizadas nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 43min.40s.

⁵³ MOREIRA, V. J. “Situação difícil aquele tempo”: mundo dos trabalhadores e movimentos da memória. Fernandópolis (1946-1964). **Tempos Históricos**, vol. 14, p. 101 - 123, 1º semestre 2010. p. 113.

⁵⁴ CUNICO, J. M. *Viver e trabalhar no campo: produção agropecuária, relações de trabalho e tensões no Extremo Oeste paranaense, 1970-2012*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2014. p. 85.

a gente ganhava um pouquinho mais do que um salário, mas a gente tinha que pagar tudo né, aluguel, água, luz, telefone e mais umas coisas que tinha que fazer, né?! E não sobrava nada, né. Às vezes a gente ia trabalhar para mês inteiro e quando chegava ali uns 5 dias antes de receber a gente já começava a fazer as contas já e não sobrava nada, não sobrava nada mesmo. Daí chegou uma época que eu fiquei desempregado, isso em 2002, fiquei desempregado né, e daí já tinha família na época já e daí já deu problema, da mulher também já foi embora...⁵⁵

O salário não subsidiava a manutenção da família já constituída por José, quase não sobrava para pagar as despesas básicas, deixando em segundo plano momentos de distração com a família e o sonho da casa própria. Com o desemprego a situação piorou. Fazendo com que José fosse morar com seu tio em Ivaí. Nesse período houve uma ocupação do MST naquela região e José se interessou em conhecer:

José: [...] nessa época, em 2003, o Movimento ocupou uma fazenda vizinha lá né, que hoje é um grande assentamento que tem lá, Nova Itaúna, né. E o pessoal ocupou daí próximo, numa fazenda lá chamada Três Maria, daí minha tia falou para mim "porque você não vai lá com o pessoal lá, os Sem Terra lá"? E daí, só que nessa época o Movimento Sem Terra era... a mídia mostrava as coisas tudo diferente, né, que era baderneiro e não sei o quê mais, né. Então sempre se via uma coisa e não era isso aí, né, só que eu tinha medo né, de se envolver lá, né, porque a gente vi assim. E daí um certo dia eu trabalhando lá e meu tio falou pra mim "porque você não vai lá, quem sabe lá você consegue um pedaço de terra pra você viver e tirar seus sustento, né". E daí eu dizia que "pela manhã eu vou", mas eu continuei trabalhando e tal... e daí passei a noite e no outro dia eu falei pra minha tia me faça alguma coisa aí pra mim levar... um lanche né, que eu vou lá no Sem Terra pra mim conhecer lá. Peguei e fui lá, cheguei nessa fazenda e estava o pessoal né, fui bem recebido pelo pessoal da guarda e tudo e já chamaram o pessoal da direção, vieram lá dentro e tal, contei a minha situação e mostrei os documentos tudo como eu era, me levaram para a secretaria e fizeram um cadastro lá e já queria que eu ficasse ali mesmo, e aí eu falei que eu queria conhecer primeiro, ver como é, como que se vive aqui dentro, como é que é a organização e tal [...]⁵⁶.

José também tinha a imagem estereotipada do MST a partir da mídia. Mas é interessante pensar os sujeitos que viveram a vida toda como trabalhadores e as informações que recebiam vinha da televisão, ao deparar-se com a situação da possibilidade de se

⁵⁵ Idem, 2016.

⁵⁶ SANTOS. J. L. Entrevista citada.

aproximar, conhecer pessoalmente o movimento, criam a sua própria impressão e, em todos os casos entrevistados, a impressão mudou.

Percebemos o valor e o significado da conquista da terra para esse sujeito. Diante de tantas experiências frustradas, e percebendo outros trabalhadores que viveram em condições semelhantes dele o fez se reconhecer naquele movimento. A partir desse primeiro contato com o movimento, José nunca mais saiu. Passou por outros acampamentos e estudou.

A trajetória desses sujeitos nos coloca diante de um enorme leque de experiências de luta pela terra. Percebemos aqui como o conceito de experiência, elaborado por Thompson, é indispensável para o historiador, sendo esta a interpretação dos sentidos que foram e são vividos pelos sujeitos. É a associação entre o ser e a consciência social. “Pois não podemos conceber nenhuma forma de ser social independentemente de seus conceitos e expectativas organizadoras, nem poderia o ser social reproduzir-se por um único dia sem o pensamento.”⁵⁷

Pode ser que alguns desses trabalhadores já tinham contato com o movimento e a condição precária de vida, a falta de trabalho digno, não conseguir pagar o aluguel e as despesas da casa na cidade, exploração, e até mesmo em outras situações, como a perda de terras para bancos, fizeram com que buscassem, no Movimento Sem Terra uma elaboração de um outro projeto para suas vidas. E, nesse caso, não formulava o projeto apenas para “melhorar a vida”, mas transformar a sociedade, uma vez que compartilharam a experiência de se organizar em um movimento social.

Há também, aqueles que já tinham na família um engajamento, proximidade, ou participação direta com o Movimento de Luta pela Terra, como é o caso dos irmãos Claudemir, 41 anos, e Claudecir, 44 anos.

Nascidos em Santa Catarina, Claudemir viveu até os 20 anos com a família em um assentamento em Campo Erê⁵⁸, no ano de 1985, um dos primeiros desde a fundação do movimento, conforme ele coloca:

Claudecir: Começou em 83...

⁵⁷ THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 16.

⁵⁸ Sobre os conflitos de luta por terra nessa região, ver mais em: MELO, C. Terra e trabalho, concepções de direito à terra e reforma agrária na Faixa de Fronteira de Santa Catarina (1968-1985) – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Claudemir: 85⁵⁹ foi fundado o MST, foi dado... surgiu a bandeira. A sigla, MST – MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA, e continuou a luta. E está até hoje. Aí nós moramos lá, e tal, e ficamos adulto, fomos para a cidade, um para cá, outro para lá.⁶⁰

Claudemir faz questão de dizer que tem no sangue a bandeira do MST. Lembra que a situação era muito mais difícil que hoje, tudo era muito “atrasado”.

Com 20 anos, decidiu viver na cidade:

Claudemir: Procurar mudar de vida, né? Emprego, enfim. Aquilo que dava certo de fazer, fazia. Não tinha profissão, né? Serviços gerais, e por aí a fora, né?

Cintia: Não tinha estudo?

Claudemir: Não tinha estudo. Exatamente. A quarta série só, que na época onde nós morávamos, não tinha colégio, e não tinha condições de ir pra cidade grande lá, né? Então fomos enrolando né? Para cá, para lá. E aí, ele veio para o Paraná, isso em noventa e alguma coisa.

Claudemir: 94.

Claudemir: É, ele veio para a Foz do Iguaçu, com um amigo dele, e fomos se espalhando e tal, né? E eu vim para o Paraná também. Só que como a vida na cidade para nós não deu certo, que o nosso rumo era a agricultura, em 2003, quando o Lula ganhou a primeira eleição, surgiu aquela onda de acampamento no Brasil inteiro, voltei para o Sem Terra, daí. Então, agora, definido, não saio mais, né?⁶¹

Vindo de uma família de 5 irmãos, a possibilidade de encontrar mais opções de trabalho e assim, uma vida melhor, é recorrente no planejamento de muitas pessoas que viveram no campo. A disposição de trabalhar no que fosse preciso, demonstra essa vontade de mudar, além do que, reconhece que o fato de não ter estudo, dificultaria um trabalho que não fosse braçal. As condições precárias e sem escola perto dificultou a continuar na escola, conseguindo terminar o primário básico.

A experiência de vida na cidade não correspondeu às expectativas desses trabalhadores. Todas as despesas básicas que morar na cidade acarreta: aluguel, alimentação e transporte, se acumulavam complicando a permanência na cidade e aumentava a necessidade de buscar uma vida melhor.

⁵⁹ O ano de fundação do MST foi em 1984, mas a referência dada por Claudemir é do 1º Congresso em Curitiba.

⁶⁰ HIPÓLITO. C. HIPÓLITO. C. Entrevista concedida em 19 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 1h30min.41s.

⁶¹ HIPÓLITO. C. HIPÓLITO. C. Entrevista citada.

No entanto, Claudemir parece sempre acreditar que seu lugar era no campo, tanto que vai em busca do acampamento no mesmo período e motivo que outros sujeitos demonstraram se interessar: a eleição do Lula e a esperança na Reforma Agrária.

Expectativa semelhante foi a de Lucimar, de 35 anos. Filha de pequeno agricultor, terra adquirida através de herança, da região de São Pedro do Iguaçu, trabalhavam com a monocultura, principalmente o fumo, também com gado leiteiro e de corte, além de pequenos animais, mas a renda principal provinha do fumo.

Lucimar: Eu também morava em São Pedro do Iguaçu e trabalhava... é... por dia a gente morava na terra do meu pai e trabalhava por dia, é assim, para os vizinhos, a gente plantava, enfim, foi em 2004. Aí o Lula entrou para a presidência, prometeu reforma agrária enfim, aí teve um vizinho, da região, lá de São Pedro, que veio acampa no Dorcelina Folador e... eu e meu esposo na época é... que não é o de hoje, a gente resolveu ir acampar, né?! Aí nós fomos no começo de dois mil e quatro, para o acampamento do Dorcelina Folador, mas até então, antes de ir para o acampamento a gente já trabalhava com agricultura. Eu tinha ensino médio completo já trabalhava na agricultura.⁶²

Com a possibilidade de terminar seus estudos básicos, Lucimar aproveitou esse período. Porém, sua maior vontade era de conquistar a terra própria, e viu no MST o ensejo de concretizar seu projeto de vida. Como morava na região, já tinha ouvido sobre algumas ocupações e começou a manter contato e se informar sobre o movimento.

Cintia: E você viu no movimento, no caso, uma forma de conseguir? [um pedaço de terra]

Lucimar: Assim, até mesmo por conhecer algumas pessoas que foi em... a eu não lembro bem o ano, mas acho que foi em mil novecentos e noventa e oito, mais ou menos, teve aquela ocupação ali... é onde... ali na região de Santa Terezinha, que era fazenda do Bradesco, que era do José Eduardo⁶³. Aí teve... teve um acampamento, aí depois teve um assentamento, que hoje é a... a brigada José Martí ali. Que faz parte da brigada José Martí. Tinham alguns conhecidos da época que foi para lá. Que eram famílias que não tinham sua terra, que viviam de agregados na... na terra... em outras terras. Depois a gente viu que com o tempo eles ficaram bem é... tinham sua própria renda, tirada do seu próprio trabalho, enfim, não mais eram agregados, também a gente conheceu algumas famílias que faziam parte do... é... do... da reforma agrária.⁶⁴

⁶² CALAÇA. L. Entrevista concedida em 19 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas realizadas nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 1h10min.37s.

⁶³ Sobre esse processo ver: SCHREINER. D. Terra, territorialidades e conflitos. Diálogos. (Maringá. Online), v. 17, n.1, p. 69-103, jan.-abr./2013.

⁶⁴ CALAÇA. L. Entrevista citada.

A credibilidade no movimento veio junto com a esperança e o exemplo de alguns conhecidos que conseguiram e que, na perspectiva de Lucimar, vivem melhor, já que conquistaram a própria terra⁶⁵.

A probabilidade de ter uma vida melhor que o movimento pode proporcionar, foi a possibilidade de estudar. Dona Lucimar, cursou Pedagogia na UDESC, graças ao convênio estabelecido entre o MST e algumas universidades públicas.

A diversidade dos sujeitos que fazem parte desse movimento abarca desde pessoas que viveram a vida toda no interior, analfabeto, com sentimento de insegurança em relação a mudança, do desconhecido, até pessoas que se graduaram e buscaram o MST como uma forma de engajamento e a crença de uma vida melhor e digna. A conquista da terra própria está diretamente ligada a essa realização. Pessoas com trajetórias e experiências distintas, mas com o mesmo desejo e valor moral de emancipação.

Neste sentido, a trajetória de vida da gaúcha Elaine, mostra uma experiência diferente da maioria dos demais sujeitos abordados até então. Nascida em Tenente Portela, no Rio Grande do Sul, trabalhava com os pais na agricultura. Estes que possuíam 30 hectares de terra, sendo que metade era ladeira, ou seja, não era possível passar maquinário. A família de Elaine plantava para além da subsistência, também as sementes anuais, como: milho, soja e trigo, para garantir a diversidade, segundo ela. O trabalho na lavoura era braçal. O cultivo de frutas, mandioca, batata, entre outras hortaliças, além de porco e das vacas leiteiras, no qual sua mãe aproveitava para fazer queijo para contribuir na renda da família.

A família, com 3 filhos, considerava que a terra era pouca e com as notícias de que no Paraná havia melhores possibilidades, seus pais conseguiram vender as terras e se mudar para o Paraná, na cidade de Laranjeiras do Sul. Elaine conseguiu terminar seus estudos básicos e tinha interesse em cursar uma faculdade, mas sem condições de pagar um curso particular, Elaine decidiu se mudar para Cascavel, onde tinha alguns conhecidos, para ficar até arrumar emprego e se estabilizar.

Em 1993, Elaine entra no curso de Ciências Econômicas na Unioeste, trabalhando durante o dia e estudando à noite. Mas ainda no Rio Grande do Sul, Elaine conta que já tinha afinidade com o trabalho das mulheres e sindicatos rurais antes de vir para o Paraná

⁶⁵ Sobre o que define para esses sujeitos uma vida melhor, ou novas oportunidades, estas que são empenhadas na conquista da terra é paralela as perspectivas de que “Terra é moradia, terra é salário e terra é vida”, cf. MOREIRA, V. J. O fazer-se de Trabalhadores como sem-terra em Sumaré, São Paulo (1980-1997). **Tempos Históricos**, vol. 11, p. 69-103, 1º semestre 2011. p. 73.

e quando se mudou para Cascavel se aproximou dos sindicatos urbanos, conforme ela relembra:

Elaine: [...] porque eu trabalhava numa indústria de confecção. E daí eu fiz parte da fundação de um sindicato. Isso foi em 94, 95. E daí a partir dali eu fui conhecendo o Movimento Sem Terra e tudo mais, que daí depois de formada e tudo mais, eu me engajei no movimento⁶⁶.

Diferente da maioria dos sujeitos, Elaine teve um formação e experiência com sindicatos e trabalhadores rurais antes de fazer parte do Movimento Sem Terra. Trabalhou em secretarias do movimento estadual, nacional, em São Paulo.

Elaine: Lá eu fazia parte da secretaria geral. A parte toda de organização, de documentação, das relações políticas, o que tu imaginar passa por lá, né? Por esses espaços. E na Secretaria Nacional em São Paulo, eu fiquei um período na secretaria da formação, né! Nos cursos, né! Nosso, aí a nível nacional, da Escola Nacional Florestan Fernandes, e depois também eu dei um apoio na Secretaria Geral. Na Secretaria Nacional, né?!

Cintia: E foi opção da senhora não fazer mais parte e vir pra cá, ou isso é um período só que...?

Elaine: Não, foi... é porque assim, quando a gente vai para esses espaços, a gente tem uma discussão de um período de contribuição, né? E daí na época, eu tive uns problemas de saúde também, e daí na época eu achei melhor retornar pra...

Cintia: E daí então, em 2007?

Elaine: Em 2007, mais precisamente no dia primeiro de setembro, se eu não me engano, eu retornei pra Cascavel. Retornei para cá. E daí eu fiquei um tempo na cidade, né? Com apoio, suporte da secretaria, e daí depois, não deu um ano, por aí, um ano e pouco, eu vim para o acampamento. E daí eu, achei que era bom o momento, para a vivência, e tudo mais, para a gente se relacionar [...] ⁶⁷

Um das práticas dos sujeitos envolvidos no MST é contribuição, o trabalho em alguns dos setores do movimento. Geralmente são pessoas como Elaine que coordenam e são chamadas de dirigentes, determinadas frentes⁶⁸ dentro do movimento local, além da contribuição na formação dos trabalhos de base.

⁶⁶ MARQUIORI. E. Entrevista concedida em 18 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas realizadas nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 1h04min.22s.

⁶⁷ MARQUIORI. E. Entrevista citada.

⁶⁸ É como são chamados os setores dentro do movimento.

Elaine teve uma trajetória de vida um pouco diferente, mas os projetos de vida, se assemelham. A busca por melhores condições de vida, não só para a família dela, mas para com os outros sujeitos faz parte do que ela acreditar ser justo.

O acampamento se torna cada vez mais uma alternativa de luta para um conjunto específico de trabalhadores expropriados, sem terras e incomodados com a condição que vivem e por já terem passado por várias experiências, não só no Brasil, mas também no Paraguai, torna-se cada vez mais uma saída de sobrevivência e de luta contra a desigualdade e exploração demonstrando que a luta não é só pelo acesso à terra, mas o caminho percorrido.

Tais reflexões nos ajuda a compreender sobre os sujeitos que fazem parte do MST. Suas trajetórias de vida, as experiências exposta e lembrada refletem os sentidos e significado do processo de luta pela sobrevivência e a busca por melhores condições de vida. Diante dos processos de experiências históricas conquistadas e apreendidas por cada sujeito. Levando em consideração a própria memória que “[...] é colocada num campo de tensão, contradição e disputa”.⁶⁹

A experiências são inevitáveis e continuas sendo assim, no segundo capítulo continuaremos a tratar sobre a trajetória e luta pela terra desses sujeitos a partir do processo de ocupação e acampamento. Momento em que todas essas experiências e singularidades irão se unir no trabalho coletivo, em busca do mesmo projeto de vida, dividindo tensões e conflitos diários, tanto dentro do próprio movimento quanto com a classe dominante.

⁶⁹ MOREIRA, V. **O levante comunista de 1949**: memórias e histórias da luta pela terra e da criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores no Noroeste paulista. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012. p. 42.

Capítulo II

O sentido de luta dos trabalhadores nos acampamentos e a formação como sujeitos sem terra

Em 25 de setembro de 2007, o jornal Gazeta do Povo informa a compra de uma área que estava em negociação há 8 anos. A reportagem traz na manchete: “Inkra compra terreno para resolver ‘maior conflito agrário do Paraná’”⁷⁰. Dentre esses 8 anos de espera acampados, muitos despejos e reintegração de posse foram feitas, acirrando os conflitos.

No entanto, há um intervalo significativamente longo entre essa reportagem e a efetiva posse da terra por parte do acampados, que ocorrera somente 7 anos depois, no início de 2014. Entre todos esses 15 anos de acampamentos, podemos encontrar diversas reportagens sobre esse período. Na sua grande maioria são notícias sobre conflitos e confrontos em um período consideravelmente longo. Situação que demonstra o quão moroso foi esse processo de ocupação, acampamento e assentamento. Isso demonstra que há um conflito de interesses.

Dentre as inúmeras notícias, estão as que tratam sobre as negociações e compra da terra da Fazenda Cajati⁷¹. Uma área considerada nobre pelos próprios acampados e assentados, por ser próxima a cidade de Cascavel⁷², e também próximo do local que sedia anualmente o maior encontro agroindustrial do Paraná, o Show Rural Coopavel desde 1988⁷³.

No entanto, desde o início da década de 1980, haviam grupos de trabalhadores sem terra que faziam ocupações na região Oeste do Paraná. Na maioria eram desapropriados decorrentes da construção da Hidrelétrica de Itaipu a partir da construção da Usina Hidrelétrica, outros eram do grupo “Bandeira Branca”, trabalhadores que não

⁷⁰ Inkra compra terreno para resolver ‘maior conflito agrário do Paraná. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/incra-compra-terreno-para-resolver-maior-conflito-agrario-do-parana-ano7pmw7rm7t6wwbdohkcomdq>>. Acesso em: 03/01/2018

⁷¹ Esta área pertencia a empresa Imapar - Cajati Reflorestamento e Agricultura Ltda. Foi adquirida pelo Inkra por cerca de R\$ 10 milhões, dos quais R\$ 90,2 mil foram pagos em moeda corrente (referente s benfeitorias da área) e o restante será resgatado por meio de Títulos da Dívida Agrária (TDAs), com prazo de resgate que vai até 2012. O anuncio da compra da terra foi em abril de 2009. Os acampados só foram assentados em 2014.

⁷² Município da Região Oeste do Paraná, com aproximadamente 319.608 habitantes. Ocupa a 18º posição de melhor economia da região e 399º do estado. IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavel/panorama>>. Acesso em: 03/01/2018

⁷³ A localização do evento é a menos de 7 quilômetros do assentamento Valmir Mota.

se sentiam representados pelo MST, mas que também mantinham a mesma prática de ocupação de terras.

A partir da década de 1990, houveram diversas ocupações na região de Cascavel. Mas especificamente, a partir de 1999 foram ocupadas terras por trabalhadores que hoje são os sujeitos desta dissertação. Neste período surgem alguns acampamentos, no plural, pois havia uma estratégia por parte dos trabalhadores de se dividirem, para além de questões de estrutura, terra para plantação e sobrevivência, pois aos poucos vinham trabalhadores de todos os lugares para se juntar ao Movimento. Mas também como estratégia de resistência contra o governo. Conforme o organograma abaixo:

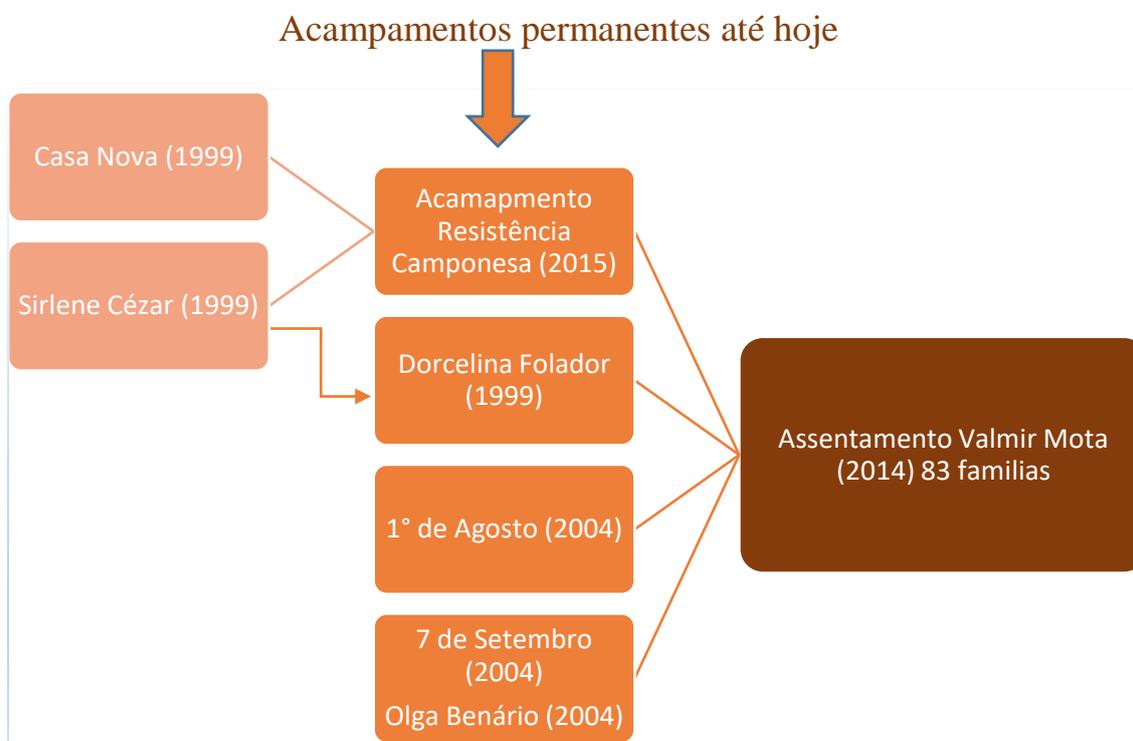


Figura – 3. Acampamentos permanentes. Cintia Mello, 2018.

A existência de acampamentos permanentes demonstra que há organização dos trabalhadores sem terra em movimentos sociais de luta por reforma agrária. Como também é uma evidência de que o projeto de luta pela terra tem mobilizado os trabalhadores continuamente. Mas diante disso, percebemos que estes acampamentos permanentes têm se tornando uma característica singular nos movimentos sociais de luta pela terra. Sendo assim, temos pensando em como a organização/coordenação do MST na região de Cascavel tem construído a luta pela terra na região? Quais os significados

construídos para esses acampamentos permanentes? Quando, como e por que a coordenação definiu como estratégia de luta pela terra os acampamentos permanentes? Será que é uma estratégia, ou foi a forma que se redefiniu diante a conjuntura política? Essas são questões importantes e que foram surgindo necessidade de responde-las conforme a pesquisa foi se desenvolvendo.

Esse deslocamento fica marcado na fala dos assentados, no qual foi complexo estruturar o texto diante de tantas mudanças entre os acampamentos, dentre estes citados acima e os de outras regiões que não cabe discuti-los neste momento.

Há uma dinamização dentro do MST, no qual muitos dos trabalhadores que faziam parte desses acampamentos, mas que não estão atualmente no assentamento, foram para outros acampamentos em outras cidades ou estados e, posteriormente, assentados, ou seja, existem outras histórias, além desta que leva ao assentamento Valmir Mota, mas que não coube pesquisá-las dentro do recorte desde trabalho.

Para falar sobre a dinâmica dos acampamentos é importante entender os-processos e desdobramentos, estes que não são lineares e carregam características e informações relevantes. Sendo assim, em 1999 surge o acampamento Casa Nova juntamente com o acampamento Sirlene César, que, posteriormente, se reestruturaram e passaram a ser chamados de Resistência Camponesa. O Sirlene César, por falta de espaço, se desdobraria em outro com mil famílias, o acampamento Dorcelina Folador⁷⁴, no dia 18 de maio de 1999. Este que se tornou acampamento permanente e existe até hoje (2018), no mesmo local.

No acampamento Dorcelina Folador iniciou-se a constituição do Setor de Educação e a Escola Itinerante, que se tornou referência regional. Conforme o Caderno da Escola Itinerante do MST:

A luta dos sem terra resistiu, por cinco anos, a um governo truculento, o Governo Lerner (1999-2002), com ameaças de despejo e, mesmo assim continuou sua luta, chegando em 2003, a aglutinar 1200 famílias acampadas⁷⁵.

No entanto a vinda de novas famílias despejadas da região central do estado aumentando a necessidade de mais terra para cultivar, além da resistência contra o

⁷⁴ Este acampamento está localizado na fazenda Cajati no município de Cascavel, próximo ao distrito do Rio do Salto e tem origem de acampamento da BR277 no período de 1999 até hoje.

⁷⁵ MST. Escola Itinerante do MST: Histórias, Projetos e Experiências. Cadernos da Escola Itinerante. Ano VIII – n° 1 – Curitiba, abril de 2008. p. 55. Estas referências são cartilhas semestralmente produzidos, em âmbito estadual, pelo próprio assentamento.

governo, “as famílias se reuniram coletivamente redefinindo uma nova ocupação, sendo assim, 800 famílias se deslocaram e o restante delas permaneceu na localidade”⁷⁶ formando o acampamento 1° de Agosto na data que leva o seu nome no ano de 2004. Pelos mesmos motivos, no dia 7 de setembro do ano corrente, outro acampamento foi montando com a data em seu nome.

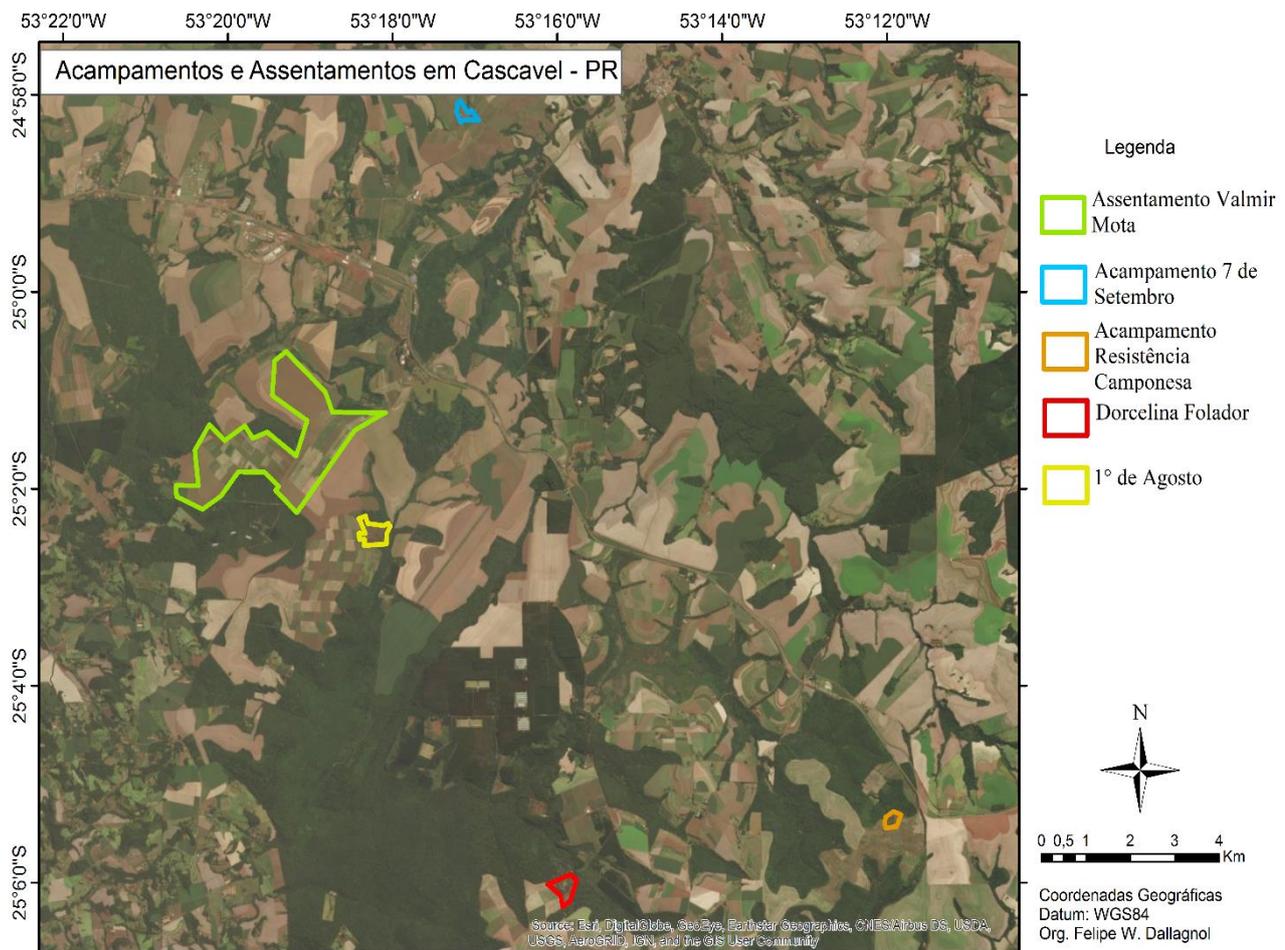


Figura 3 – Mapa da localidade dos acampamentos em relação ao assentamento Valmir Mota

⁷⁶ Ibidem, p. 62.



Figura 4 – Mapa da localidade do acampamento Olga Benário

O processo histórico de formação do assentamento Valmir Mota começa ainda em 2004, quando os sujeitos acampados do Sete de Setembro e Primeiro de Agosto se reúnem para discutir a possível conquista da área que futuramente viria a ser o atual assentamento Valmir Mota.

Em todo acampamento há grupos definidos para organização de cada setor dentro das necessidades da organicidade de cada acampamento. Ou seja, cada pessoa que entra para o Movimento escolhe um setor que tenha mais afinidade e queira fazer parte, isso já é exposto ainda no trabalho de base com as famílias interessadas em ocupar e acampar.

A construção da organicidade está diretamente atrelada a formação desses sujeitos enquanto sem terra. A insistência dessas famílias em uma condição de resistência, até mesmo física e emocional, por muitas vezes se ampara nos sentidos e lembranças das dificuldades no passado, isso nos remete outra vez a pesquisa sobre os trabalhadores de Sumaré sobre o enfrentamento das dificuldades no processo de acampamento no qual “o

sofrimento que estavam passando, a fome, os encorajam a ímpetos de luta sem muita reflexão sobre as consequências e perigos que esses poderiam representar”.⁷⁷

Militância, capacidade de elaborar estratégias na luta política pela reforma agrária, grande parte dessa prática participativa influenciará nos critérios para escolha do lote, quando forem para os assentamentos e, em grande medida, quanto a formação acadêmica de quem demonstrar interesse.

A realidade de um acampamento é dialética e dinâmica, sendo assim, muitos elementos estruturais como a análise de conjuntura, fixação de objetivos, tomadas de decisões, divisão de tarefas, avaliações da efetividade do plano de ação, que são utilizados e discutidos em um momento, podem ser modificados em outro, portanto, o método e as estratégias são alterados de acordo com cada realidade e necessidade. Mas existem questões que são pilares para a organização do acampamento, como o planejamento da ação.

Dentre as atividades deste planejamento, desenvolvida pelos coordenadores e dirigentes, as triagens das terras para saber se há algum tipo de irregularidade junto a Justiça, Receita Federal, Incra, entre outros. Caso tenha, o MST define a ocupação da área. Muitas vezes esse processo não é pacífico pela não aceitação do proprietário da terra, no entanto, o INCRA intermedia as negociações entre o proprietário e o Estado, ressarcindo em dinheiro as benfeitorias e descontando em Títulos da Dívida Agrária (TDAs) o valor da terra para o proprietário, como foi o caso da área do assentamento Valmir Mota.

A estruturação dos setores é realizada da seguinte forma: para cada 50 famílias há um representante de cada setor (frente de massa), que são: produção, educação, formação, comunicação, saúde, gênero e outros de acordo com cada realidade.

Muitas vezes essas negociações demoram um pouco, e nesse processo os trabalhadores já se instalam e começam a plantar para sobreviver, pois nem sempre a oferta está de acordo de ambas as partes, como foi a situação da área que hoje se localiza o assentamento Valmir Mota, só foi formalizada a compra por parte do Estado no ano de 2010, ou seja, somente 4 anos após o início do plantio dos acampados, estes que se instalaram no terreno ainda em 2006.

De acordo com o PDA – Projeto de Desenvolvimento do Assentamento, de 2014:

⁷⁷ Idem, *Ibidem*, p.93.

A aquisição de parte da fazenda Cajati pelo governo federal ocorreu em 2010. A partir daí os acampados começaram a fazer suas casas, barracos, hortas, paióis, chiqueiros entre outros, construções rústicas, formando uma comunidade de pré-assentamento onde está localizada até o momento, aguardando a divisão e sorteio dos lotes. Todas as estruturas foram feitas para resistirem no máximo 1 ano, prazo em que as famílias esperavam receber seus lotes⁷⁸.

Importante ressaltar aqui que neste PDA encontram-se famílias oriundas de diversos acampamentos, dentre eles: o acampamento Dorcelina Folador, Casa Nova, Primeiro de Agosto, Sirlene César, Sete de Setembro, mas também aglutinam famílias dos acampamentos: Pátria Livre de Céu Azul, Terra Livre de Santa Tereza do Oeste e Boite de Ramilândia.⁷⁹ Todos esses trabalhadores somados resultam em 106 famílias, porém, a área adquirida foi dividida em apenas 83 lotes de 3 alqueires cada, o que quer dizer, 83 famílias. As demais se dividiram em outros acampamentos.

A ocupação na área do acampamento Primeiro de Agosto gerou um conflito com os ruralistas da região de Cascavel. Ter uma área tão próxima das cidades e dos centros industriais ocupadas por sem terra não era aceitável pela classe dominante, além dos aspectos estereotipados que o movimento de luta pela terra tem perante essa classe.

Os conflitos foram no aspecto político e nas relações sociais com os demais sujeitos de fora do assentamento, gerando estereótipos de baderneiros e marginais perante a sociedade e os colocando contra, em grande maioria, em relação ao MST, utilizando-se principalmente de recursos midiáticos.

Para ocupar determinado território, os sujeitos do MST fazem uma triagem, uma pesquisa sobre o local, e caso tenha algum processo ilegal, não somente pelo fato de ser improdutiva, mas que não tenha escritura da terra, atraso de impostos, por exemplo, é organizado a ocupação.

As preparações para esses momentos são muito importantes para os sujeitos que fazem parte do Movimento. Para alguns, será a primeira experiência de levantar de madrugada e seguir com o grupo para a área a ser ocupada. Um misto de sentimentos que perpassam o receio de possíveis conflitos e a sensação de estar efetivamente buscando a conquista tão sonhada terra para outros sujeitos a experiência de outras ocupações lhes trazem a preparação, as estratégias e a esperança de que finalmente aquele seja o local para fazer morada.

⁷⁸ PDA. Projeto de Assentamento Valmir Mota Município de Cascavel / 2014. p. 51.

⁷⁹ Neste trabalho no restringimos somente aos acampamentos de Cascavel.

Após a ocupação começam as negociações entre o INCRA e o proprietário da terra, conforme relata Geni que tem 17 anos de experiências no Movimento:

Porque é assim ó, por exemplo, a área do Primeiro de Agosto ele mantém uma oferta, né, ele ainda é... diz que ele retirou a oferta, mas ele tem um acerto com nós, porque nós plantávamos até aqui onde encosta no assentamento, né. Para baixo da estrada é a área do assentamento, para lá da estrada é a área do Primeiro de Agosto, do mesmo cara. Como é daí no Primeiro de Agosto ficou umas 300 famílias no Dorcelina e veio essas mil e poucas famílias para o Primeiro de Agosto, mas a área encostava na outra que o pessoal plantava né, e de lá do Dorcelina eles se dividiram e ocuparam a outra área. Ocuparam, mas ele nunca ofertou, ele sempre foi uma briga sempre muito grande com esse cara, esse médico. O INCRA foi atrás, pediu para eles ofertarem, ele nunca ofertou a área. Ele disse que ele podia vender a área no outro dia, mas tinha que tirar os sem terra de lá. Era um médico, ele até foi um tempo aí secretário de saúde aqui de Cascavel, esse cara. E ele conseguiu que um juiz aqui de Cascavel, estava, o Governo do Estado entrou no processo, foram até pra Brasília para poder desapropriar. Mas com o Governo do Estado não tem e quem tá ao redor do governo do Estado também não... né. É a partir da hora que eles tiraram um acampamento lá na, em Santa Terezinha de Itaipu, né, que o povo lá se organizou e ocupou uma fazenda ali bem do lado do pedágio, eles conseguiram tirar, com 90 dias, tiraram as famílias de lá com um despejo muito violento. A partir disso tinha o Rossoni, no Estado do Paraná, quando ele assumiu a Casa Civil, ele se organizou para tirar 10 áreas daqui do Oeste, então para tirar todas as nossas áreas. Mas quando ele, eles tiraram lá Santa Terezinha de Itaipu a gente fez uma movimentação no Estado, trancamos rodovias [...]⁸⁰

Esse processo de negociação é parte da demora que a maioria dos sujeitos que hoje vivem no assentamento Valmir Mota tiveram que enfrentar, em média 12 anos para a demarcação dos lotes. Além do processo de avaliação e encaminhamentos de lutas, por exemplos, a defesa por parte da direção do movimento em defender o assentamento de todos aqueles que estavam nos acampamentos e não apenas de alguns, já que a área era insuficiente para todos. Também há os assentamentos que foram se formando nesse período – a partir de 1999 – que incluiu acampados desses acampamentos.

⁸⁰ SOUZA, G. Entrevista concedida em 23 de junho de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 2h30min13s.

Diante de todos esses impasses e conflitos, os momentos de dificuldades são acirrados e as dificuldades se intensificam. Conforme narra Leidiane e seu esposo Laurecir, quando pergunto sobre como vieram parar no movimento, o deslocamento entre os acampamentos e o longo período debaixo da lona:

Leidiane: Então, nós morávamos numa granja lá perto de Santa Tereza, eu e meu marido, daí através de gente que já morava no MST foi lá e conversou com a gente e tal, fez a proposta e nós viemos. Já faz 14 anos que nós fomos acampados. Daí nós viemos e se acampamos a primeira vez na Dorcelina, ficamos lá 1 ano, daí de lá do Dorcelina viemos pra Primeiro de Agosto e ficamos ali em torno de 1 ano, 1 ano e pouquinho... e daí fizemos nossa... entre esses 14 anos fizemos um monte de mudança em vários lugares, né?! Fumo pra Syngenta, pra Santa Tereza, daí de lá nós viemos pro Sete de Setembro e agora que nós estamos assentado mesmo faz 3 anos, né?! Mas foram... foi então 11 anos acampados num lugar e outro e muita dificuldade, né?! Porque era de baixo de lona, não tinha água e tudo... e é isso, foi através de amigos nosso, que já morava aqui no acampamento foi lá e falou como é que é e tal e aí a gente por não querer mais trabalhar e ser mandado a vida inteira por patrão e... decidimos tentar conseguir um pedacinho nosso⁸¹.

Conforme Leidiane narra sua trajetória, ela relembra e organiza suas lembranças, situação recorrente na metodologia do trabalho com a fonte oral, no qual o sujeito pode até embaralhar suas lembranças, mas a narrativa existe⁸² e sua subjetividade exposta expressa o quão significativo determinado processo é para os sujeitos.

Sendo assim, Leidiane parece se surpreender com a própria trajetória em alguns momentos. As lembranças dos longos anos de dificuldades e as várias mudanças a deixaram desanimadas em alguns momentos, sendo reanimada e impulsionada a continuar na busca pela conquista da terra pelo seu esposo, Laurecir. O significado de luta parece se desenhar nestes momentos para muitos sujeitos. É o valor da opção feita pela contrapartida de ser “mandado a vida inteira por patrão”, sem recursos financeiros para ser autônomo, o acampamento se torna uma possibilidade de alterar a condição desses sujeitos. Situação que se repete na maioria dos demais sujeitos que buscaram o Movimento dos Sem Terra.

⁸¹ CRUZ, L. CRUZ, L. Entrevista concedida em 17 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 47min26s.

⁸² PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro: vol. 1, n.º. 2, 1996a.

Ao relembrares todo o contexto que envolveram as mudanças, os conflitos, o período em que foram para a ocupação na Syngenta até se fixarem no Sete de Setembro e, finalmente, no lote, no assentamento, lhes trazem um suspiro de alívio em meio as menções de descontentamento da conjuntura atual. Uma demonstração de que a luta não parou na conquista da terra, e que o sentido de transformação nessa trajetória, se faz em todo o percurso e que esses sentidos vão se refazendo a cada dificuldade e a cada conquista.

De forma semelhante, José também chegou ao acampamento, com uma trajetória de outras regiões. Sua experiência perpassou, inclusive pela quebra do estereótipo marginalizado que a mídia constrói sobre o movimento, no qual, ele começa falando nessa narrativa:

José: Eu vi que era bem diferente, não era como a mídia mostrava, né! Que eles mostram uma coisa e não é aquilo. Daí, a partir de uma semana depois, eu vim na casa do meu tio, e comprei umas coisinhas e fui para lá, fui embora daí e eu tô até hoje. E nessa época lá eu fiquei 1 ano... quase 2 anos praticamente e a gente foi despejado, que essa turma lá entrou na justiça com pedido de reintegração de posse e ela ganhou, né?! E nós tinha que pegar e sair, quando ganha, tem que pegar e sair, né?! Daí a gente pegou foi pra uma beira da BR lá em Manoel Ribas e nesse assentamento que falei pra você, lá já não tinha como nós ir, lá já estava o pessoal, já que nem aqui né, cada um já tinha o seu, então não tinha como nós ir lá, então fomos pra beira da BR, daí ali nós ficou mais ou menos uns 4 meses por aí, e nós ia ocupar uma outra área próxima só que daí não deu, como disse o acampamento nosso, que nós tinha ido lá e o pessoal foi embora, desistiram, isso foi enfraquecendo o movimento nosso ali e nós pegou e não sabia como nós fazia, só que daí eu pensei que voltar pra trás eu não vou, eu vou encarar, eu vou pra frente e daí uma época a direção fez uma reunião lá e chamou todos nós e falou "oh, nós temo 3 lugar pra nós ir, você decidem", tinha aqui Cascavel, tinha na lá próximo lá e tinha numa outra área lá que foi despejada e que agora me fugiu o nome, e eu vim pra cá, daí eu vim aqui e morei aqui no Primeiro de Agosto, não sei se tu conhece ali, morei ali 2 anos, no Primeiro de Agosto, dali a gente veio aqui pra Santa Tereza do Oeste, a gente ficou ali também 2 anos e dali eu me desloquei lá pra escola na Lapa.

Cintia: Onde que fica isso?

José: Fica lá próximo a Curitiba lá, uma escola grande que tem lá que é do movimento também, né?! Da agroecologia... Daí fiquei um tempo, mais ou menos uns 6 meses e de lá eu me desloquei lá pra Maringá, na escola Milton Santos, não sei se você conhece, uma escola grande também que é do Movimento lá. Daí lá eu fiquei 9 anos lá em Maringá. E sempre a minha expectativa era voltar aqui, porque aqui é onde eu praticamente cheguei a conhecer como que era o movimento, né?! Conhecer bastante gente até fora do Brasil, que vinha nos encontros e

tudo, então é... E quando foi agora 2 anos atrás o pessoal lá na escola falou para mim: "oh, eu acho que você vai voltar para onde você era, onde você conhece e tudo", mas só deram aquela... ameaçaram, mas não falaram aí eu fiquei naquela expectativa, né?! O pessoal da coordenação da escola lá do Milton Santos, mas eu já estava... minha expectativa era voltar aqui, porque aqui foi onde eu comecei né, e daí quando foi um certo tempo, teve uma reunião de direção lá e foram a direção daqui pra lá, o pessoal daqui foram e me chamaram e eu já estava mais ou menos sabendo como que era... "tem um lote pra você lá... assim, e assim..." e tal e me explicaram... "agora você que vê se vai querer ir ou não né, mas na hora eu nem esperei eles terminar de falar aí e eu aceitei e agora eu vou falar a verdade, eu fiquei muito satisfeito, não me importou tempo, o tempo que eu contribuí, não me fez importância, o importante é eu tá hoje onde eu tô e é uma coisa que eu lutei e consegui, né?! E hoje graças a Deus eu tive a minha convivência aqui dentro, vendo também alguma coisa, então pra mim foi uma luta de grande valor, claro a gente sofreu um pouco a gente passou por dificuldade, mas a gente conseguiu, a gente nunca se entregava na hora que via que a coisa estava meio querendo complicar a gente sempre lutava pra dar um passo mais, não recuar pra trás, né?! E daí tô aqui já vai fazer 1 ano ainda que... que eu sou novato aqui, esse pessoal aqui acho que já tão aqui há quase 4 anos e eu cheguei agora né, mas tô satisfeito, muito satisfeito né, e as coisas que a gente pensa, da gente construir a gente vai conseguir devagar né, a gente consegue, pra mim foi bom demais⁸³.

O deslocamento existente nesta trajetória expressa a dinâmica de um sujeito acampado, em grande maioria. Ainda que neste caso, José tinha a possibilidade de se planejar e organizar sua ida ao acampamento, comprando "umas coisinhas". Esta situação acontece de diversas formas entre os sujeitos. Mas o caso aqui é singular por José não ter família, esposa e filhos, circunstância que facilita a mudança de um lugar para outro e a aceitação desta.

Vemos a situação de José, um militante com uma experiência longa dentro do movimento de luta pela terra e conhecimento de vários lugares e voltar para "onde conhece tudo", o tempo de acampamento e militância quando ele se refere a "contribuição", parece dar mais sentido a conquista da terra. O fato de ter contribuído, auxiliado e participado de forma mais intensa nos projetos do MST como se tivesse entregue a vida para essa conquista a ponto de hoje o que basta é estar em seu lote e isto significa a luta pela conquista para José.

Contudo, também podemos pensar essa situação como uma estratégia dos próprios coordenadores do acampamento em ter sujeitos com engajamento na luta pela terra em

⁸³ SANTOS. J. L. Entrevista citada.

um espaço onde percebem que o grupo não é homogêneo, por mais que tenham passado por tantos anos nos enfrentamentos diários pela conquista da terra, para alguns, este processo se reduziu apenas a conquista da terra como “uma esperança de vida”. A exemplo disso, os diversos conflitos e embates para alterar regras já conhecidas e aceitas antes de adentrarem na ocupação, confrontos de ideias existentes entre os sujeitos dentro do assentamento com apenas 4 anos de conquista do lote. A experiência do despejo do seu primeiro acampamento demonstra a prática das regras básicas existentes no movimento. Por mais que havia um assentamento próximo, estes não poderiam fazer parte, uma vez que os assentados já estavam em seus lotes, portanto, era necessário recomeçar novamente em outra área.

Porém, não são todos os sujeitos que estão dispostos ou em condições de seguir por todo esse deslocamento. Muitos destes trabalhadores vão com sua família para o acampamento, o que se torna mais difícil a convivência em um ambiente incerto e provisório. Seria este o momento em que o sujeito encara e repensa os significados da luta pela conquista da terra? Talvez seja um dos momentos, se levarmos em consideração todo o processo da luta pela conquista da terra, até o assentamento. E é o que temos visto nesta pesquisa.

A esperança da conquista muitas vezes se pauta nos lotes já conquistados por outros sujeitos, mas a experiência adquirida neste processo, por vezes, pode fazer com que o sujeito ainda prefira e aceite a condição de trabalhar para terceiros, seja pela segurança do salário no final do mês, ou por ser a alternativa já conhecida e vivida anteriormente. Os imprevistos e surpresas ainda assim são aceitos com mais veemência do que todo os percalços e enfrentamento de uma ocupação, envolvida por capinar mato, passar fome, sede, enfrentar chuva e sol, sem ter a certeza de nada, apenas com a perspectiva de um futuro melhor, com um presente imprevisível.

O que não foi o caso de José que mesmo já vivenciando as dificuldades de um primeiro acampamento e despejo, estava firme em continuar, em “encarar”, seguir “pra frente”, como se desistisse naquele momento fosse um retrocesso na sua vida, nos seus planos.

Não há regras e normas fixas nos deslocamentos entre os sujeitos acampados, aparentemente. Isso ocorre de acordo com as necessidades de cada conjuntura de determinado acampamento ou assentamento e a opção de cada sujeito. José disposto a ir para outros lugares, continuou a dar significado para o “seguir em frente”, mudando mais 2 vezes de acampamento, totalizando em mais 4 anos de luta pela conquista da terra.

Aqui podemos perceber como o MST foi formado e organizado. De um lado chegam sujeitos para acampar, do outro, alguns sujeitos vão embora do movimento, e outros vão para outros lugares em novos acampamentos. Toda essa circulação de trabalhadores chegando e saindo indica que os problemas continuam e que o movimento continua como uma alternativa de luta pela tão sonhada e buscada vida digna, o que significa para muitos trabalhadores como uma vida livre de aluguéis e uma renda para sobreviver, pois, sabemos que após o processo de acampamento para o assentamento, as angústias continuarão, só irá modificar as diretrizes.

José é um dos poucos casos entre as 83 famílias assentadas no Valmir Mota, que após um período acampado em outras áreas da região Oeste, foi contribuir com trabalho em uma escola do movimento, em Maringá e em Lapa - região metropolitana de Curitiba. Com a opção de voltar para o já formado assentamento, escolheu retornar e finalmente se fixar em seu lote e construir sua casa.

Os nove anos vivenciados na Escola Milton Santos, em Maringá, trouxeram muita satisfação e conhecimento para José. A oportunidade de estudar foi a principal delas⁸⁴, além do contato com pessoas de vários outros lugares, inclusive estrangeiros. Desta forma parece que o tempo não foi difícil de passar para José, sendo lembrando de forma positiva, no entanto a conquista do lote ainda estava nos planos e quando teve a possibilidade de voltar para o movimento na região de Cascavel, em 2015, se consolidou.

Hoje, sentado no banquinho feito de madeira, por ele mesmo, diante sua casinha erguida de madeira também, ao lado sua pequena plantação de milho, rodeado por hortaliças e algumas galinhas, suado do trabalho na terra, relembra sua trajetória, considerando os momentos de sofrimentos como um preço a ser pago para sua realidade atual, além de contribuir na construção de sua narrativa o lado positivo de “seguir em frente” nos momentos em que muitos acampados não seguiram.

De forma semelhante a trajetória de José, Valmir também foi para o movimento a partir do conhecimento e experiência vivida por conhecidos. Percebemos que as vivências no acampamento são compartilhadas nos encontros e conversas entre os sujeitos de dentro para fora do assentamento. E certamente esse relato é contado de forma positiva, a ponto de se tornar uma possibilidade para os demais trabalhadores que ainda não tiveram contato direto com a realidade de um acampado. Ou seja, todos os enfrentamentos e as

⁸⁴ Os estudos são uma das principais satisfações e possibilidades apontadas por alguns assentados, ao dizer que se não fosse pelo movimento, não teriam a chance de estudar, quiçá fazer faculdade.

dificuldades com a própria sobrevivência básica existente nessa fase do movimento é informada.

Sendo assim, o que faz com que os sujeitos aceitem essa condição, de antemão, e partem para o movimento? Sabemos que na história, os trabalhadores sempre se deslocaram em busca de trabalho. Mesmo que o motivo desse deslocamento não fosse um grande projeto de resistência para mudar as estruturas vigentes, na sociedade capitalista, mas sim, uma luta pela vida, pela sobrevivência. Se caso encontrasse uma possibilidade e considerasse melhor do que a atual vivida, os sujeitos buscariam e essa mudança. Conforme Rinaldo Varussa:

[...] A esperança se fundamenta no trabalho. Encontrá-lo é o que também faz com que estas pessoas se movam, assim como perdê-lo. E neste ponto se situa um primeiro aspecto a se destacar, que demarca uma dimensão constituída mais recentemente, como diferencial das sociedades capitalistas: os deslocamentos em busca de trabalho como deliberação e perspectiva dos que por ele buscam⁸⁵.

Neste sentido, os sujeitos desta pesquisa estão inseridos nesta perspectiva do trabalho. Fato que aparece em praticamente todas as entrevistas. O discurso da luta pela terra é trazido pelos sujeitos com um significado de alternativa de sobrevivência.

Ao conversar com Valmir, 44 anos na data da entrevista, percebemos que nem sempre ter um pedaço de terra, é suficiente. É preciso analisar as circunstâncias vividas:

Valmir: Nós éramos em 9 irmãos... daí a terra era pouca, daí um pouco eu saí no mundo trabalhar de.... de funcionário dos outro, construção de barracão, essas coisa, daí de lá eu... tinha uns conhecido que foi se acampa um tempo atrás lá pro Norte do Paraná, daí eu fui visita e gostei do sítio deles lá, daí falei quando eu sai da casa deles eu falei quando eu vim pro Salto do Lontra, quando sai um acampamento vocês me ligam que eu venho acampar pra cá (risos), daí acampeí lá em Santo Inácio lá...

Cintia: Aí eles ligaram e avisaram?

Valmir: Os acampados lá me ligaram e daí... botei minha bugigangazinha numa mochila e fui fazer o barraco lá, daí lá ficamos 4 anos lá, daí viro em despesa, acabou a brigada que nós tínhamos, daí tinha uns conhecidos daqui que ia passear pra lá e deram o endereço o dia que nós quiséssemos vim pra cá era pra vim. Daí acabo tudo o

⁸⁵ VARUSSA. R. “Daí, eu agarrei o mundo”: experiências e trajetórias de trabalhadores “sem profissão definida” a partir do Oeste do Paraná (décadas de 1970 a 2000). **Revista História e Perspectiva**. Uberlândia (43): 71-102, julho/dez. 2010.

acampamento que nós tínhamos lá daí eu vim para cá. Fomos despejados. Era só ocupação lá, não era nada certo.

Cintia: E aí o senhor tinha uns conhecidos aqui

Valmir: Que foram visitar uns parentes deles lá comigo que eles vieram acampado comigo, daí nós se conhecemos assim.

Cintia: E vieram acampar para cá?

Valmir: Daí viemos aqui para o 1º de agosto⁸⁶.

Ao falar da sua primeira experiência com assentados, Valmir expressa que “uns conhecidos que foi acampa um tempo atrás”, não leva em consideração discutir sobre todo o possível processo conflituoso que estes sujeitos passaram ou qualquer outro tipo de projeto que se pautasse em mudanças sociais, mas considerou que as características físicas e estruturais eram agradáveis para viver, tanto que se refere ao assentamento como “sítio”. Constatado na época e reiterada no momento da entrevista por conta da identificação da condição social.

Conforme sua narrativa, foram 4 anos de acampamento que acabou em despejo. Realidade que parece ser percebida por Valmir posteriormente. Mais uma vez a busca por terra torna-se motivo para o deslocamento deste e tantos outros sujeitos. Alguns podem ter desistido do objetivo de conquistar a terra junto ao MST e ido atrás de qualquer outro trabalho em outros espaços, e outros terem continuado nessa labuta, como foi o caso de Valmir.

Esta situação também possibilita analisar os espaços de sociabilidades que ali são formados. As visitas entre os acampados/assentados formam laços de informações que chegam ao conhecimento de outros sujeitos que possam ver a possibilidade de melhorar de vida no movimento a partir da experiência do outro. O convívio cotidiano, as dificuldades divididas, as conquistas diárias, o apoio e as discordâncias são aspectos de qualquer ambiência. Fato que pode trazer identificação de outros trabalhadores para com o movimento.

Neste sentido, mesmo com uma experiência que lhe acarretou em “despesa”, Valmir deposita suas esperanças no assentamento. Talvez o fato de ter vivido com o trabalho no campo até os 26 anos e as várias experiências não muito satisfatório que teve quando decidiu “sair pelo mundo trabalhar”, o fizeram acreditar que voltar ao campo ainda seria o melhor. Com propriedade para dizer isso hoje, após passar por mais 9 anos acampado no Primeiro de Agosto, 13 anos no tempo total de acampamento, até conseguir ir para seu lote no assentamento Valmir Mota, conforme sua esposa, Marlei narra:

⁸⁶TORQUATO. V. Entrevista concedida.

Marlei: Imagine 13 anos nós acampado... 13 anos, minha menina foi para os barracos ela tinha 2 e meio e agora está com... vai fazer 15 aninhos em abril... Ela tem história para a conta...

Valmir: Mas alguns acabam desistindo.... Chega outros novos, fica um mês, dois meses, não se acostuma, vaza para a cidade de volta.

Nelson (vizinho): Fica 10, 12, 15 anos as vezes aqui... igual eu fiquei... tem que se de opinião... se não...

Valmir: Se não tive não fica... que nem nós, sofremos quantos despejo, quatro despejos seguido lá de noite... no mês, com chuva ou sem chuva e... rasgavam tudo os barracos e com chuva... mandavam se joga no chão com as mãos ...

Cintia: E a família junto...

Valmir: Tudo junto... aguentamos... peleemos... Estamos aí até hoje... hoje está bom... tranquilo⁸⁷.

O tempo e as lembranças são comparados com o crescimento da filha. Relação recorrente nas narrativas e lembranças entre os sujeitos entrevistados que trazem em sua trajetória fatos correlacionados ao nascimento, morte, mudança, conquista, despejo, situações que são marcantes na vida desses trabalhadores.

A experiência de vida, até este o momento, da filha deste casal é uma fração se compararmos a de seus pais, mas a convivência nas dificuldades e conquistas se faz presente de forma integral, claro que não na mesma intensidade como a de seus pais, mas no que é cabível ao seu período de vivência.

A dinâmica de deslocamento é trazida novamente na narrativa de Valmir e Nelson, um vizinho que também já havia sido entrevistado. Ambos trazem o assunto para confirmarem o longo tempo vivido nos acampamentos até a conquista da terra. Uma retrospectiva que legitima para si próprio o valor de hoje estarem assentados. O “ter que ser de opinião” que “se não tiver não fica” ressaltado nas falas desses trabalhadores diante de tantos anos se deparando com momentos tensos e muitas vezes o desânimo e a dúvida de que estão no caminho certo para a conquista de seus objetivos.

A insistência de todo esses anos entre acampamento e despejos, contados com detalhes são acalentados pelos últimos 4 anos de residência fixa em seus lotes, conquistados por serem de opinião, segundo os entrevistados. Essa expressão seria o significado de que depois de tantos anos no processo de acampamento, o sentimento de direito da conquista é inevitável, como se fosse algo aquém do Movimento de lutas pela terra. Pois, houveram outros sujeitos que pensaram ser no assentamento a possibilidade

⁸⁷ Idem, Ibidem.

de uma vida melhor, mas que mudaram de ideia devido as condições cotidianas da luta e recomeçaram em outro lugar.

Há uma necessidade de qualificar positivamente todos esses anos de trabalho duro para dar sentido estar no assentamento hoje, necessidade de se convencer que foi uma boa escolha hoje, apesar de outros conflitos que aparecem no assentamento.

Se em alguns momentos a consciência de pertencimento exposta por Valmir não é explícita, quando converso com Leidiane percebo que, de forma sutil em alguns momentos, ela repete esse sentimento ao falar em certas ações do coletivo em terceira pessoa, como se ela não fizesse parte. Em sua fala, ela traz lembranças do momento árduo que foram os longos 11 anos de acampamento. Hoje, consciente de que aqueles momentos eram incertos, e que por vezes pensou em desistir, fato que não ocorreu por insistência do seu esposo Laurecir, que tinha um conhecido acampado.

Leidiane: Então né, que nem assim... enquanto está em acampamento não tem uma terra certa né, tem que ir indo invadir... eles falam invadir, ocupar, né!? Outras áreas é... conseguindo, né?! O lugar certo. Nós entre acampamento... que em te falei foram 11 anos morando num pouquinho ali, um pouquinho ali, ali, ali... até conseguir vim para cá. Acho que foi mais de 10 mudanças nesses 11 anos⁸⁸.

O que seria “o lugar certo”? Se as áreas são ocupadas a partir de uma triagem prévia e constatação de ilegalidade. Neste sentido, os proprietários conseguem documentações ou ações judiciais que postergam a negociação da terra ou a própria reintegração de posse. Por isso, só há certeza da conquista efetiva do lote quando chegam na fase de assentados⁸⁹.

Foi no trabalho em granja de aves que Laurecir ficou sabendo do acampamento, a partir deste conhecido, conforme conta Leidiane:

Cintia: E você falou que foi através de um conhecido lá das granjas que falou para você do assentamento... ele era acampado aqui?

Leidiane: Na verdade ele era acampado, fazia pouco tempo que ele tinha vindo se acampar né, e daí ele é bem conhecido do meu marido, começou a conversar e tal né, e falando onde eles estavam e começou a contar como era, daí a gente é curioso e sempre tem vontade de ter o que é da gente né, daí viemos procurar. Daí ele (o esposo) veio na frente e ficou um tempo, ele veio na frente e depois eu fui... eu tinha a minha menina mais velha era mais pequena do que essa daqui, tinha 1 aninho

⁸⁸ CRUZ, L. CRUZ. L. Entrevista citada.

⁸⁹ De acordo com a entrevistada Irini, do assentamento Valmir Mota, está em tramitação as normas para conseguir a documentação de titular da terra.

e era sofrido, nossa, era barraquinho sem água, sem luz, não é que nem agora, a pessoa vai acampar já tem água, luz né, nossa a vida era bem sofrida⁹⁰.

A vontade de ter algo próprio, mas sem ter dinheiro, fez com que a família de Laurecir e Leidiane se identificasse com a descrição e condição exposta por conhecidos que já viviam em acampamentos.

A condição precária e o sofrimento vivenciados no acampamento parece não ter sido um empecilho para Laurecir, que viu no acampamento uma possibilidade de ter uma vida melhor, que o mesmo relata como foram esses anos no acampamento:

Laurecir: Eu sempre trabalhei em fazenda, sempre pegando empreita, passando veneno, arranque de feijão.... Teve vezes deu pegar e trabalhar com 120 pessoas, eu tinha... levava... fretava um ônibus, ia de ônibus e de caminhão até se voltar vai ver um ônibus veio parado lá no Primeiro de Agosto lá você vai ver um ônibus veio encostado lá, aí nós fazíamos frete com a aquele ônibus lá. Teve vez de ter 120 alqueires para trabalhar com a peãozada... sempre trabalhando fora lá..

Cintia: E guardando dinheiro...

Laurecir: Sim, tudo... a gente guardando porque a gente não sabe né, vamos chegar no lote, mas não vamos chegar de a pé né, vamos chegar pelo menos com o dinheiro para já metendo umas pressão aí e se viram né, porque tem gente sempre fala aí que está rolando que já saiu o recurso, saia o lote já vinha o recurso né, aí a gente pensava né, vai sair o lote, nós já temo um recursinho pra criação e pra melhorar, né⁹¹.

Durante o período de acampamento, a dinâmica de sobrevivência é variada. Para além da organização comprometida com o movimento, muitos sujeitos se submetem à outras formas de trabalho fora do acampamento. O chamado “faz tudo”, ou seja, qualquer força de trabalho que lhe rendesse algum tipo de pagamento, principalmente o monetário, já era útil para guardar e investir no lote quando fossem assentados ou para própria sobrevivência durante o período de acampamento.

Mas diante de toda essa organização e preparação para a conquista da terra, existem os impasses e as incertezas. E por vários momentos, os despejos. Cada mudança de acampamento é novo recomeço, e para muitas famílias é um recomeço do zero mesmo. Se iniciam novas plantações para sobreviver, além da busca por novos trabalhos diários fora do acampamento. Novos barracos de lona e madeira de eucalipto são erguidos, além

⁹⁰ Idem, Ibidem.

⁹¹ CRUZ, L. CRUZ. L. Entrevista citada.

das incertezas de quanto tempo vão ficar nesse lugar, os possíveis conflitos já vividos da experiência de despejos de outros acampamentos.

A conjuntura de novos sujeitos que chegam no acampamento, conhecidos, parentes e amigos que formam outras famílias e assim sucessivamente, ou seja, muitas crianças nascendo e crescente nesses espaços. A escolarização dessas crianças e adolescentes também é umas das preocupações do Movimento e houve uma necessidade da organização de uma escola que atendesse a demanda, pois:

Algumas famílias, descontentes ao ver seus filhos perderem o ano letivo, os matriculavam nas escolas das cidades próximas, fazendo uso de um transporte escolar (muitas vezes de qualidade duvidosa) como meio para chegar à escola. Neste período, essa era a única oportunidade de inclusão social oferecida pelo Estado que negava o reconhecimento da existência de um movimento social que lutava pela terra e que agregava em seu meio milhares de famílias. Matricular seus filhos na escola da cidade significou deixá-los sofrer, muitas vezes, discriminação pela comunidade urbana, com professores e alunos que não compreendiam o processo organizativo e as causas que levam os Sem Terra a se organizar e lutar pela terra. Por isso, muitas crianças ficavam sem escola em tempo de acampamento, e as que conseguiam, quando o acampamento mudava de lugar passavam novamente pelo transtorno de “conseguir/disputar vagas”, sendo que muitas delas perdiam o ano letivo o que as desestimulavam a gostar da escola e de estudar⁹².

Dada a essa conjuntura, o Setor de educação do MST foi pressionado a formular novas possibilidades para fazer escola, como forma de atender os acampados. E neste contexto surge a escola itinerante Novos Caminhos do Campo, que posteriormente se chamaria de Zumbi dos Palmares, conforme narra Lucimar:

Lucimar: Foram em torno de umas quarenta famílias para lá [beira da BR 277, próximo ao pedágio] na época, daí algumas desistiram. E lá tinha um grupo de crianças também que não estavam frequentando a escola. Aí eu olhei no Primeiro de Agosto, o pessoal fez uma discussão com alguém que fosse ficar acampado lá, na beira da BR com aquelas famílias e... montar a escola. Então eu me disponibilizei, eu fui, fiquei dois anos na beira da BR junto com aquelas famílias, aonde a gente montou a escola itinerante Novos Caminhos do Campo. [...] ela teve uma duração de dois anos, mais ou menos. No começo ela tinha em torno de trinta e seis crianças, ela trabalhava com... com classes multisseriadas com as crianças. E esse acampamento terminou com a... conquista da terra comprada pelo INCRA é... em Jacarezinho. Que tem

⁹² MST. Escola Itinerante do MST: Histórias, Projetos e Experiências. Cadernos da Escola Itinerante. Ano VIII – n° 1 – Curitiba, abril de 2008. pg. 12.

um assentamento que saiu, que foi feito a compra de uma área muito grande em Jacarezinho. Aonde é... a maioria de famílias assim, que nem o pessoal que estava na BR foi para lá e não deu em nada aquela área – não deu em nada assim. Só que a gente morou o tempo todo as margens da rodovia. É... nesse período de dois mil e quatro, dois mil e cinco, dois mil e seis, dois mil e sete, dois mil e oito que foi até...o tempo que eu fiquei na BR eu trabalhei na área da educação. É... assim... mais diretamente assim com a escola. Daí eu parei um tempo de atuar diretamente na escola é, em dois mil e oito a gente termino a escola na beira da BR. Aí eu fiz o curso de pedagogia e... e durante o tempo/aí eu fui mora no Sete de Setembro⁹³.

Além da luta pela conquista da terra própria, Lucimar também viu no Movimento a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos. Seu engajamento desempenhado na área da educação foi tão forte que elas mantem até hoje. No assentamento, ela trabalha na coordenação e como professora da escola primária, com um concurso de 20 horas pelo município. Hoje, no assentamento, lembra das dificuldades de quando ainda estava no acampamento:

Lucimar: [...] em primeiro que se uma pessoa ele vai analfabeto para um acampamento ele tem condições de... ir se escolarizar, de fazer tudo, porque além da luta pela terra o movimento também faz uma luta por educação, por outros direitos, como moradia, não é só a terra. E na época tinha muitas crianças que estavam fora da escola porque o próprio município não comportava todas aquelas crianças.⁹⁴

Podemos identificar neste trecho parte do lema do MST, a luta para além da conquista da terra, pela transformação social. E parte dessa transformação está a educação, de acordo com Lucimar. Hoje, assentada e com uma longa trajetória no movimento, sua análise geral é de que não adianta conquistar a terra e não saber o que fazer com ela, seja pela própria identificação do significado que essa conquista pode trazer e o qual mais significativo ainda é manter e levar adiante os ideais ali construídos. Em sua avaliação, neste momento, diante de toda conjuntura do assentamento e das políticas públicas, ou falta dela, tonar-se mais desafiador as perspectivas de transformação idealizado pelo movimento.

Outro desafio enfrentado por Lucimar, em âmbito particular, foi desavenças e discordância com familiares em específico com o ex-marido:

⁹³ CALAÇA. L. Entrevista citada.

⁹⁴ Idem.

Lucimar: Eu me separei, enfim. Acabei ficando sozinha. O meu ex-marido queria se desvincular, queria se desacampar novamente a gente teve uma discordância de ideias no momento, porque... Primeiro que eu vi no movimento possibilidades assim que eu não vi, que eu acho que eu não conseguiria em outro espaço. A questão do estudo. Era uma luta muito maior do que aquela imediatista pela terra e só, sabe?! Eu vi outras coisas assim que talvez ele não teve a oportunidade de ver, então daí eu fiquei sozinha. Fico eu e minha filha. É... mas é... vou contar só minha itinerância de acampamento, dentro da mesma brigada. Então eu fui mora no Dorcelina, fiquei lá dois meses. Como eu comecei a contribuir⁹⁵ na escola eu fui indicada a fazer um curso de magistério no Rio Grande do Sul. Conclui o curso de magistério, aí nisso eu já estava morando no acampamento Primeiro de Agosto, que no dia primeiro de agosto de dois mil e quatro foi feito a nova ocupação é para um outro acampamento dentro da mesma fazenda. Aí eu fiz o curso, um curso de magistério, é... quando foi em dois mil e cinco a brigada discutiu aqui na região uma nova ocupação⁹⁶.

Sua visão sobre o Movimento a fez acreditar e entender o longo processo e as condições de acampada, com sua filha seguiu no processo de conquista da terra dentro do acampamento. Mas diferente das outras trajetórias analisadas aqui, Lucimar logo teve a oportunidade de continuar seus estudos em outro estado, resultado de sua dedicação a escola e a contribuição na criação da mesma.

[...] Eu morei lá [acampamento Sete de Setembro] por... uns dois anos também. Foi o período em quanto eu estudava e daí de lá foi aonde a gente teve a notícia aqui do assentamento. Só que ali no Sete de Setembro eu plantava já e quando eu mudei ali tinha o... cada família tinha um/um pedaço de terra para plantar, mas ainda era monocultura. Aí eu morei dois anos ali. Daí teve a conquista do assentamento se oficializou na verdade a notícia da compra. Que essa área ela está ofertada fazia tempo, já também. Aí foi a única área que foi comprada aqui na região oficial durante todos esses anos que foi oficializada e caberia no caso 83 famílias, que é o número, né! Que... aí você imagina, famílias do Primeiro de Agosto, tantos acampamentos para tipo fazer o INCRA fazer uma seleção. E o que foi avaliado para vim para cá, pra essa área? O trabalho de militância também, não só de tempo de acampamento⁹⁷.

⁹⁵ O termo “contribuir” é utilizado por muitos sujeitos que fazem parte do MST, para expressar a participação no Movimento. Vemos que a partir dessa concepção, o sujeito já incorpora a premissa do que é participar de um Movimento de luta pela terra, seja pela militância ou como forma de trabalho coletivo dentro do Movimento.

⁹⁶ CALAÇA. L. Entrevista citada.

⁹⁷ Idem.

Percebemos que a atual proposta da produção de policultura não foi sempre seguida. Enquanto os sujeitos estavam acampados, havia uma área maior direcionada ao trabalho coletivo, mas ao plantio da monocultura. Todos do acampamento tinham uma responsabilidade a seguir sobre o manejo com essa área, além de áreas menores, geralmente próximas aos barracos no qual cada família poderia plantar e, em grande parte, eram hortaliças.

Desta forma, os acampados iam sobrevivendo ao longo período de espera pela liberação dos lotes. As questões burocráticas somadas aos atritos ocorridos entre o proprietário e os próprios acampados, por conta do uso de veneno e divisão de terra, além da negociação com o INCRA, uma vez que essa área tinha mais de 90 % do seu valor empenhado nos Títulos da Dívida Agrária (TDAs), contribuíram na demora oficialização e divisão dos lotes nessa área.

Durante os longos anos de acampamento esses sujeitos passaram por diversas adversidades diante do que suas perspectivas conseguiam aguentar. A atuação ou contribuição empenhada por cada sujeito era importante para o andamento no processo da conquista do lote. Durante o processo de ocupação e acampamento é observado a disposição e empenho dos sujeitos. A chamada militância que é um dos critérios de avaliação feita pelo INCRA, em conjunto com os dirigentes do acampamento. Maior tempo no acampamento também é um critério importante nessa avaliação. Mas todas relações se fazem valer nos momentos de avaliar os critérios de comportamento e moral existentes dentro do Movimento, de acordo com a visão e experiência de Laurecir:

Laurecir: [...] deve ter ainda confiança na gente, porque eu acho que dentro do Movimento eu nunca dei motivo para o cara falar de mim, nem nós, eu falo de mim no geral, minha família, né?! Então e as pessoas vão olhando isso, o que a gente faz, o que a gente contribui, o que a gente vai fazendo, ajudando, né?! Para a gente chegar até no lote, porque eles não vão colocar qualquer um e a gente passa por uma avaliação pelo INCRA, né?! Desde a primeira ocupação, só a avaliação mesmo de verdade é pelo movimento, é pelo o que você faz, não adianta, você imaginou for no assentamento aí que nem aqui 83 famílias, né?! Eles devem ter numa média aí... 3, 4 pessoas por família, quantas pessoas não tem, né?! Então você imaginou se não for uma classificação como é que não fica? Mesmo assim ainda acontece, né?! Por mais que classifique ainda tem uns que escapam, né?! E tem as pessoas que antes de ir para o lote é “mil maravilhas” e depois vira a cabeça.

Então a gente não pode classificar aí 100 %, né?! E a trajetória nossa é mais ou menos isso né...⁹⁸

O papel do INCRA neste momento é de cadastrar as famílias no sistema. A maior parte da avaliação é feita pelo próprio movimento considerando a participação e engajamento dos sujeitos. Ao participar do processo de ocupação e acampamento, o sujeito conheceu e aceitou as regras e termos estabelecidos, a partir do trabalho de base desempenhado pelos dirigentes. O que acontece é que na prática, no dia a dia do cotidiano, muitos sujeitos não concordam com algumas regras estabelecidas e entram em conflito. Mesmo que esses trabalhadores compartilhem de uma mesma vontade e olhem o movimento de luta pela terra como uma possibilidade de conseguir um pedaço de terra, seus valores são diversos de acordo com suas experiências e origens.

No MST, os espaços de coletividade são discutidos em reuniões, que na maioria das vezes, participam apenas dirigentes e coordenadores de determinados setores. Essa estrutura organizativa foi formada a partir das outras experiências obtidas ao longo dos anos e perceberam que desta forma as informações chegam com mais efetividade a todos no acampamento.

Outra dinâmica é a organização de grupos de acampados para massificar outros espaços. Como foi o caso lembrado por Laurecir, sobre o episódio ocorrido nas áreas da Multinacional Syngenta:

Cintia: Vocês chegaram a ficar no Dorcelina ou foi no Primeiro de Agosto?

Laurecir: Primeiro no Dorcelina. Nós fomos para o Dorcelina, do Dorcelina nós viemos para o Primeiro de Agosto, daí do Primeiro de Agosto nós fomos pra Syngenta e da Syngenta nós saímos, nós viemos no acampamento na Olga Benário (em Santa Tereza do Oeste) que é ali encostadinho da antiga Amapel, encostadinha ali na Syngenta, que hoje é o IAPAR e daí dali nós viemos para o Sete de Setembro que é um outro lugar. [...] No Dorcelina nós não fomos expulsos, nós resolvemos ocupar essa área do Primeiro de Agosto aqui, aí nós ocupamos ali e daí dali nós tinha ocupado lá na Syngenta, que eu fui junto ocupar e daí foi resolvido de ir umas famílias para lá né⁹⁹.

É quase um quebra cabeça os deslocamentos desses trabalhadores durante o período de acampamento. Até entender toda essa dinâmica e o porquê destes deslocamentos, foi um tempo. Mas há necessidade massificar outros lugares de importância estratégica para o

⁹⁸ CRUZ, L. Entrevista citada.

⁹⁹ Idem, Ibidem.

Movimento, ou ações para chamar a atenção do governo para com suas lutas contra as empresas multinacionais ou para qualquer ação que impulse o agronegócio.

Cintia: Foi feito sorteio?

Laurecir: Não, não fez sorteio. Foi escolhido por grupo e daí o grupo, que nós era do grupo, foi escolhido e quem queria também e daí nós fomos pra lá e daí de lá viemos pro... daí dela teve uma reintegração de posse, que era a antiga Syngenta e daí teve essa reintegração de posse, nós tivemos que sair de lá, que daí tinha a integração de posse e daí nós saímos de lá, da Syngenta e nós fomos pra beira da BR, na frente e daí os caras entraram lá, não saiu uma vez da BR e entramos de volta lá, mas daí não deu, ficamos 1 dia, 2 dias lá e entramos de volta. E foi... foi joguinho rápido ali, só pra sair fora mesmo porque todo mundo morando lá, na beira da BR, aí não tinha reintegração, é uma estratégia do Movimento que daí não tinha reintegração e daí você está na beira da BR, não tem negócio, não tem reintegração de posse e daí os caras foram e tiraram acho que um trator que tinha lá, porque nós plantava lá, os caras tiraram o trator de lá e nós seguimos entrando de volta... daí nós continuamos morando na beira da rodovia e continuamos fora, no caso seria fora, mas dentro, né?! Porque daí nós plantava de novo ali...

Cintia: Então ali, como eles não tinham como reintegrar porque estava na beira da BR, eles recolhiam o material que vocês tinham para trabalhar?!

Laurecir: É! Um dia eles entraram lá e tiraram...

Cintia: Quem que fazia isso?

Laurecir: A empresa que era a Syngenta antigamente, que eles faziam isso aí porque sabia que nós íamos entrar de novo, não tinha porque eles pegar e tirar mesmo, eles sabiam que nós íamos entrar de volta. Daí logo nós entramos de volta, plantamos ali e ficamos ali uns anos e daí onde nós saímos de lá e fomos pra... nós tivemos que sair de volta, daí onde que nós fomos para o acampamento Olga Benário, tinha uma área coletiva lá e nós entramos lá, fizemos os barracos lá e lá só em uma semana acho que deu 2 vendavais que descobriu 2 vezes os barracos lá. Lá foi sofrido. E daí, ali na Olga Benário nós tinha, por honra de voltar, era uma honra para nós ocupar de volta e é onde nós conseguimos e entramos de volta lá onde nós perdemos um companheiro nosso lá, que é o Valmir Mota que hoje nós herdamos aqui o assentamento no nome dele. Então para nós foi uma honra, mas perdemos um companheiro, né?! E eles também perderam um do lado deles, só que pra nós foi uma honra nós ter entrado de volta, porque era uma multinacional aí que entrava lá dentro e nós tentando mostrar pro governo o que eles faziam, que nem tem o lado deles que eles falam que protege e tal, mas não é verdade, então nós provamos pro próprio governo que não era essa a verdade porque lá as embalagens de veneno você encontrava em qualquer lugar na beira do rio, e daí eles usam as embalagens descartavam até no mato. Nós mesmo achamos lá e diz que tinha muito veneno, um cara que trabalhou lá uma vez falou, só o cara deu pista para nós, até nós fomos uma vez procurar dentro do mato lá e nós achamos tipo um cemitério de vidros de veneno e com o tempo o veneno vinha em vidro, né?!... Só que era embalagens vazias, mas tinha encontrado. E daí nós queria mostrar para o governo que não era o que se falava, né?! Portanto que surgiu esse companheiro lá e deu confronto, que morreu também do lado deles lá, e aonde que eles cederam para o governo e hoje é o IAPAR lá por causa da luta nossa. E daí saímos de

lá e nós viemos para o Sete de Setembro, daí ficamos acho que uns 2, 3 anos¹⁰⁰.

Nesse longo trecho, observamos diversas evidências sobre as dinâmicas e deslocamentos desses acampados. A possibilidade de escolha para ocupar outras áreas, neste caso específico, a demonstração de resistência contra danos ambientais e a pressão no governo. A negociação contada a partir da visão do trabalhador presente no acampamento é detalhada a seu modo, lembrando das formas de pressão que sofriam por parte da empresa. O sentido desta ocupação está na honra da conquista da proposta inicial da ocupação, pois não era nem para desocupar uma área para assentamento, mas sim a efetivação de um projeto do MST, umas das principais bandeiras levantada pelo movimento de luta pela terra, a agroecologia¹⁰¹.

Sua mãe, Maria, de 74 anos, também faz parte do assentamento hoje. Ela mora no mesmo lote que seu filho Laurecir e se lembra dos sofrimentos em viver de baixo da lona, enfrentando adversidades da natureza, pouca comida e a incerteza misturada com a esperança que pairava nos acampamentos:

Maria: Muito sofrida, ficamos no Sem Terra 10 anos de baixo de lona preta. Sofrendo, passando medo, ameaçada de morte, mas eu venci! E daí fiquei lá no Primeiro de Agosto, fiquei lá 8 meses. Daí mandaram nós lá pra Syngenta. [...] Quando a chuva estava lá no mundo de Deus eu estava tampando minhas coisas com a lona para não molhar, sofrendo, passando dificuldade, meu esposo ficou doente, caiu, quebrou a perna, deu dois AVC nele e eu aqui sofrendo e ele no hospital. Daí as filhas levou ele para a casa dela na cidade para poder ser mais perto e eu fiquei enfrentando, enfrentando chuva e sol, trabalhando na enxada direto, trabalhando, carpindo, plantando, colhendo e batalha junto com os meus filhos o Laurecir, que é conhecido ele como "Dentinho", e aqui é o lote dele. Daí ficamos cinco anos lá até que deu certo para nós vim para cá. Aqui o meu filho foi assentado, graças a Deus que nós estamos bem. Mas eu passei fome, trabalhando, tomava uma xícara de chá de manhã cedo e quebrava um ovo, colocava sal naquele ovo e uma colher de farinha eu colocava numa marmitinha e tomava garapa, que nem está sendo assim, tomava garapa de açúcar, quando tinha e ia para a roça trabalhava. Daí de lá do Sete de Setembro nós ficamos 5 anos na beira da BR ali, sofrendo, passando fome, que daí eu não era aposentada ainda... meu Deus, os filhos que tinha que tinha que trabalhar para trazer

¹⁰⁰ Idem, Ibidem.

¹⁰¹ Cf. SCHLACHTA, M. **O MST e a questão ambiental**: uma cultura política em movimento. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2008. 177 p.

o sustento para nós, daí o fio morou com nós aqui e as criança dele eu ajudei a criar, até da outra que nasceu, não largam de mim por nada, essa pequenininha loirinha ali, se tem outra criança ela está agarrada na minha perna. E daí de lá do Sete de Setembro viemos ali na BR, ficamos 5 anos ali. Porque daí é sorteado e daí não sabia onde era o lote. Meu fio batia a cabeça "onde é que é meu lote, será meu lote... aonde será que vai ser meu lote, onde é que vão cair meu lote"? Aí eles fizeram uma assembleia daí, daí foi dividido, daí cada um ficou... tinha o número já, o nome da pessoa e o número, daí foi sorteado, daí foi sorteado aqui e nos ficamos lá ainda, tinha roça e ia deixar? Até colher as roças, não tinha água, até arrumar o poço. Tem 2 poços artesiano agora, um aquele ali... e o outro lá no fim do lote. Daí até que ele veio na frente com a mulher e nós ficamos lá cuidando das criações dele porque aqui não tinha mangueira, não tinha nada. Ficamos lá cuidando das criações dele e ele batalhando, ele e a mulher batalhando, batalhando, batalhando...e nós lá cuidando das criações dele lá. Daí cortaram nossa água lá. Eu estraguei toda a minha saúde e meus móveis da minha casa de baixo de uma lona preta. Sofá, cama, estante, fogão... porque era coberto de lona e daí o vento sacudia a lona e resgava e quando chovia, chovia dentro da lona e daí meu Deus, até agora nem sofá não tenho... só sofri, meu Deus do céu. Sabe o que é uma pessoa trabalhar com fome? Aquela fraqueza... Mas ele estava junto... Ele só falava para mim "o mãe, eu tenho dó da mãe sofrendo". Eu disse "não, de mim não carece de ter dó, eu sei que nós viemos batalhar pela vitória". Ele falava, "mas quando sai essa vitória?" "A hora que Deus quiser, mas estamos implorando por um pedaço de terra". Daí fizemos cadastro para vim a cesta, vinha a cesta. Daí melhorou a situação porque daí vinha arroz, feijão, macarrão, óleo, tudo as coisas vinham e daí nós verdura, horta de verdura, um arroz e um feijão, uma polenta e uma couve, uma salada, a gente comia e ia para a roça¹⁰².

Dona Maria também faz questão de legitimar sua conquista após tantos anos de sofrimento. Hoje ela consegue ter um parâmetro maior do sofrimento que se passou para chegar a sua atual condição. Sua descrição detalhada permite entender um pouco mais as práticas vividas por esses sujeitos, não seria qualquer um que aguentaria a tantos despejos, trabalhar no pesado e sentindo fome, construir seu barraco de lona e começar a sobreviver e ter que largar tudo e sair as presas deixando tudo para trás. Como recomeçar diante as mesmas condições?

¹⁰² CRUZ, M. Entrevista concedida em 17 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 46min29s.

Nossa conversa foi numa terça-feira ensolarada, na área de sua casa onde dali conseguíamos ver a casa de um dos seus filhos enquanto o outro, vindo do Mato Grosso passar férias com a família, veio visitá-la. Seus netos brincavam em um buraco cheio de água feito na terra, no áudio dá para ouvir as gargalhadas da diversão. Dona Maria se emociona ao fazer uma retrospectiva, por ela estar em sua condição atual, tão almejada demonstrando o sentido que ela atribui ao dizer que venceu.

A oportunidade de estar mais próximo do sujeito é gratificante. Conversar e conhecer diretamente esses sujeitos faz com que a pesquisa seja dinâmica. A cada entrevista uma experiência de vida diferente, por pessoas diferentes que almejam um mesmo objetivo, nos faz entender o quão significativo é estar em seus lotes hoje e o quanto isso é representativo em suas narrativas o sentido de luta, de lutar pelo o objetivo de conquistar a terra, ao enfrentar todos esses anos sob condições mínimas de sobrevivência e não desistir.

A terra para a assentamento foi negociada e aprovada em 2010, conforme portaria do INCRA SR/09 n° 49. Porém, os acampados permaneceram nos acampamentos até início de 2013, quando decidiram ir para os lotes mesmo sem condições básicas, como a água e a luz, com intuito de pressionar e agilizar essa infraestrutura básica.

Parte dos assentados já tinha em seu histórico parentes que conheciam ou que fizeram parte do Movimento. Neste sentido, Irini lembra da sua infância participando dos acampamentos, mas sua família era grande, eram em 8 irmãos e seus pais não tinham mais condições de sustentar todos, sugerindo-lhe que fosse morar e trabalhar na cidade para o seu próprio sustento. No entanto, Irini decidiu seguir o caminho do irmão que estava acampado em Nova Cantú:

Irini: Eu fui acampar solteira, falei então eu vou com o mano, que é meu irmão gêmeo, que eu chamo ele de mano. Eu vou ir com o mano acampar. Daí fui pra Luisiana que é mais próxima de Campo Mourão. Daí lá veio despejo, foi bastante luta e coisarada, né?!

Cintia: Ficou quanto tempo lá?

Irini: Nós ficamos acho que um ano e pouco, um ano e meio. Daí veio o despejo, né! Para nós... daí só que lá daí eu conheci o meu marido e a gente começou a namorar, aí quando veio o despejo eles despejaram nós num assentamento, aí de lá umas pessoas foram pra Paranapoema e outras pessoas veio para cá, pra Cascavel, né?! Que é ali no Primeiro de Agosto. Aí nisso o meu pai foi e pegou nós e trouxe pra cá e meu namorado foi pra Paranapoema, ia ir porque daí a gente conversou e decidiu se juntar pra não se separar, que daí se um fosse pra um lado e outro para o outro, ia acabar não dando certo, mas isso em quatro meses

que nós namoramos, porque casamento o pai também não podia fazer, daí nós resolvemos... depois que pediu pro pai e tudo foi morar junto e aí tá até hoje. Daí de lá nós ficamos oito meses lá em Paranapoema e devido meu irmão está para cá, que eu nunca fiquei longe do meu irmão, que é gêmeos comigo. Quer ver tem uma historinha muito... se ele ficar doente eu sentia lá, e naquela época não tinha nem celular nada, era difícil ter contato, né?! E ele ficava doente ali e eu ficava doente lá, ou ficava não suportava mais porque eu acordava chorando e... até que um dia eu achei que tinha morrido alguma coisa tinha acontecido de muito grave com ele e eu não aguentava de dor nesse braço, pegamos e fomos na cidade lá mais próxima ligar em um orelhão, ligar para cá... aí meu irmão tinha quebrado o braço, estava bem ruim. Daí eu falei olha, sempre tem uma ligação. Daí meu marido pegou e veio ali ver se tinha vaga para nós, porque lá é areia, é muito ruim, tipo não fazia nada, tudo que nós investíamos num dia foi tudo, plantava não dava, tinha... nós não temos experiência em terra de areia, não tinha experiência nenhuma. Daí ele veio para cá daí tinha vaga, daí ele voltou me buscar e viemos para cá...

Cintia: Para o Primeiro de Agosto?

Irini: Para o Primeiro de Agosto.

Cintia: E isso foi em que período? Que ano?

Irini: Foi em... em 2008.

Cintia: Ah, 2008.

Irini: Deixa eu ver se foi 2008... eu acho que é. É 2008¹⁰³.

Mais uma vez a luta é expressa nos percalços vividos no processo de acampamento que pode implicar na separação da família e os sentimentos de pertencimento do lugar. Em algumas entrevistas percebemos a revolta por tantos anos em acampamentos. Promessas que são sempre adiadas devido aos diversos percalços, seja pelos pela demorada negociação da compra da área, a reintegração de posse ou mesmo por estratégia do movimento para que a proposta abarque a todos os ocupantes. A conversa com Nelson, trouxe um pouco dessa percepção, que não é o único a pensar assim. Situação que somada a outras, geram conflitos atualmente dentro do assentamento:

Nelson: Eu vim para acampar com a esperança de Nossa Senhora, que no mínimo, no máximo um ano nos estava tudo acampado, fiquei 15 anos acampado. Desde 99, agora faz dois anos que eu moro aqui.

Cintia: E vocês questionavam essa demora?

Nelson: Questiona para quem?!

Cintia: Para quem foi lá fazer o trabalho de base?

¹⁰³ BAGATIM, I. B. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 55min04s.

Nelson: Iiii, mas aqueles nunca mais, nunca mais apareceu ninguém. Aqueles lá nunca mais apareceram...

Cintia: O senhor pode contar como foi todo esse processo, o senhor ficou sempre no mesmo lugar, como que foi isso?

Nelson: Fiquei não sei quantos anos lá no Casa Nova, daí fui para o Sete de Setembro, que era para sair lá, lá ia sair. Fizeram um baita de bafafá, ali, ali nossa... chega lá e medir, tá!

Cintia: O senhor ficou quanto tempo no primeiro?

Nelson: No primeiro de agosto? No 7 de setembro?

Cintia: Não, no Casa Nova?

Nelson: Ah, no Casa Nova? Ah fiquei uns quantos anos lá. Sei que ali no 7 de Setembro eu fiquei, acho que 5 anos ali, que iam medir, iam medir ali! Daí saiu aqui, daí viemos aqui. Ali é só esperar medir daí vai para lá. Fiquei mais três anos na beira da BR¹⁰⁴ esperando eles medir aqui... foi mais três anos. De dois a três anos que ficamos morando ali na beira da BR.

Anita (esposa): É, mais ou menos... de três para lá, quase uns quatro anos acho que ainda deu ali.

Nelson: É uns três anos ficamos acampado na beira da BR esperando aqui ainda. Eu sei que deu 15 anos que eu fiquei acampado até que eu vim mora aqui.

Cintia: Então como é que funciona esse processo, durante o período que está acampado, é normal alguns irem para outros lugares, de outros lugares, virem para cá também?

Nelson: Má claro que sim! Claro que sim. Aqui mesmo no assentamento tem gente de todo lugar aqui... da turma que estava da região aqui tem poucos aqui, é tudo outros que vem e fora. Por sorteio escolhe lá e...

Cintia: É feito um sorteio?

Nelson: É, vem gente de todo lado.

Cintia: É feito um sorteio não só de quem está acampado aqui, é feito com todos?

Nelson: É com todos que vem de fora né, quem vem gente de todo lado, tem gente até de Quedas que tão morando aqui. Tem de Lindoeste, tem de todos os cantos, de vários lugares¹⁰⁵.

Os acampamentos funcionam em conjunto. Grupos organizados para novas ocupações, conscientes que essa prática faz parte do Movimento e do discurso de resistência contra a o governo, multinacionais e latifundiários.

Praticamente todas as famílias passaram pela dinâmica de “rodizio” de acampamento. Lurdes Rocha de Moraes, de 50 anos, também expõe sua trajetória.

¹⁰⁴ O entrevistado refere-se ao período do pré-assentamento provisoriamente acampado à beira da BR-277.

¹⁰⁵ MOSER. N. Entrevista citada.

Percebemos que há uma insatisfação ou até mesmo exaustão por parte do sujeito ao lembrar de tudo o que já aconteceu até chegarem aos seus lotes.

O irmão de Lurdes já morava no acampamento Dorcelina Folador, enquanto isso, ela e sua família moravam em Juvenópolis, distrito de Cascavel. Sem condições de continuar pagando aluguel, decidiram ir para o acampamento também:

Cintia: Ali no acampamento seria uma vida melhor?

Lurdes: Era melhor para a gente, né?! Porquê daí não precisava pagar aluguel né. Não precisava pagar luz nem água, nada. Apesar de luz não tinha né, era velinha. (sorrindo).

Cintia: Aí uma perspectiva de pensar que poderia ganhar terra?

Lurdes: É, daí a gente tinha o pensamento, né?! Pensava né, que um dia ia sair. Demorasse, mas saia, né?! Daí ficamos, daí até hoje graças a Deus hoje nós temos. (sorrindo).

Cintia: De lá vocês vieram para o Dorcelina?

Lurdes: É daí do Dorcelina viemos para o Primeiro de Agosto, daí do Primeiro de Agosto ficamos um tempão no Primeiro de Agosto aí viemos para cá. Viemos ali em cima né. Na beira da BR, daí na beira da BR viemos aqui.¹⁰⁶

Essa trajetória narrada sobre um acampamento e outro é relembrada de forma diferente dos demais entrevistados, de forma introvertida. Talvez a entrevistada não quisesse lembrar desses momentos, ou não achasse importante falar disso agora, afinal, Lurdes já está no tão sonhado lote, porém, com o desenrolar da entrevista as vivências desse longo período do acampamento até o assentamento vão aparecendo.

Ainda sobre a dinâmica dos sujeitos e as passagens pelos diversos acampamentos, conversei com o José, que passou pelo processo de acampamento no Primeiro de Agosto, foi enviado para contribuir na escola Milton Santos, em um acampamento em Maringá. Neste trecho, ele lembra da experiência no acampamento Primeiro de Agosto, quando lhe pergunto sobre o trabalho, dentro e fora do acampamento e a sobrevivência.

José: Trabalhar assim na cidade...? Não, na cidade não, eu trabalhava assim ali mesmo dentro... é que nem aqui, na época que eu morava aqui no Primeiro de Agosto e chegava na colheita de feijão e nós saia fora, né?! Daí o pessoal vinha de lá e ia mais ou menos umas 50, 60, 70 pessoas num ônibus, só que tudo bem organizadinho, bem arrumado e

¹⁰⁶ MORAES, L. Entrevista concedida em 17 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 19min24s.

pegava e trabalhava o dia inteiro lá e tranquilo e tirava o dinheiro para você sobreviver. E daí tinha um tempo que vinha cesta básica, um tempo e daí não veio mais nada então, daí acabou tudo. Então cada um vivia dessa forma. Daí as vezes você plantava uma coisinha e já podia vender e já vendia, às vezes plantava um feijão e dava mais ou menos, pegava e vendia, um milho, a mandioca, a abóbora, o quiabo, a melancia, tudo! Daí você pegava, vinha um caminhão, o comprador de verdura vinha ali e negociava com ele e vendia e daí ia tocando até chegar o tanto que você conseguia. E para mim foi muito bom, né?! Contribui bastante, conheci né, o que é o Movimento, que antigamente era bem... a mídia mostrava os contrários e não é isso aí, e pra pessoas às vezes ver isso ter que ir lá dentro para ver como que é porque as pessoas que falam mal do Movimento, às vezes não conhece, falou em sem terra "não, não sei o que" e não é isso daí...¹⁰⁷

Ao montar os acampamentos, os trabalhadores já começam a preparar a terra para plantar, afim de poder ter o mínimo de alimentos para sobrevivência. Porém, os transtornos que podem acontecer, entre despejos e expulsão, os obrigam a deixar tudo para traz e recomeçar em uma nova ocupação ou dar força a outro acampamento.

Passar fome, frio, tempestades que arrancam as lonas e os deixam sem nenhum tipo de segurança, foram algumas das dificuldades nesse processo. A luta pela sobrevivência se torna, neste momento, a principal delas, conforme narra Leonir, a partir da lembrança de quando seu barraco pegou fogo no acampamento:

[...] Não tinha ainda o loteamento definitivo. Nos plantamos cada um num pedacinho, mas o movimento também plantou, e ainda aqui, tudo essa área, o movimento plantou. E nos plantou lá em cima, cada um ganhou um pouco para plantar, daí, naqueles anos. E daí nós já estava, então depois já foi feito o sorteio, nós estávamos prontos para se muda, já tinha começado aqui um barraco, que nós íamos fazer um barraco. E daí nós fomos pra Quedas, passear uma noite, de repente uma vizinha ligou, "teu barraco pegou fogo". Eu tinha tudo, tudo, tudo organizado, nós tínhamos comprado óleo para fazer sabão, nós tínhamos feito sabão, tinha um congelador cheio, um congelador novo que nós compramos ali. Para mim então, na terra. Me preveni, porque quando tu pega um peão, tu tens que fazer almoço, porque sozinha, eu e minha filha, não conseguimos construir. Se tu tens um peão, tu tens, tu pega um galeto e frita, faz um risoto, daí a comida ligeiro, pronto aqui. Quando nós íamos vim, pegou fogo, queimou tudo, tudo, tudo. Não sobrou um par de chinelo veio. Só o que nós tínhamos no corpo e tinha levado. O resto queimou tudo. Aqueles galetos, tinha tudo aquele fedor, daquele óleo do congelador¹⁰⁸.

¹⁰⁷ SANTOS, J. Entrevista citada.

¹⁰⁸ BOIOVER. L. Entrevista citada.

Nesta narrativa podemos ter uma dimensão significativa da vida e a dinâmica desses sujeitos ainda no acampamento. Leonir ainda estava no pré-assentamento aguardando a mudança para o lote definitivo e o início da sua nova vida. Podemos perceber que além do trabalho duro, haviam alguns momentos de lazer, de visitas entre os conhecidos e, inclusive, o cuidado dos vizinhos para com aqueles que não estivessem em suas moradias, a convivência com o coletivo se fez mais aparente nesse momento. Por sua família ser constituída apenas por ela e a filha, naquele período¹⁰⁹, a necessidade e o suporte para ajuda de terceiros.

Ao perder sua casa, Leonir teve que recomeçar do zero, além das vezes que mudava de acampamento, devido os despejos. Ainda na dúvida se foi algum acidente com curto-circuito ou vazamento de gás de cozinha, ou algo criminoso.

A desconfiança permeia a atenção desses sujeitos que viveram tantos percalços, estereótipos e conflitos para chegar até a conquista da sua terra. Situação que ainda reflete alguns estigmas impostos pela sociedade do lado de fora do movimento.

Luciomar conheceu o Movimento Sem Terra sob desconfiança. Até então, só ouvia falar pela televisão. Mas dada as circunstâncias de descontentamento com a vida na cidade e com um histórico de trabalho no campo, viu de perto que o MST poderia ser sua oportunidade de conquistar sua terra, já que trabalhando de empregado essa vontade parecia cada vez mais longe de se realizar.

Porém, a vida no acampamento não foi nada fácil:

Luciomar: Então, nós chegamos lá [Sirlene César] em 360 famílias, chegamos até em 900 famílias lá e ficamos... acho que eu fiquei lá mais uns 6 anos e vim para o Sete de Setembro daí... Daí nós viemos pra Sete de Setembro que é aqui pertinho, que é um pré-assentamento, mas lá no Sirlene César a vida foi difícil lá... se você procurar o pessoal... aqui deve ter umas 12 pessoas que estava comigo lá, de 900 pessoas foi sumindo assim, evaporando, né?! Uns foram embora para o Paraguai, outros não aguentaram, teve criança que morreu de frio lá, outro doente. A história de lá, foi uma coisa assim que a gente se fosse para passar o que nós passamos hoje de novo ninguém iria, se consegue ver o que nós passamos, para voltar lá... não...jamais voltaria lá, preferia ficar na cidade. Daí, acho que fiquei mais uns 6 anos lá, não lembro o ano que nós viemos para o Sete de Setembro. Minha mãe vinha passear e falar para mim "o meu filho, vamos embora daqui", eu falava "mãe, vou ficar por aqui mesmo", porque se eu voltar lá pra cidade vou ter que trabalhar de empregado, né?! E trabalhar de empregado eu não quero mais". Falava assim... se aventurar, né?! Nós não acreditávamos muito que as

¹⁰⁹ Leonir ficou viúva em 2002, neste período, sua família estava acampada no Casa Nova, quando seu marido veio a falecer de cirrose, a deixando com três filhos. A filha vive com ela e, e seus outros dois filhos vivem no Movimento também, um no acampamento Sete de Setembro e outro em Quedas do Iguaçu.

coisas davam certo, até nós conhecermos as leis, como funcionava o movimento, como funciona a articulação do país, do governo, o que eles impede, o que a gente tem que lutar e conseguir, conquistar, até o que a gente tem direito também, por que tem coisa que você não tem o direito, de bater na porta e de pegar pra você, tem coisa que você não pode fazer isso, né?! Daí nós viemos pra Sete de Setembro e ficamos mais uns 5 anos ali, se não me engano e ali já ficamos assim... vou usar aquela palavra da Bíblia, mudou da água pro vinho, que ali nós já tinha energia, água encanada, lá nós plantava era pouquinho coisa, não compensava nem plantar lá, porque trabalhar por dia pros outro dava mais dinheiro que esperar a lavoura, então ali nós começamos a plantar 4 alqueires de terra cada um, 2 alqueire na verdade e depois mudou pra 4 alqueire, já seria um pré-assentamento, ali na Sete de Setembro. Já a situação financeira começou a melhorar, cada um começou a ter uma situação financeira boa, comprar uma moto, comprar um carro e hoje se você não tiver assim... se você trabalhar e não conseguir ter as coisa fica difícil, você passar com o freio de mão puxado sempre no vermelho, aquilo vai queimando, queimando, você já tá pelado, não tem nada, e aí você tá ali doente sem ter as coisas, na miséria, então daí surgiu essa área aqui, aqui na Cajati, o governo comprou e ainda levamos 3 anos pra vir aqui depois que foi comprado isso aqui. E aí passamos por uma avaliação do INCRA, documentação¹¹⁰.

Até aqui já é possível perceber as várias origens de acampamentos dos atuais assentados do Valmir Mota. Seja na mesma região ou lugares mais distantes, a trajetória de vida e a experiência dão enredo ao processo histórico destes trabalhadores, que relembram e reinterpretam os acontecimentos. Para Luciomar, entrar para o acampamento significava entrar numa “aventura”, ou seja, algo inesperado, que pode haver risco, mas que ainda assim seria uma possibilidade mais válida do que continuar trabalhando de empregado na cidade e reconhece que a descrença no Movimento de luta pela terra por não conhecer, mas ao fazer uma retrospectiva e pelo fato de estar na sua terra, reconhecendo o processo moroso em que viveu na própria pele, forma sua opinião de é possível, além de entender a conjuntura que integra o projeto do MST.

A situação dos outros acampados que não acompanharam o mesmo trajeto que Luciomar, expressa também outras histórias que não comportam o assentamento Valmir Mota. Certamente essas pessoas foram acampadas e assentadas em outros lugares, não “evaporaram” simplesmente.

Neste sentido, há várias mudanças por parte dos sujeitos, até chegarem ao movimento, muitos passam por vários processos de ocupação e acampamentos em beira de estrada, conforme Luciomar narra:

¹¹⁰ Idem, 2017.

Luciomar: O pessoal tinha um acampamento lá perto do pedágio, né?! Daí o pessoal falava assim "vamos se acampar porque está sem terra ali", ali a terra é boa, né?! Eu nasci no sítio, né?! Sempre gostei de terra. E pensei que não ia ficar na cidade trabalhando de empregado, ganhando esse salário aqui que dá só pra... ainda não que não pagava o aluguel, eu não vou ficar na cidade. Já estava 1 ano e meio na cidade, já estava difícil de trabalhar daí, falei "não vamos ficar aqui, vamos para o MST". Daí em 99 nós viemos pra Cascavel. E daí era 03:30 da madrugada nós chegamos aqui na Cajati, lá na Sirlene Cezar, conhecido como Sirlene César¹¹¹.

Esta narrativa se repete com a de muitos outros sujeitos entrevistados. Situações que os fazem lembrar e dimensionar o quão difícil e ao mesmo tempo valioso é a vida e a terra que os pertence agora.

O longo período entre uma ocupação e desocupação, novas famílias iam se juntando ao movimento, Osvaldo lembra que quando chegou no acampamento, em 1999, seu pai de idade avançada veio com ele, conforme ele narra:

Osvaldo: Em 99, daí ficamos, aí eu fui e trouxe meu pai, daí acabei pegando meu pai pra cuida dele [...] ficamos... 12 ano, 11 ou 12 anos debaixo de um barraco, daí em 2011 meu pai faleceu, quando eu conquistei o lote aqui, daí eu já vim fazer a casinha aqui, já vim mora pra cá e... graças a Deus... estamos peleando... os fio cresceram, porque uma tinha, quando viemos pro Paraná meu piá estava com 2 aninho aí a menina com 3, agora já tá com 20 e o pia vai fazer 19, tá com 18...

Vemos que uma há novas gerações crescendo dentro do Movimento. Há aqueles que buscam a experiência com trabalho na cidade, mas depois retornam, ou outros que constroem suas casas no mesmo lote dos pais e ali formam outras famílias.

Elaine conheceu seu esposo e formou sua família dentro do movimento, ainda no processo de acampamento:

Elaine: Eu vim para o acampamento e foi em dois mil e... Hoje nós estamos em 2016? Foi em 2011, 2012, daí que houve a seleção por parte do INCRA, né? Para as famílias serem assentadas...porque o Sérgio já era acampado, né? Na Fazenda Três Marias, numa outra região, né? Daí com o despejo acabou vindo para cá, né? Que daí acabou que, daí que nós, dentro da discussão dos critérios do INCRA, e do Movimento Sem terra mesmo, né? Que daí a gente acabou sendo sorteado, sendo indicado o nome para vir para cá. Pro assentamento.

Cintia: O teu esposo também já tem uma trajetória no movimento?

¹¹¹ VIANA. L. Entrevista citada.

Elaine: Já, já, já. Ele veio da Fazenda Três Maria, daí ele veio aqui para o Primeiro de Agosto. Então ele veio no início, quando surgiu o Primeiro de Agosto, em 2004. Ele trabalhava, ele morava numa comunidade também, na Vila São Francisco, que chamam, né? E que lá tem a mãe dele, né? Tem os irmãos dele também que moram lá, né? Ele morava lá. Trabalhava assim, na diária, né? E daí teve dois irmãos dele que foram assentados, três aliás, em Manuel Ribas. E daí nessa, por essa influência e tudo mais, que ele foi para lá. Para essa fazenda lá, Três Maria, né? No acampamento. E daí, quando houve o despejo, né? Daí veio um grupo de famílias para cá, e ele estava nesse grupo. Então, ele também, já faz mais de dez anos, bem mais, de acampamento. Um período bem longo¹¹².

Da mesma forma que Irini, Elaine une a sua experiência e expectativa de conquista da terra com a de seu futuro e hoje seu esposo que acreditam ser no movimento a única oportunidade de conseguir construir uma vida melhor em algo que é deles.

Neste sentido, percebemos que há uma consciência em grande parte dos sujeitos de que o trabalho assalariado não irá abrir possibilidades para a aquisição da terra ou casa própria. Na perspectiva desses trabalhadores, uma vida digna está remetida a um bem material próprio e um trabalho que possam sobreviver.

Neste sentido, Lucimar observa uma mudança no perfil de quem procura o movimento como possibilidade de uma vida digna e atrela essa característica aos períodos de crise:

Lucimar: A gente teve um descenso enquanto movimento. Com a crise e isso a história o tempo todo provou esses ascensão e descensos, com a crise vai... ter uma procura maior. Fugi de aluguel, fugi de um monte de coisa. Um perfil diferente que de outros anos... olha, já vou pega da minha época. A gente vinha mais em busca, por origens com a agricultura mesmo, origens camponesas. Eu lembro de um trabalho de base que foi feito com os camponeses no Paraguai. Era um grupo de origem camponesa, então tinha um grupo grande de origem camponesa. Hoje o perfil que vem para os acampamentos é um grupo mais urbano¹¹³.

Claudemir entende que é um direito, portanto uma reivindicação justa o que o Movimento busca fazer com as ocupações, acampamentos e assentamentos:

Claudemir: Viemos reivindicar nossos direitos.

Cintia: E isso tem funcionado?

¹¹² MARQUIORI. E. Entrevista citada.

¹¹³ CALAÇA. L. Entrevista citada.

Claudemir: Ah, tem funcionado. Inclusive com a questão da terra. Porque isso é nosso direito, né? Se nós somos agricultores, nós vamos ter que ir para a agricultura. Tentamos a vida na cidade, não deu certo, né? Tem que voltar para a agricultura.

Cintia: Na cidade vocês tentaram a vida com o que?

Claudemir: Várias áreas na verdade, né?

Cintia: Tentou de tudo?

Claudemir: De tudo, porque...Paraguai, muamba, pedreiro, vendedor ambulante¹¹⁴. Morava em Foz do Iguaçu¹¹⁵.

Claudemir legitima e justifica sua luta pelo direito de pertencer ao campo, outros trabalhavam como pedreiros ou assalariados e ao perceberem que estava “enriquecendo” somente o bolso do patrão, como disse Laurecir:

Cintia: E aí seu Laurecir, como o senhor falou que tinha um trabalho que ganhava bem, que era fixo, trabalhando para uma empresa... o senhor ainda acreditava que no sem terra que o senhor teria a possibilidade de ter a sua casinha, a sua terra? Sendo um empregado isso ainda estaria mais distante?

Laurecir: Justamente! Sempre pensei nisso, porque eu trabalhava lá né, então eu cuidava das coisas que era dos outros, não era eles! Sempre cuidando do que era dos outros né, eu nunca ia ter um dinheiro assim pra conseguir comprar uma terra, eu não tinha experiência em está lá dentro, dentro da minha família, mas tinha conhecido, jovens da minha época que foi e que foi e tinha ganhado terra, então eu sempre falava lá em casa, "eu vou e vou conseguir" tenho um padrinho meu que foi e ganhou terra e tal e sempre falava "porque vocês não vão pra"... porque nós sempre trabalhamos, olha eu acho que não tinha uma família que mais trabalhava do que nós, entendeu? Então eu sempre pensava assim, trabalhar que nem o pai já trabalhava, nós trabalhávamos, os meus irmãos, mas nunca conseguimos ter um pedaço de terra! Então o pensamento é ir entrar e ocupar e... foi ali uma... uma ideia de vim e vou investir mesmo, sempre pensava assim "os outros conseguiram porque que nós não vamos conseguir"? Então foi assim mesmo né... E é assim né, eu acho que nada você ganha de graça né?¹¹⁶

Parte desses sujeitos tem alguns recursos para subsidiar os primeiros momentos no período de acampamento, Osvaldo relembra e reconhece que, no caso dele foi difícil, mas haviam pessoas em condições mais complicadas, sem nenhum tipo de apoio:

Osvaldo: Eu consegui viver no acampamento porque eu tinha uma escora, o que que era a escora, eu tinha umas coisas lá no Paraguai e lá

¹¹⁴ FIOROTTI, C. História dos trabalhadores e do trabalho na fronteira Brasil-Paraguai (1960-2015). 285 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História – 2015.

¹¹⁵ HIPÓLITO, C. HIPÓLITO, C. Entrevista citada.

¹¹⁶ CRUZ, L. Entrevista citada.

eu vendi e vim para cá, como eu cuidei do meu pai, lá não tem aposentadoria, viemos para cá conseguimos aposenta ele, pega pensão por causa da idade¹¹⁷.

O auxílio da aposentadoria ajudou parte desses trabalhadores a sobreviver e sustentar a família. A faixa etária desses sujeitos é muito variada, além do auxílio por algum tipo de invalidez.

Sua esposa, Silvin lembra como era até conseguirem o auxílio da aposentadoria:

Silvin: É porque serviço pra trabalha era bem difícil também de consegui, e nós sofremos quando, até que o pai dele se aposentam nós ia lá pra frente lá... ele ia 3 horas da madrugada... e eu tinha meu pia pequeno é devia ter... desse tamanho por ai... é pequeno, 4, 5 ano, daí eu deixava com o vô dele, ele cuidando pra eu pode ir lá arrancava feijão, subia naquele caminhão alto aqui... e ia lá 3 hora da madrugada pra tira 20, 30 real pra pode a gente... e daí voltava, chegava em casa... Osvaldo: 9, 10 hora da noite...

Silvin: Sim porque era longe, daí então eu tomava banho chegava em casa, as crianças já estavam dormindo sujo... eu acordava ele, daí dava banho, fazia comida, dava para eles e fazia outro, a comida... preparava para levar o outro dia, foi bem sofrido no começo, mas depois que ele se aposentou que ele conseguiu ajuda nós, daí deu para a gente, daí conseguimos assim, não sofre tanto assim...¹¹⁸

Rotina repetida por muitos outros trabalhadores no Movimento:

Osvaldo: Daí, com aquele dinheirinho dele, e com aquele é... que é a terra lá que minha irmã compro... daí eu tinha minha parte né, que era dele, então com aquele dinheirinho eu trabalhava aqui, tinha recurso e o dinheirinho guardado lá... então foi que nós conseguimos aguenta, porque... passa dificuldade, eu vi gente passa dificuldade... não tem dinheiro de serviço, porque não era fácil acha serviço, porque ninguém queria Sem Terra pra trabalhar...

Cintia: Ah é, tinha esse preconceito?

Osvaldo: Ixi, tinha, tinha muito, aí quando foram conhecendo, porque sabe, acampamento tem de tudo... todo tipo de gente, mas aonde que é administrado dentro do acampamento o pessoal vai pesquisando, como uma pessoa é, se ele fazer coisa errada sai fora, aí não tem perdão, fez coisa errada...

Cintia: E o que que era assim... fazer coisa errada?

Osvaldo: Ah, bebe, briga, ah.... Destrói a família do outro, às vezes porquê hoje em dia sabe como que é o mundo, hoje, né?! Então tem solteiros, tem casados, tem famílias grandes, famílias pequenas, então acampamento é assim. Eu estava no meio de 500, 600 famílias, eu sei como que é... tem que é viciado em cachaça, baralho, brigas, negócio, tem essas coisas que você tem que bota no grupo, né?! Se cada grupo é

¹¹⁷ HORBACH. O. HORBACH. S. Entrevista citada.

¹¹⁸ Idem, Ibidem.

10 pessoa, e essas 10 pessoa tem que cuida de um grupo, então é ali o caminho, tem o grupo 1, 2, 3, um cada um tem que sabe, mas sempre você não sabe, dos 10, sempre tem 1 ou 2 no meio que só sabe criticar, bebe, briga, né... então assim é a vida do acampamento, mas venceu e vim, é do meu grupo que viemos do Paraguai junto. Só eu e o Martinho estamos aqui (hoje), nós éramos em 28.

Cintia: E os outros, estão aonde? Desistiram?

Oswaldo: (risos) e viemos junto e viemos mora de divisa aí junto eu e o seu Martinho, conheço desde piázinho eu conheço ele, ela falou não tem jeito, ele me chama de Paraguai, não tem jeito, acho que nasceu naquela figueira brava, se agarro na raiz e não se larga...

Cintia: Então tem esse que ficaram juntos mais, muito tempo de acampamento né, então eles acabam desistindo, ou eles vão para outros acampamentos?

Oswaldo: Não, não, embora, foram embora, meus colegas foi embora, mas tem gente que vai, vai nos outros acampamentos.

Silvin: Tem muita gente que fica, eu tinha a minha madrinha que ficou 8 anos no acampamento e desistiu. Tem muita gente que fica tempo mesmo e acaba igual desistindo

Oswaldo: Aham, desiste. Mas dessa vez ela está bem né... porque tem gente que foi embora que vive na rua... vendeu tudo e... vieram no acampamento em 2, 3 ano quando tinha dinheiro ficava né, mas e o serviço? Só gastando aquele dinheiro que tinha no bolso, aí ficava¹¹⁹.

Ao falar da situação de sua madrinha, Silvin nos apresenta brevemente parte da história de um acampado que não permaneceu no acampamento¹²⁰. Só por não estar morando na rua, já é algo considerável por ela. Pensemos como os sentidos são ressignificados, para a madrinha de Silvin, ficar 8 anos foi o limite, esgotou as possibilidades e que ela havia colocado no movimento, a crença em melhorar suas condições de vida, certamente mudando suas perspectivas sobre o que significava ter uma vida digna.

Aqui percebemos o resultado do trabalho de base realizado no Paraguai. No entanto, de acordo com a narrativa de Oswaldo, das 28 famílias vinda para o Movimento, 26 desistiram. Os motivos podem das desistências podem ser variados, no entanto, os motivos de aceitarem a ir para o acampamento eram os mesmos, a possibilidade da conquista da terra que significa trabalho e sobrevivência para esses trabalhadores. Porém, observamos aqui a efetividade do trabalho de base, que ao convidar e mostrar como é organizado e o funcionamento das ocupação e acampamento, desperta o interesse do sujeito que está buscando por novas possibilidades, mas ao analisarmos no decorrer desta

¹¹⁹ Idem, Ibidem.

¹²⁰ Uma pesquisa com aqueles que não permaneceram nos acampamentos poderia dizer melhor sobre seus valores, angústias, como significaram as dificuldades vivenciadas, porém esse recorte não coube nesta pesquisa.

pesquisa, muitos trabalhadores tem a intenção de conquistar o que o movimento, na visão deles, oferece, que é a possibilidade da conquista da terra.

Geralmente esse trabalho de base é feito quando membros do movimento fazem determinadas reuniões organizadas por trabalhadores e militantes, afim de massificar o movimento, conforme a narrativa de José, que já fez parte desse grupo de trabalho:

José: Trabalho de base é quando a gente vai montar um acampamento, então você tem que reunir famílias, porque se não tiver família você não tem como. Daí a gente desloca na região, né?! Um certo grupo, daí a gente monta um acampamentinho e daí saí nas cidades fazer o trabalho de base, contar a história da gente e vê como que é o projeto, como que é o movimento e explicar para as pessoas e convidar para vim acampar. E lá em Assis, a gente foi fazer um trabalho lá, e lá foi aonde a gente teve muita dificuldade. As famílias eram pobres, família simples, mas eles não queriam, não vinha acampar, às vezes vinha numa reunião que a gente marcava a reunião tudo certinho, o pessoal aparecia lá e não vinha por que o seguinte... eles ganhavam uma ajuda lá acho que da prefeitura, eu não sei como é que era na época, eles achavam melhor, né?! Tá lá naquela favela embaixo de um barraquinho, às vezes coberto com um pedaço de folha, rodeado com folha em cima, daí, mas não queria, achavam melhor ficar lá dentro do que vim acampar, mas eu lá vi muitas famílias simples demais, muito pobrezinho e achava melhor ficar lá dentro lá e não ir acampar. E a gente falava que as coisas mudavam, podia mudar muito, né! Mas eles achavam melhor ficar lá, a gente não conseguiu ampliar, a gente ficou lá 2 meses, a gente ficou 90 dias era para ver se nós conseguíamos reunir mais ou menos umas 500 famílias para a gente ocupar uma área lá, e a gente não conseguiu. Daí a gente ficou 2 meses, a gente conseguiu acho que 180, me lembro, na época... 180 famílias, mas assim mesmo daí... Daí o que foi feito, daí foi pegado e foi deslocado pros outros acampamentos né, daí chamava as famílias, fazia as conversas e aquele que queria ir... "ah, eu vou lá em tal lugar" daí o movimento pegava e deslocavam eles, levava as coisas deles, os pertences deles e levavam... Teve uns que hoje tem lote lá em Laguiche, lá próximo a Manoel Ribas, aquela região... foram pra lá e conseguiram. E daí esses uns que ficam para trás, com certeza, eles estando lá eles têm família lá, uma hora eles vão lá e vão falar para eles "oh, vocês não foram e tal, desistiram, acharam que não dava... vamos lá em casa para você ver o meu cantinho" com certeza. É o que a gente já falou, é um processo longo, mas lá na frente você consegue¹²¹.

Muitos trabalhadores se identificam com os demais sujeitos que fazem parte do movimento. Mas no caso narrado por José, há uma perspectiva diferente. Um trabalho de

¹²¹ SANTOS. J. L. Entrevista

base que na avaliação de José, não teve muito eficiência. A maioria das famílias não quiseram participar das reuniões para conhecer as dinâmicas dos acampamentos e decidiram continuar na condição em que viviam. O que poderia diferenciar essas famílias das outras que decidiram participar das reuniões? Os estereótipos construídos ao redor da imagem dos movimentos sociais de forma geral são pejorativos, se tratando de um movimento de luta pela terra, o impacto surte ainda maior, bloqueando muitos sujeitos para conhecer.

Cintia: No movimento tem algum tipo de conduta, de regras, vamos dizer assim, para viver no coletivo?

José: As regras é que nem se você entrou já, então eles já explicam né, você tem... dentro do acampamento tem os horários para cumprir né, tem atividade para cumprir né, tem guarda para fazer e você tem que fazer né, você tem que cuidar do acampamento né, e daí prestar trabalho né, que nem aquele pessoal que estava ontem ali, a equipe que estava na cozinha, estava prestando um trabalho voluntário. E para poder prosseguir, mas e daí em comparação se você aprontar alguma coisa dentro do... pode até ser acampamento, acampamento e assentamento, se você aprontar alguma coisa, ofender alguma família, falar mal de algum outro né, chegar na direção, eles te chamam, te chamam né, e você vai ter que explicar lá o motivo. E daí conversa, daí chama quem você ofendeu, você vai ter que se explicar né, o porquê que daí chega até um ponto da... do coletivo de tomar uma decisão e de tirar, e eles tiram daí. Então você tem que... entrou, tem que respeitar todo, todo mundo é igual né. Se um lá está mais ou menos... se ele está mais ou menos, então ele está conseguindo e se ele está conseguindo é porque ele está lutando né. Então as coisas... porque e deixar muito aberto, as vezes pode dar problema né, então... as regras são essas, mas não é regra assim... severa, você sabe que você tem o seu respeito né.¹²²

A necessidade de criar normas e regras dentro do movimento se fez a partir de diversas experiências. Estas são mutáveis de acordo com cada contexto. As religiosidades e crenças também fazer parte destes meios de sociabilidades, pois são sujeitos sociais e o movimento não está aquém disso. Neste sentido, Claudemir que já foi dirigente, mas que achou melhor se afastar por conta da sua religiosidade, que segundo ele, não poderia misturar as coisas, expressa a sua experiência no Movimento:

Claudemir: O MST, quando eu era direção e tal do MST, que daí o dirigente maior aqui é o Celso, então nas reuniões nossa e tal, a gente sempre comentava isso. Eu falo que nos acampamentos do MST tem

¹²² Idem, Ibidem.

lugar para todos. Para crente, para o evangélico, para macumbeiro, para todos, contanto, que todos sigam a regra do MST.

Cintia: A regra é comum a todos?

Claudemir: Comum a todos. Então se todo mundo seguir o estatuto do MST, nós podemos morar e conviver no acampamento tranquilamente. Contanto que nós cumprimos as normas que é implantada no acampamento, para o bem comum. Todos se respeitarem na verdade. Mais ou menos assim.

Cintia: Qual o problema principal que o MST enfrenta nesses momentos?

Claudemir: A conscientização. Porque, por exemplo, é...10 pessoas, né? 3, 4 tem a consciência formada do que que é a luta do MST, e tem os 4, 5 que não consegue, entendeu? Memorizar isso. Então existe essa divergência também, e o MST acaba sofrendo com isso.

Cintia: E como o movimento lida com isso?

Claudemir: Com o trabalho de base.

Cintia: E essas pessoas que não se conscientizam assim?

Claudemir: Vão desistindo. Muitos desistem. Porque que nem eu fiquei 10 anos acampado, para ganhar minha terra. Então é igual você, você começa seu estudo, sua faculdade...

Claudemir: Tem que ir até o final.

Claudemir: Até o final, e vai passar dificuldade...

Claudemir: Desistiu, perdeu.

Claudemir: É, porque época que encerrou aquele golpe militar, e tal, enfim, foi em 85, né? Que os agricultores fizeram onda de protesto, e tudo mais e ocupação, e coisa né? Então ficava meio assim, mas não tinha muito escolha também, na verdade, né? Porque ou você vai atrás daquilo que é o objetivo, ou você continua sendo escravo do patrão, né? Tem que ter uma escolha, né? Então, tem um grito de ordem que fala assim: “Massificar a base, da organização, formar a consciência para fazer transformação”. Então massificar a base, é reunir mais famílias acampadas. Quanto mais massa, melhor. Né? Formar a consciência é isso que nós estamos falando, né? Fazer com que o povo entenda, que a luta do MST, de cada agricultor ter seu lote, não é apenas pegar o lote, é saber de onde veio, é o processo, né? Que é bem complexo, né? É difícil. Você imagina, o MST tem mais de 30 anos, e não alcançou o objetivo ainda.

Cintia: Qual o objetivo?

Claudemir: Enquanto tiver família de agricultor acampado, que quer terra, que quer trabalhar, vai continuar a luta do MST. Isso não vai parar nunca. Você imagina, em 30 anos o MST está lutando, é um dos movimentos sociais de mais referência que existe, na América Latina.

Cintia: E vocês sabem dessa força?

Claudemir: Ah, claro que sabemos né? Que nem nós que viemos de 85, né? A gente sabe, né? Porque o MST na verdade é nacional, então existe muita gente. O MST é forte pra caramba, né? Então vamos dizer assim, só um exemplo, em 2003 foram feitas várias ocupações, foi despejado tudo. Todos a polícia chegou e despejou todo mundo. Prendeu e tal.

Mas aí o MST pensou em fazer uma ocupação grande, aquilo que nós falamos, né? Para resistir. Então conseguimos fazer uma ocupação com mil família em Cascavel, numa terra dessa que é muito valiosa, e conseguimos resistir. Então a visão do MST é essa. É sempre...o lema do MST é ocupar, resistir e produzir. Essas três coisas: Ocupar, resistir e produzir. Então, não vai parar nunca¹²³.

Essa percepção não é regra entre todos os sujeitos. A consciência trazida na fala de Claudemir e entendida como fundamental para dar continuidade ao movimento pode ter sido reconhecida por conta do período enquanto dirigente e aí percebemos as diferenças nas discussões existentes no interior do próprio movimento. Também chamo atenção para o termo “agricultor” utilizado por Claudemir e demonstra a identificação pelo fato de trabalhar no campo, sem fazer uma análise do significado que acarreta, aquele que trabalha com a comercialização de produtos e mercadoria, no qual se difere um pouco do projeto do movimento que é para plantação de subsistência, além do dever em que o campo tem de alimentar a cidade com alimentos agroecológicos.

Existem aqueles que entendendo como fundamental todo o seu percurso de vida e luta até chegar onde estão, outros que não entende o porquê se suas histórias e trajetórias de vida podem ser válidas para alguma coisa, outros sujeitos entendem que a principal luta vem agora depois da conquista do lote quando as vivências no Movimento se tornam menos coletivas, pois cada família irá trabalhar no seu respectivo lote. Ainda que a participação em reuniões e eventos coletivos no assentamento deva continuar.

A cada ocupação, acampamento, uma luta, uma história. No meio do caminho, alguns desistem e vão embora, mas os que permanecem constroem novos objetivos para continuar nessa busca pela conquista da terra. Um clima tenso a todo instante e ao mesmo tempo uma vida comunitária, no qual dividiam angustias e momentos de distração.

No acampamento a organização é mais intensa. As regras são postas as claras, as responsabilidades coletivas são atribuídas e as necessidades particulares de cada família são buscadas conforme podem. Muitos vendem o pouco que tem, conforme Vanilde, que veio do Paraguai: “quando nós saímos do Paraguai, eu vendi uns trezininhos de casa só para paga uma van para trazer, né. Chegamos ali sem nenhum centavinho. E daí como é que nós íamos fazer um barraco sem lona?”¹²⁴ Então vão em busca de trabalho diário, boia-fria, ou até mesmo em empresas da redondeza para começar a vida nova. Em alguns casos essa prática de trabalho fora do acampamento se torna permanente, uma vez que

¹²³ HIPÓLITO, C. HIPÓLITO, C. Entrevista citada.

¹²⁴ KRAIN. V. Entrevista citada.

ainda não era possível tirar todo o sustento da família somente do trabalho com a terra ocupada.

Além disso, algumas regras estabelecidas para a organização dentro do acampamento são passíveis de tensão e relações de conflito, uma vez que as experiências dos sujeitos que compõem o movimento são heterogêneas. A convivência posta em prática no dia a dia, discussões que podem interferir nos valores e moral de cada sujeito e é quando aparecem às contradições, sejam elas de vontades, interesses ou necessidades.

Neste sentido, nos deparamos com acontecimentos que interferem diretamente na relação social entre os sujeitos, em alguns momentos da entrevista, dona Vanilde fala sobre dificuldades de adequação de alguns sujeitos no Movimento, já que as famílias passam por avaliações e critérios para que possam ser acampadas e, posteriormente, assentadas, o que nos faz pensar sobre possíveis julgamento de valores:

Cintia: Ah, e você sabe qual o critério de avaliação? Por exemplo, uma família é avaliada, o que é avaliado?

Vanilde: Para avaliar é assim, é o bom comportamento, se contribuiu.

Cintia: E se não teve um bom comportamento? O que que acontece?

Vanilde: Aí sei lá porque. Daí vai ficando, no caso, né?! Porque teve gente assim que nesses acampamentos também tem gente que não gosta de contribui com o movimento. Não gosta de sai fora, se tem uma reunião ou um encontro, alguma coisa. Se eles vêm assim “a tem que ir” no caso, a gente tem que ir, né?! Se a gente quer ganhar terra, a gente tem que sofre um pouquinho também, né?! E tem gente que não pensa assim, né?! Daí a gente pagava certinho, tudo né?!

Cintia: Existem alguns critérios, algumas regras dentro do movimento para que você possa permanecer ali?

Vanilde: Então, que nem eu falei, aqui nós estamos assentados no caso né. Mas se alguém, qualquer um de nós, aprontou alguma coisa, ou roubo qualquer coisa eles tiram daqui se for preciso eles tiram.

Cintia: Eles quem?

Vanilde: A é o movimento com a turma do INCRA, né. Acho que é assim.

Cintia: Mas tem alguém dentro do próprio movimento que regulamenta?

Vanilde: Ah, sempre tem né. Tem um líder que eles falam... tem.

Cintia: Como se, eles “fiscalizassem” comportamento para que pudesse... Porque aqui no movimento as pessoas têm que ter uma...uma...conduta?

Vanilde: Ah, tem que ter, porque assim, vamos supor assim, imagina a gente mora num assentamento assim, e as pessoa do assentamento mesmo começa... dizer assim é... roubar. Digo assim, ou fazer qualquer coisa de errado, né. Tantos anos que sofreu, acho que a gente tem que se comportar, né. Então, daí é assim, até nos acampamentos também.

Cintia: Mas será que essas pessoas que chegam a fazer isso, né. Que sai da conduta, do que deveria ter, elas também não passaram pelo mesmo processo. Como é que... vocês conhecem alguém que aconteceu isso?

Vanilde: Nos conhecemos aqui quando nós morávamos no acampamento ali. O filho do home lá que estupro a menina né. Aí como é que vai fica...

Cintia: Vocês conheciam a família?

Vanilde: É, não muito bem assim, mas conhecemos. Como é que vai ficar, vamos supor assim uma pessoa assim dentro de um acampamento. Assentamento, vamos dizer assim, né porquê... é difícil né. Pode aprontar mais coisa, né.

Cintia: A segurança né... aí eles foram convidados a se retirar?

Vanilde: É, se retirar...¹²⁵

Vanilde repete, quase que mecanicamente, a necessidade de contribuir dentro do acampamento, pois é isso que é frisado ser relevante, no mais, nem é do seu interesse e foge do seu conhecimento. Os sentidos cristãos aparecem novamente, e a comparação e reconhecimento do sofrimento como um trunfo da conquista.

Bom comportamento e contribuição são expressões recorrentes na fala dos entrevistados. As diferenças também. Diferem-se nas ideias, juízo de valores, os modos de agir e se comportar diante de uma hierarquia o que é significativo diante de um movimento.

Logo, existem conflitos, e é onde aparecem às contradições, sejam elas de vontades, interesses ou necessidades. Trata-se de uma luta de valores que está incorporada na luta de classes. É importante fazer o reconhecimento dos valores e sentimentos como elementos significativos, pois não se trata de uma questão de apenas satisfação humana, mas, também assumem um grande valor na discussão da moral (pois a luta de classes é uma luta entre valores), e da mudança social.

Mas ainda que exista todo esse trabalho de inserção das famílias nos grupos do movimento há aqueles que não conseguem trabalhar em grupo, famílias que vieram da cidade e que alguns membros têm envolvimento com drogas ilícitas, então são feitas tentativas de recuperação, caso não tenha efeito positivo, são feitas reuniões entre os coordenadores, para que juntos decidam o futuro dessas famílias. Essas decisões são tomadas no coletivo e que se for decidido pela não permanência, estes são convidados a se retirarem, pois, não se enquadram nas normas da coletividade do movimento, colocando em risco a organização e segurança das famílias.

Estes conflitos de valores são resultados das vivências antes de adentrarem no movimento e as motivações para luta pela terra podem ser ligadas aos compromissos

¹²⁵ Idem, Ibidem.

sociais e políticos, que nos possibilitam problematizar questões para maior compreensão de determinados comportamentos e conflitos.

O contexto do processo de acampamento pode reelaborar valores. Vanilde fala sobre esse contexto e até mesmo sobre algumas pessoas que desistem em decorrência de ser um longo processo:

Vanilde: Ih, muita gente, desistiu e voltou, só que... por, né?! Assim, que nem esses um que desistiu, até podia estar aqui com a gente. Assentado, né?! Mas desistiu, aí voltou, agora está acampado. Porque eles têm que ficar também...

Cintia: Mas então você me explica um pouco, porque eu não entendo muito bem. Se você está aqui, assentado, aí você desiste por motivos de não conseguir se enquadrar, talvez...

Vanilde: Não é. É assim, porque quando nós chegamos ali no Dorcelina, eles falaram assim, que em noventa dia nós ia ganhar as terras. Aí nós ficamos lá três anos e não ganhamos terra. Aí viemos aqui para o Primeiro de Agosto e ficamos mais três anos e não ganhamos terra. Aí para o Sete de Setembro mais três anos, aí não ganhamos terra de novo, assim, fixa né. Aí viemos aqui para esse acampamento aqui onde que é aqui... pertinho aqui. Acho que ali ficamos mais quatro, daí para ganhar aqui. E daí tem gente assim, que acampava hoje e que pensava que amanhã, ou depois já ia ganhar as terras. Mas não é bem assim.

Cintia: E o que acontece que demora todo esse tempo?

Vanilde: A, é o processo né. Como diz assim até que o fazendeiro...sei lá, é...um processo longo, acho que deve ser assim.

Cintia: A negociação, vamos dizer assim. O fazendeiro com o INCRA.

Vanilde: Que nem aqui mesmo, o nosso foi alguns anos assim, para dizer assim, para desenrolar tudo né, que eles falam assim né.

Cintia: E, E no caso assim, vocês participam dessas negociações?

Vanilde: Não.

Cintia: - São os dirigentes...

Vanilde: eles com o INCRA.

Cintia: Aí as vezes as pessoas não têm essa paciência...

Vanilde: Ih, não tem não. Por isso que tem muita gente que fico dois, três anos acampado, acho né, que não ia ganhar terra logo. Mas se fica tem que sofre um pouquinho.

Cintia: Mas e aí? Pode voltar?

Vanilde: Pode, só que daí tu faz outro cadastro novo. No causo.

Luciana: Imagina...tem que...começar tudo de novo.

Cintia: Aí começa do zero?

Vanilde: É, tudo de novo.

Cintia: Aí vai para o acampamento...

Vanilde: Vai para o acampamento, fica ali até quando sai outro assentamento, no caso¹²⁶.

Os conflitos entre os sujeitos são recorrentes no movimento. Sejam pelas possibilidades de uma melhor construção da sua casa, oportunidades de estudar, formas

¹²⁶ Idem, 2017

de trabalhar. O trabalho fora do acampamento para complementar a renda e as possíveis implicações disso, a utilização, ou não, do agrotóxico na lida com a terra. Todos esses pontos formam o processo histórico dessa família, desses sujeitos que apesar da demora e os diversos despejos, experiência vivida pela grande maioria, e novas ocupações os fazem crer que há possibilidades da conquista.

Neste sentido “A rememoração é, pois, um dos modos pelo qual os sujeitos procuram reconstruir seus sentidos de identidade e de pertença a uma coletividade”¹²⁷, elaborando a sua própria subjetividade. Ao narrar e rememorar as dificuldades e a luta na resistência de as vezes colocar e duvida as próprias crenças, mas continuar por acreditar que terá uma conquista por direito de luta, o trabalhador se demonstra como um sem terra, um sujeito que faz parte deste processo histórico. E para todos os entrevistados desta pesquisa, que já estão assentados, ao relembrar as dificuldades vividas, estão felizes pela conquista do lote, mas a luta permanece para poder se manter em cima da terra.

¹²⁷ SCHREINER, D.; PEREIRA, I. **Experiências que se entrecruzam...** Vidas que se constroem: narrativas de um imigrante. Anuac, Volume II, nº 2, dezembro de 2013 – p. 63 – 77. ISSN 2239-625x. p. 66.

Capítulo III

A formação do assentamento Valmir Mota: o trabalhador no fazer-se assentado e seu significado

O assentamento Valmir Mota constituiu-se em conquista após muitos anos de luta nos acampamentos. O processo histórico foi permeado por conflitos e vividos de modo angustiante pelos trabalhadores. Contudo, o assentamento não significou o fim da luta e dos problemas vivenciados pelos trabalhadores.

Após os primeiros 4 anos que se passaram, é possível percebermos que o significado de luta pela terra se amplia para os sujeitos assentados. A luta pela permanência na terra se torna seu maior desafio e o motor principal para materializar o sentido dessa conquista e validar os longos anos de conflitos vividos durante o caminho percorrido até o presente.

No meu primeiro contato com esses trabalhadores, todos estavam no pré-assentamento¹²⁸, ou seja, estavam em barracos esperando a demarcação dos lotes. No entanto, a demora era grande e algumas famílias começaram a ir para a área mesmo sem os limites de cada lote serem demarcados, além da infraestrutura básica ainda precária.

Neste período o Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA)¹²⁹ estava em construção, elaborado em conjunto com técnicos da Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná (ADEOP) e famílias do futuro assentamento. Ao analisar o planejamento, observamos alguns pontos da realidade atual do assentamento, muitas propostas e projetos que constam no planejamento ainda não foram efetivados, seja pela falta de recursos ou por mudanças internas do próprio assentamento, conforme as vivências e as necessidades. De fato, o planejamento aflorou expectativas nos assentados que ainda hoje, depois de 4 anos, não foram possíveis de realizar. Parte dos conflitos internos emergem dessa frustração.

¹²⁸ Quando foram para os seus respectivos lotes, o pré-assentamento continuou sendo um acampamento permanente, até os dias atuais. (2018)

¹²⁹ De acordo com site do INCRA o PDA é feito após a criação do assentamento por uma empresa ou entidade de assistência técnica contratada pelo Incra. A elaboração do Plano conta com a participação das famílias assentadas. Nele é definida a organização do espaço, com indicação das áreas para moradia, produção, reserva florestal, vias de acesso, entre outros aspectos. Além disso, o PDA relaciona as atividades produtivas a serem desenvolvidas no assentamento, as ações necessárias à recuperação e à preservação do meio ambiente, o programa social e de infraestrutura básica. Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/oqueepda> >.

A portaria INCRA/SR-09/nº 49, de criação do assentamento datada de 13 de dezembro de 2010. Porém, a imissão da posse foi em 16 de abril de 2009. Portanto, foram 4 anos para a organização do planejamento de assentamento (PA). Tempo que levou para que os técnicos pudessem fazer as verificações necessárias para seguir os parâmetros da norma de execução e regulamentação, pesquisa e demarcação dos lotes, segundo o INCRA. Além de diversas reuniões e entrevistas com todas as famílias, conforme narra Elaine:

Foram feitas várias reuniões nos acampamentos antes do pessoal vim, antes do INCRA selecionar. Inclusive o INCRA fez uma entrevista com todas as famílias para ver se tinham aptidão.

Cintia: E o que seria essa aptidão?

Elaine: É assim, se tem história na agricultura, porque nos acampamentos sempre tem os espaços, né?! Então o que plantava, o que produzia, como que era essa parte da alimentação da família e tudo mais, né?! O que pensava em fazer quando conquistasse o lote. Então tudo isso, né? Eles tiveram lá suas variáveis para avaliar as aptidões, né?! Se já tinha, se era oriundo da agricultura, enfim.

Cintia: Isso era um critério?

Elaine: Por parte do INCRA, sim! Até porque, essa área aqui ela só foi possível adquirir, porque o projeto a ser desenvolvido é na agroecologia. Se não o INCRA não adquiriria. Então foi uma das condições para conquistar essa área¹³⁰.

Esta condição exposta por Elaine gera um dos principais conflitos atuais dentro do assentamento. Isso desencadeia uma série de vivências aonde é possível perceber um espaço em comum com sujeitos tão heterogêneos, os sentidos e significados aparecem de forma a justificar as ações vividas.

Mas além das questões conflituosas dentro do conviver no assentamento, existe alguns pontos conflitantes no projeto inicial do assentamento. Primeiramente, o projeto abrangia a capacidade de 106 famílias, no entanto, esses dados nunca se efetivaram, mas sim, um total de 83 famílias, ou seja, 83 lotes. Em umas das visitas ao assentamento, Geni me entrega o Plano de Desenvolvimento e eu ao folhá-lo rapidamente fazemos algumas observações:

Cintia: Geni, aqui está escrito que tinham 75 famílias, mas isso aqui é de 2014, né? Hoje em dia são mais aqui?

Geni: É, 83 famílias [hoje]. É que nós estávamos aqui em 75 [famílias], até quando começou o PDA, por exemplo, tinha uma família do Edson e a Franceane que era para ser assentado aqui, eles eram daqui, e eles

¹³⁰ MARQUIORI. E. Entrevista citada.

estavam lá na escola que tinha. O Beah que era para ser assentado aqui, mas estava lá ainda, então as famílias enquanto não foi se resolvendo que tinha que vir para cima, que nós estávamos acampados ali em cima, e o INCRA não vinha fazer a divisão da área. Não tinha ainda a medição dos lotes. Então depois que nós estávamos aglomerados ali em cima, em mais ou menos umas 70 famílias que o INCRA veio para fazer o parcelamento da área, veio medir toda a área, daí mediu, aprovou, veio para... que daí aquela área lá em cima tem uma área que dá mais de três alqueires né, era da, não sei se é 10 ou 12 hectares, lá na beira do asfalto. Então, lá na discussão das famílias e do movimento que não era lote, era uma área para auto sustentação, que nós já tínhamos conseguido um projeto de aprovação de novilhas, de gado de leite, onde tem uma unidade de leite lá em cima, tem uma área que já foi para cá, para sair feira, para sair coisa de comércio, tudo lá de cima de perto do asfalto, então era uma área maior. Daí então eles tinham dividido os lote então daí as família não aprovaram, foi de volta, então daí aprovaram o mapa, nós aprovamos o mapa, mas não sabia onde era ainda cada um a sua parte, mas foi aprovado o mapa, mas ele não tinha, nós não tinha as divisa ainda, mais ou menos na cabeça sabia onde que ia passar as estrada e tudo e mais ou menos onde que era os lote, mas não sabia as divisa. Daí o INCRA não vinha, não vinha e não vinha medir e nós falamos que nós íamos fazer o sorteio. Ligamos para o INCRA que tal dia nós íamos fazer o sorteio e o INCRA, os funcionários do INCRA estava de greve. Daí era o Milton na época, daí ele disse assim: "Não, eu vou falar com os funcionários de Beltrão e ver se eles vêm medir, daí depois que eles tiverem medido daí vocês fazem o parcelamento. Daí eles começaram a medir, as famílias daqui foi determinado um grupo de pessoas para ajudar, teve um funcionário e com o GPS medindo e botando os marcos, daí fincamos os marcos nem era o marco oficial. Daí nós fizemos o parcelamento, daí nós sabia onde que era os nossos lotes. Antes todo mundo plantava um pedaço, cada um tinha um pedaço para plantar, daí foi parcelado os lotes, daí cada um começou a plantar já em cima dos lotes. E sem vim morar aqui porque não tinha estrada aberta, não tinha..."¹³¹

A dinâmica expressa neste trecho nos faz materializar um pouco mais o processo de luta pela terra e em alguns momentos o deslocamento de alguns assentados. A itinerância de algumas famílias que estão em momento de contribuição em outros acampamentos/escolas, mas que fazem parte do planejamento do futuro assentamento, demonstra a unidade do Movimento Sem Terra. Além da percepção e ações para pressionar o INCRA para a demarcar os lotes. A pressão das famílias e após a aprovação do PDA, aos poucos o assentamento começou a tomar as formas básicas:

Geni: Daí com o mapa e os marcos da estrada daí veio uma patrula lá da prefeitura e passou assim, daí o pessoal passando de trator ficou... ó abriu assim para fazer o carreiro, né?! Daí o pessoal com trator e carro e coisa que vinha para trabalhar que a gente abriu, está até hoje, né.

¹³¹ SOUZA. G. Entrevista citada.

Agora diz que segunda-feira diz que eles vão vim mexer, a prefeitura vai vim mexer nas nossas estradas¹³².

Desde que os assentados foram para os lotes até o dia da realização da entrevista as estradas estavam do mesmo jeito, improvisadas, em condições ruins. Mas, neste dia, realmente haviam marcações na estrada, o que confirma a expectativa de que no dia seguinte a prefeitura viria finalmente melhorar as condições da estrada, conforme as expectativas da Geni e dos demais assentados.

Geni continua a lembrar de como foi o processo inicial do assentamento:

Não tinha luz e nem água, né?! E também foi mais uma batalha porque daí veio uma... saiu uma jornada de agroecologia lá em Maringá de uma empresa que veio arrumar o negócio da luz lá, lá de Maringá, Eletroluz, daí a gente conversou com eles, eles vieram aqui e fizeram um projeto, o assentamento e pegaram o mapa do assentamento e fizeram um projeto da luz. Daí eles foram na Copel, a Copel aprovou e eles colocaram a luz daí a partir de que eles colocaram a luz, nós começamos a se mudar, porque daí tendo luz nós conseguimos ter água, é, então pelo PDA, aqui [no PDA] tem 3 poços artesianos... só que não tem nenhum [no assentamento] e não sei se um dia vai ter. Então, daí nós colocamos luz e demo um jeito de colocar água, né?! Uns fizeram poço de duas, três famílias, aqueles mini poço, né?! Artesiano... e daí o meu aqui nós conseguimos... tem um caminhão também que fura, deu 19 metros só, daí eu nunca tive problema com água, mas muita gente teve problema com água. Porque ela tem água, mas é aqui, para além das reservas e é nos lugares mais baixo, então seria 3 poços artesiano e o uso dessas águas para irrigação, mas nunca saiu pelo projeto, pelo PDA. Então, foi dessa forma que foi se organizando o assentamento. É por isso que daí conforme o técnico foi trabalhando, daí tem assinatura das famílias, das reuniões que eles tinham que ir fazendo para poder construir o que as famílias pensaram em produzir, está aí, né?! Então qual é a base sustentável do assentamento¹³³.

O INCRA possui licitações públicas ou convênios com estados ou municípios para a elaboração e execução de infraestrutura básica. No entanto, sem poder esperar pelos poços previstos no PDA, muitas famílias utilizaram o auxílio de apoio inicial, os que tinham cadastro atualizado e receberam o auxílio, para as despesas com o poço semi artesiano.

¹³² Idem, Ibidem.

¹³³ SOUZA. G. Entrevista citada.

O auxílio de apoio inicial é a primeira etapa financeira que o Estado oferece para os trabalhadores sem terra em fase de assentamento. O repasse de 2.400 reais¹³⁴ estabelecidos pela União para cada família está condicionado com a documentação correta dos membros responsáveis pela família. Além da disponibilidade de recursos financeiros da União.

A liberação desses recursos são motivos para muitas aquietações no interior do assentamento. Luciomar, demonstra algumas destas insatisfações quando chegamos ao assunto da conjuntura política e como isso afeta os assentados, uma vez que ele foi um dos que não receberam a primeira parcela do auxílio de apoio inicial:

Luciomar: Não, não, nosso país está falido, se depender... o nosso financiamento não veio nada, tudo cortado.

Cintia: O senhor chegou a receber aquela primeira parcela?

Luciomar: Não, não recebi. Tem umas 8 famílias aqui que... da minha esposa a gente até ligou para o INCRA até eu ia lá em Beltrão, eu falei "eu vou pegar o carro ou a moto e vou lá falar com o Rogério, em Beltrão. Mas como nós conversamos com o gerente do banco, ele escutou nós ali, a gente escutou ele no celular falando, né! E era o problema da minha mulher era uma coisa fácil de resolver que eles não resolveram, na verdade como o governo cortou o orçamento, não tinha dinheiro deixou sem resolver também, só estava diferente a data de nascimento dela, ela é de 93 e estava lá 87, os caras colocaram a data dela errada. É, uma coisa assim... por aí, ela tem 25 anos. Então era só corrigir a data e pagar para nós, pronto! Daí, não... deixaram aquilo lá assim e quem tinha que fazer isso aí era o INCRA e daí ficou empurrando o banco... e o banco disse que não podia corrigir a data porque quem tem que corrigir é lá em Beltrão, eles que tem que mudar a data lá, porque o dinheiro vem de lá, né?! Via banco do INCRA. Então ficou assim e nós não recebeu nada, era 2500 reais, né?! Pouca coisa, vamos dizer... mixaria até perto do que a gente ganha por mês, que o pessoal ganha aí, né?! Mas o que prejudicou a gente mesmo, foi o financiamento, que tem assim um abatimento pra pagar, esse valor a gente nem se interessaria, o que a gente se interessa é no outro tipo de financiamento que o governo cortou, esse que prejudicou a gente porque a minha lavoura esse ano podia ter custado uns 40% mais barato pelo governo do que eu financiar particular, porque daí eu pegava o

¹³⁴ Conforme último decreto do presidente Michel Temer 9.066/2017, o valor do crédito de apoio inicial para novas famílias assentadas está em R\$5.200 reais. No caso das famílias do Valmir Mota, receberam a diferença de R\$2,800 para equiparar os valores de apoio inicial. A outra opção é o PRONAF. As famílias devem escolher apenas um, dentre esses dois créditos iniciais. No entanto, é necessário que os titulares tenham dados atualizados no cadastro do INCRA sob pena de não conseguir liberação do crédito. Caso contrário, os mesmos ficam à espera de uma nova averiguação. Os demais valores expostos na página oficial do INCRA são condicionados a visitas técnicas, estas, porém, estão paradas por falta de verbas para custear os técnicos.

dinheiro e comprava a vista, seria mais fácil e depois eu ia lá e pagava no banco com desconto, então aí esse é o problema, né?!¹³⁵

O Banco do Brasil é responsável pela execução do repasse das verbas públicas para os assentados, este, que através de um único cartão magnético, pode sacar o dinheiro de qualquer benefício que viera a receber. No caso de Luciomar, seu problema, neste aspecto, conforme ele termina o trecho, foi e é a falta de subsídios financeiros. Para além da conquista da terra, as necessidades emergem para manter-se nela. Em diversos momentos, este assentado demonstra um apreço pelo chão em que ergueu sua casa, com as próprias mãos, mas expressa em sua narrativa uma perspectiva capitalista. Assim, percebemos como as relações capitalistas são vivenciadas e tornam-se hegemônicas.¹³⁶

A preocupação com o financiamento de sua lavoura expressa uma visão do agronegócio. Na maioria da extensão dos 3 alqueires do lote planta soja. Seu descontentamento no valor que poderia economizar com os descontos de um pagamento à vista com o repasse do dinheiro de auxílio, demonstra muitas outras questões passíveis de serem observadas, em relação as vivências no assentamento como um todo.

Luciomar sabe que a proposta inicial do assentado era contrária a produção da monocultura e o uso de agrotóxico, no entanto, financiou sua plantação em um banco particular usando o título de agricultor, nomenclatura utilizada por ele e sua esposa em qualquer outro lugar fora do assentamento, pois sente receio em dizer que é do sem terra. Além do trabalho com carteira assinada, que também foi um acordo inicial entre as famílias quando foram para o assentamento, segundo o relato dos assentados e o do que está escrito no próprio PDA. Diante disso, Luciomar retoma algumas indagações sobre a vivência no movimento:

Não conseguia ir para o lote [se tivesse carteira assinada], não pegava terra, não pegava financiamento, não pegava casa, não pegava nada. Essa era a palavra deles e até que você não tem nenhum outro tipo de informação, você fica com receio, porque a ideia sua é pegar a terra,

¹³⁵ VIANA, L. Entrevista citada.

¹³⁶ O conceito de *hegemonia* de Antônio Gramsci, a partir da perspectiva de Raymond Williams, permite melhor compreender esse processo histórico: “[...] a existência de algo verdadeiramente total, que não é meramente secundário ou superestrutural, como na acepção fraca de ideologia, mas que é vivido numa tal profundidade e satura a sociedade de tal maneira que, como Gramsci coloca, constitui a substância e o limite do senso comum para muitas pessoas sob sua influência e corresponde à realidade da experiência social muito mais claramente do que quaisquer noções derivadas da fórmula de base e superestrutura.” WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, São Paulo, n°65, p. 210-224, março/maio 2005. p. 216.

mas como nós viemos para o assentamento, a gente teve a cautela, né?!¹³⁷

O trabalho com carteira assinada ainda é uma segurança para manter as necessidades básicas em muitas famílias de trabalhadores. E em grande parte, no período de acampamento, pelo menos um membro da família trabalhava com carteira assinada, na família de Luciomar, era sua esposa, que teve que pedir demissão quando foram para os lotes.

Ao decidir que a possibilidade de ter uma condição melhor de vida seria entrar para o movimento de luta pela terra, esses sujeitos aceitaram o projeto do exposto pelo MST para conquistar a terra, pois sua condição e o sentido para entrar para o Sem Terra era unicamente a conquista da terra, no entanto, isso significaria não manter algumas práticas vividas por ele até então.

Mas ao alcançar seu objetivo, mas encontra dificuldades em relação as expectativas que havia criado durante todos esses anos, ou por não conseguir ainda produzir e viver da terra, perde o significado da sua conquista, então o trabalhador busca formas de conseguir trabalhar com o que ele conhecia, neste momento a alternativa foi o trabalho assalariado. Sabendo do possível confronto, busca informações e respaldo no que lhe caberia e tornasse essa ação possível, tenta encaixar sua forma de trabalho em um sistema já formalizado. Luciomar não foi o único no assentamento, assim teve mais força com outros assetados para reivindicar a regra formalizada inicialmente no PDA.

Luciomar: Viemos para o assentamento, a gente veio para o lote legalizado já e a gente conversou com o INCRA, ligamos para eles conversamos, conversamos com outras pessoas, com um colega advogado e a gente foi entender que não existe lei mesmo que impeça você de trabalhar, nem o próprio INCRA, né?! Eu falei "não, vamos trabalhar!", ela pegou e voltou a trabalhar daí, na mesma empresa na Coopavel e hoje até os que foram contra ela tão trabalhando de carteira assinada também, quem debateu contra ela assim, falou tudo mesmo, quis humilhar nós em reunião, que não podia, hoje está trabalhando de carteira assinada e se você perguntar o que eles tem hoje, é do salário que eles tão ganhando porque a partir desse ano que nós estamos mudando, nós trabalha de lavoura, né?! Porque antes não dava nada a lavoura, se nós continuássemos do jeito que estava, isso aí ia ser uma favela rural. Isso aqui não tinha outro caminho a não ser a favela rural. Por isso muitos lugares acontecem do cara ir embora, vender terreno, a maioria não tem boca para falar, tem medo, né?! O pessoal acaba se colocando numa situação como coitado na vida, sem força pra tomar

¹³⁷ CALAÇA, L. Entrevista citada.

uma decisão e daí encontra uma casinha na cidade trocando o terreno e vai embora, só que isso não pode acontecer, hoje é diferente, hoje nós mesmo mudamos a nossa história aqui no assentamento Valmir Mota, e essa história começou a mudar a partir daquela nossa reunião, eu particularmente, a gente vê os colegas e nós não volta mais atrás e vamos seguir, já enfrentamos, né?! Que hoje nós estamos legal e não existe lei que impeça você de trabalhar. A lei assim, a lei impede você de... é proibido, por exemplo, de você agredir um vizinho, por exemplo, com veneno né, você usar um produto que vai agravar o vizinho, que vai agravar a natureza, vai agravar o povo da cidade e daí tudo bem e quando você tá trabalhando legal, por dentro da lei, não existe ninguém, ninguém levantar a mão e dizer que você não pode fazer aquilo, isso não existe. Hoje sim, hoje nós estamos bem aqui, eu e a minha esposa estamos muito bem aqui, nós estamos construindo nossa casa aqui, vamos terminar esse ano ela, vamos trabalhar, seguir em frente...¹³⁸

Luciomar já se reconhece como um sem terra e os eu direito de reivindicar ao dizer que “nos mesmo mudamos a nossa história aqui no assentamento”, os assentados sabiam do projeto e aceitaram para ter o direito à terra, fato que demonstra flexibilidade da organização do assentamento que talvez, em um primeiro momento vinculou o projeto de reforma agrária a ideia de formação camponesa, produção aos moldes da agroecologia, sustentável, no entanto a maioria dos assentados sentiram a necessidade de se orientar para outro lado. Sendo este, por vezes, pautada nas reuniões do Movimento Sem Terra.

Outra questão discutida no interior do nacionalmente no MST e a própria utilização e aproveitamento das empresas ao entorno da cidade e dos próprios assentamentos que utilizam dessa mão de obra, indo na contramão do projeto inicial do assentamento, por mais que não resulte em expulsão do acampado ou assentado se for em caráter provisório e que seja apenas um membro da família. No caso do Luciomar, os dois trabalhavam fora, mas a partir do momento que os assentados começaram a utilizar agrotóxico, ele passou a se dedicar somente a lavoura de soja.

Lucimar relembra o início no assentamento, logo quando todos os trabalhadores acampados foram para os respectivos lotes e com um certo ar de ironia, expressando a frustração de depois de tantos anos debaixo de um acampamento, esperando pelo tão sonhado lote, ainda se fez por atraso. “Aí o que aconteceu ‘aí, ganhamos a terra, aí que maravilha e tal’ viemos todo mundo ali, todos ali. Ficamos ainda quase que dois anos, tipo morando num acampamento também”¹³⁹.

¹³⁸ VIANA, L. Entrevista citada.

¹³⁹ CALAÇA, L. Entrevista citada.

A situação citada é do pré assentamento. A retrospectiva de Lucimar, ao rememorar alguns anos e reconhecer ainda alguns problemas que pensava ser solucionados com a conquista da terra, vem em tom de desabafo:

Lucimar: Então a gente veio para o lote. (longa pausa e suspira). O lote é uma coisa interessante, é uma outra experiência de vida (risos). Porque, assim, a gente veio para cá e a gente recebeu a terra. Nada mais do que a terra. Veio dois mil e quatrocentos reais, faz uns dois anos. Dois mil... Dois mil e quatrocentos que você sabe que não é muito, dois mil e quatrocentos reais, né?! Para a comprar ferramenta e coisas. Isso não dá para fazer investimento, né?! Então só quando a gente veio para cá, já veio para o lote, o Vanderlei (esposo) já não é... ele trabalhava fichado na época. Ele parou de trabalhar porque é... primeiro é bem contraditório, você vem para a terra e você deveria trabalhar na terra, aí você não tem nada de investimento e precisa pôr as coisas em cima do lote, casa, aí você precisa do galpão. Você precisa de tudo, você precisa de árvore, você precisa de animais, você... É um outro investimento, sabe?! A gente não recebeu o investimento. E por um período ele ficou só trabalhando no lote, a gente conseguiu comprar algumas criações. Até com o próprio dinheiro mesmo que ele conseguiu de acerto no trabalho a gente conseguiu compra algumas criações, está iniciando um trabalho com leite aí... (suspira). E assim a gente vai, né?! Agora ele está fazendo, ele é pedreiro, na verdade a profissão dele é pedreiro, ele faz construção. Quando aparece alguma construção assim que dá, serviços rápidos que dá para ele ir um período que nem agora a gente não está tirando leite porque as vacas estão num período que elas estão para criar, então não está tendo a venda do leite. Aí ele vai trabalha, que nem hoje mesmo ele está trabalhando. Fazendo bico¹⁴⁰.

Assim foi o início para a grande maioria dos sujeitos assentados no Valmir Mota. E esta mesma condição se perdura para muitos ainda. A construção das casas, na grande maioria feita de madeira e de resto dos barracos que tinham no pré-assentamento, eram construídas pelos próprios trabalhadores, muitas vezes com a ajuda mutua dos vizinhos assentados. Alguns conseguiram aproveitar o período em que existia o PAA, para melhorar a morada conforme continua:

Lucimar: Nós temos bastante planos, a nossa renda primeira do lote hoje assim ainda para gera um dinheiro mais rápido foi a questão do leite mesmo. Daí a gente trabalha com outros produtos assim é... tem a horta, que a gente está num projeto, num grupo do pessoal da feira, num grupo de orgânicos que a gente... Que até então, primeiro a gente tinha o PAA que a gente conseguia, entregava para o PAA
Cintia: O que que é o PAA?

¹⁴⁰ Idem, Ibidem.

Lucimar: O PAA é o Programa de Aquisição de Alimentos que a gente entregava. Tinha milho verde, entregava o milho verde na CONABE, você tinha abóbora, você vendia, entregava na CONABE e você recebia pelo programa de aquisição. Pelo Programa de Aquisição de Alimentos que era uma verba de quatro mil reais. Você entregava quatro mil reais em produto e tinha uma lista lá, tantos quilos, o quilo do milho era tanto, o quilo da abóbora, então a gente entregava. Daí o PAA parou de... como ele era um programa (do governo federal) parou por um tempo, está parado. Aí a gente começou a fazer um grupo de certificação, para a gente certificar o lote. Porque qual é o problema, talvez de outros assentamentos que teve ali na Olga Benário. Eles trabalharam tanto tempo assim... tentando a certificação e não conseguiram, porque não adianta você não passar veneno, está fazendo todo um trabalho e você receber a mesma coisa que outros, que trabalham com a monocultura, que passa agrotóxico, enfim, essa é a situação que a gente fica quando a gente não é certificada. Então, a intenção é de dar essa diferença de qualidade do produto. Aí o pessoal começou a fazer feira, só que primeiro era feira na APP Sindicato, ela era muito pequeninha. Aí a gente pensava: “mas a gente não quer mexer com horta, não é o nosso perfil de trabalho”, entendeu? Daí a gente primeiro começo com as vacas mesmo ali, que é o que tomava a maior parte do tempo. Primeiro que o lote não é cercado, dava muito trabalho, tem que ficar fazendo cerquinha, tem que está mudando... enfim. Mas mesmo assim a gente continuou no grupo da certificação, aí nós tivemos visita no lote esse ano, aí a gente vai se certificando, aí a gente vai começar a produzir, eu já produzi muita coisa ano passado, mesmo eu trabalhando na escola. E mesmo não vendendo, eu produzi muita coisa que a gente, não vou dizer que acabou perdendo porque eu levei e dei para a escola, para os vizinhos as coisas que eu podia ter vendido na feira. Aquela época, era a época que a gente mais teve experiência de trabalhar com produção porque tinha onde entregar, te entendendo? Aí é outra coisa que se esbarramos porque nem o PAA teve mais. Daí é isso. Planta e você vai entrega para quem? Muitos não têm o perfil de ir lá e vender na rua. Nem eu quero isso, sabe?!¹⁴¹

A partir da fala de Lucimar, poderíamos pensar que o problema não está na dificuldade em produzir, mas sim, no mercado consumidor? Lucimar parte da sua condição atual para comentar isso, existem outros assentados que vão a cidade vender o que produziram, ou até mesmo como o José, que já é sabido que ali no assentamento é produzido determinadas hortaliças e sempre tem compradores. No entanto, Lucimar diz “não ter o perfil” traz o significado de que ela já em outra profissão na escola e seu marido é pedreiro, ambos têm uma profissão e querem seguir e sobreviver nisso.

Mas os cortes dos programas sociais afetam a organização da produção e está é uma das formas de tentar limitar a luta das famílias e dos Movimentos Sociais de

¹⁴¹ CALAÇA, L. Entrevista citada.

Trabalhadores Sem Terra, organizados eles têm uma força maior de dar continuidade ao projeto no assentamento, que no início, esses assentados ainda tinham alguns subsídios para plantar e aprender a lidar com a agroecologia, situação que se agravou com os cortes de verbas.

Desde que Michel Temer (PMDB) assumiu a presidência, o programa social, considerado pelo MST como um dos estruturadores da reforma agrária e da agricultura familiar, acumula cortes exorbitantes, que somam cerca de 71%, passando de um investimento de mais de R\$ 32 milhões em 2015, para aproximadamente R\$ 3 milhões no primeiro semestre de 2018, de acordo com o Projeto de Lei Orçamentária (PLOA) que foi apresentado para o próximo ano¹⁴².

Entre as entrevistas, muitos reclamam de não conseguir plantar de forma agroecológica, pois nesse sistema é preciso plantar diversificado e em pequenas quantidades. O descontentamento está aí, pois a expectativas de alguns assentados é produzir a monocultura, que em grande medida, se faz necessário o uso do veneno.

Os irmãos Claudemir e Claudecir também trazem em seus discursos uma abordagem sobre a necessidade do trabalho para terceiros desempenhado fora do assentamento, uma vez que os recursos não foram repassados de forma integral e a necessidade por instrumentos básicos para o trabalho no lote ainda demanda de alguns investimentos. De uma forma mais branda que Luciomar, eles narram quando lhe pergunto sobre o conviver no assentamento:

Claudemir: Ah, para dizer que está boa 100%, não está, porque o INCRA não conseguiu dar a volta ainda com o assentamento. Na verdade, os recursos e tal não foi liberado, então o povo tem essa dificuldade, né? Mas, basicamente, o pessoal está tranquilo, né? Todo mundo trabalha. O povo se vira aqui. É mais fácil a vida hoje na verdade, né?¹⁴³

Usualmente ouvimos de trabalhadores que passaram por muitos percalços e que sabem que continuarão a passar dizer que “se vira”. Em situações temporárias que se tornam permanente, mas que conseguem lidar não da forma esperada e resolvida, mas que há nessa expressão um certo ar de conformação com a situação instável.

¹⁴² BRASIL DE FATO. **Cortes nos programas sociais do campo afetam a vida dos trabalhadores rurais.** 30 de novembro de 2017.: Disponível em:< <https://www.brasildefato.com.br/2017/11/30/cortes-nos-programas-sociais-do-campo-afetam-a-vida-dos-trabalhadores-rurais/> >acessado em: 01/02/2018.

¹⁴³ HIPÓLITO, C. HIPÓLITO, C. Entrevista citada.

No relato de Claudemir, é possível perceber que há um receio de reclamar da sua condição, pois está vivendo em cima da sonhada e sofrida conquista da terra, no entanto o descontentamento com a realidade que ainda, depois de tantos anos na busca pela terra, não se confirmou de forma integral, ou seja, a terra e as condições para sobreviver dela, dando-lhe consciência de que apenas a conquista da terra não foi suficiente, mas que estão um passo adiante das condições anteriores, mesmo com o trabalho fora do assentamento.

Quando lhe questiono sobre a permissão e os possíveis problemas que enfrentou para trabalhar fora, Claudemir e seu irmão respondem:

Claudemir: Não, exatamente porque o INCRA não liberou os recursos ainda, para o povo. Os recursos de instalação. Porque daí o povo na verdade está sem ferramenta. Tipo assim, o INCRA deu a terra, mas não deu as ferramentas para nós trabalhar, então a pessoa não consegue.
Claudemir: Não liberou investimento, né?
Claudemir: Não consegue comprar vaca de leite, fazer os investimentos para pessoa... Tem as cercas, né? Tem tudo para construir. Então essa dificuldade que o povo está tendo¹⁴⁴.

Os irmãos, da mesma forma que outras famílias do assentamento, trabalham na área da construção civil na cidade. Era inverno no período da entrevista e a roça estava parada. Nestes períodos os assentados priorizam o trabalho fora, principalmente os de ganho diário, os “bicos” e se organizam para começar o trabalho na terra com a chegada da primavera.

Cintia: E aqui na terra, o que vocês plantam? O que vocês produzem?
Claudemir: Basicamente produzimos: milho, feijão, batata doce, mandioca, um pouquinho de verdura, essas coisas.
Cintia: E vocês vendem onde? Para quem? Ou é só para consumo?
Claudemir: É para o consumo e para venda. O que vende mais é milho, essas coisas. Nós entregávamos os produtos para aquele projeto do Fome Zero, do governo federal. Nós entregávamos nos CAS. E houve um problema lá, e a gente parou de entregar¹⁴⁵.

A maioria da produção dos trabalhadores do assentamento eram destinados a programas do Governo Federal, especificamente o PNAE. Alguns programas de políticas públicas voltadas para a agricultura familiar foram criados, nos quais os três principais eram: Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). No entanto, a precarização, os cortes orçamentários e o desmonte para com o Ministério do

¹⁴⁴ Idem, Ibidem

¹⁴⁵ Idem, Ibidem.

Desenvolvimento Agrário (MDA) que passou a ser subordinados a Casa Civil, juntamente com o INCRA, somado a uma grande bancada ruralista na frente parlamentar fez com que o desenvolvimento de atividades para os trabalhadores no campo não passasse de um reordenamento agrário e a transformação da agricultura familiar em uma política social. Uma “emancipação dos assentamentos”¹⁴⁶, no qual o Estado deixa de ter responsabilidades com as famílias passando o título dos lotes para os assentados e lhes cobrando por isso.

Alguns assentados entendem essa situação da atual conjuntura política e fazem essa leitura das dificuldades e toda a burocratização que permeiam as políticas públicas. Ainda que Claudemir não especifique os cortes dos auxílios das políticas públicas, ele sabe da situação. A identificação da conjuntura de dentro do próprio assentamento, as discussões sobre o trabalho de base e a necessidade de intensificá-lo periodicamente, segundo ele:

Cintia: Intensificar [o trabalho de base] de que forma?

Claudemir: É, eu acho assim que envolvendo mais o pessoal em reunião, porque na verdade o processo de assentamento depende muito dá, vamos dizer assim, da política financeira do Brasil, e a maioria das famílias não sabem disso, é muito complexo. Então para mim pegar o meu lote, você entendeu? Todo esse tempo que eu fiquei acampado, existe a organização do MST que está pelejando. E depende da economia também conforme gira, que nem nós falamos. O INCRA está travado agora, devido esses problemas que deu com a política nacional, né?! Então, nós também perecemos. E a maioria das pessoas que tão acampado não entendem isso. Tem pessoa que pensa “eu vou para o acampamento, eu quero minha terra”, “ah, estou há tantos anos, eu quero meu lote, quero minha terra”, mas as vezes não é assim, né?! O processo é longo¹⁴⁷.

Neste ponto, podemos compreender o significado de fazer parte do MST para Claudemir. A consciência de classe que emerge na experiência e a identificação dessa necessidade para com os demais sujeitos, principalmente para que o movimento possa ir adiante em sua proposta de ir para além da conquista da terra, mas também uma consciência das condições do sistema vigente e a transformação para uma realidade mais justa e igualitária.

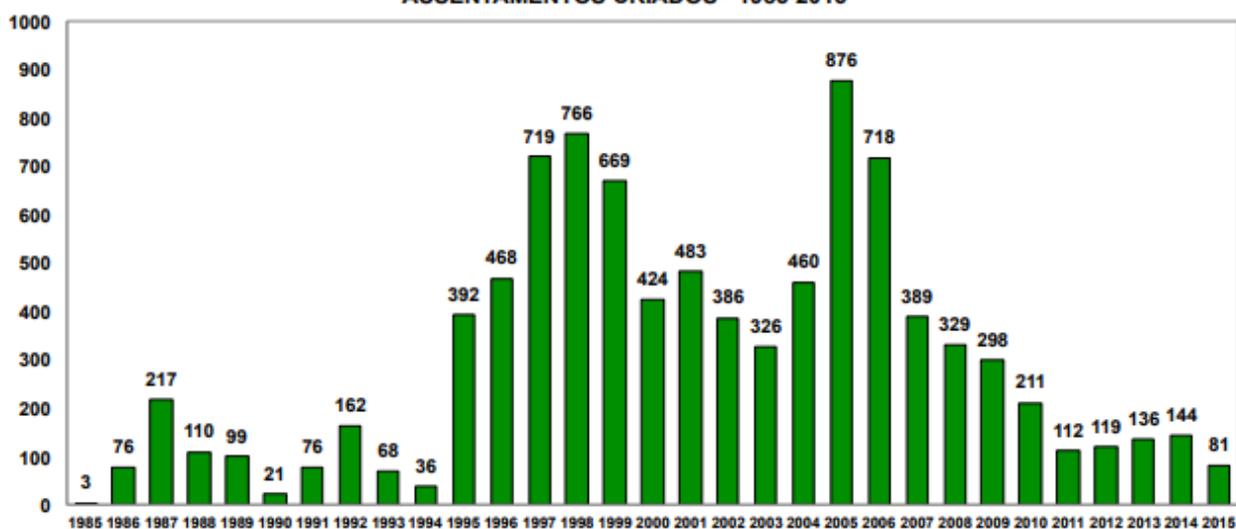
¹⁴⁶ BRASIL DE FATO. "2013 é o pior ano da reforma agrária", diz coordenador do MST. 18/12/2013. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/node/26936/> > acessado em 02/01/2018.

¹⁴⁷ Idem, Ibidem.

No entanto, se em um primeiro momento o governo PT, com parte do seu discurso político pautado na reforma agrária, foi uma esperança para a grande maioria dos trabalhadores, seja do campo ou da cidade, vislumbrarem a proposta da distribuição de terras e a possibilidade de finalmente conseguirem uma vida estável, no segundo, foi a frustração.

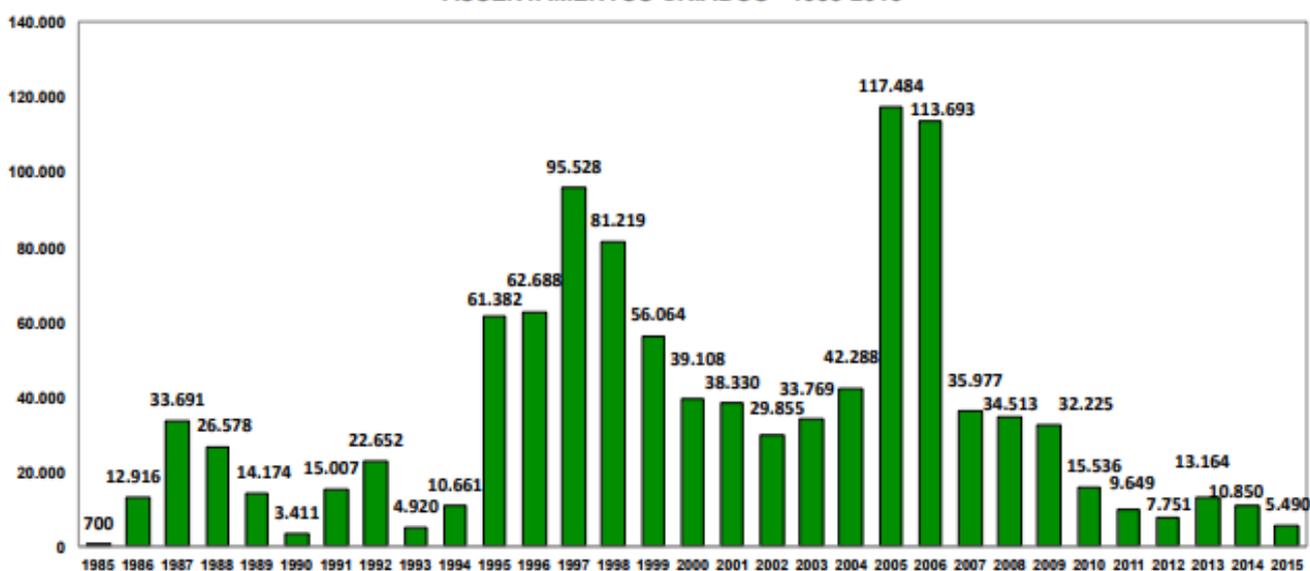
No primeiro mandato, de 2003 a 2006, gerou muitas expectativas, mas que nos anos seguintes, se dissipou diante as esperanças, conforme os gráficos:

GRÁFICO 3 - BRASIL - NÚMERO DE ASSENTAMENTOS RURAIS - ASSENTAMENTOS CRIADOS - 1985-2015



Fonte: DATALUTA – Banco de dados da Luta pela Terra – Relatório Brasil 2015.

GRÁFICO 4 - BRASIL - NÚMERO DE FAMÍLIAS ASSENTADAS - ASSENTAMENTOS CRIADOS - 1985-2015



Fonte: DATALUTA – Banco de dados da Luta pela Terra – Relatório Brasil 2015.

A situação da reforma agrária tem se encaminhado para o campo de medida de auxílio social, se distanciando do projeto de efetiva política de democratização da terra, proposta pelos Movimento Sociais de Luta pela Terra. As dificuldades são encontradas em todas as fases, além dos enfrentamentos externos, há os embates para conseguir sobreviver assentado.

Neste sentido, Claudemir entende que as informações não chegam a todos no assentamento e que por vezes, esses desencontros podem afastar aos poucos dos projetos do assentamento.

Claudemir: É, as informações não chegam para todo mundo e nem as pessoas tem a oportunidade de conhecer o porquê, entendeu? O que, vamos dizer assim, não consegui o lote dele no tempo que ele achava que ia conseguir. Só que é caro também para isso, né?! Pro MST está envolvendo todo mundo na reunião. É mais concentrado a luta do MST, né?!

Cintia: É, mas seria bom que chegasse a todos, né?

Claudemir: A todos. Era muito importante. Era o ideal.

Cintia: E o movimento não está dando conta de fazer isso?

Claudemir: Não, não está dando conta, e o MST sofre com isso. Com a formação de consciência da base. Formar a consciência da base, né?! Tipo assim, saber o que é, saber a luta, saber tudo, né?! É, não só massificar, mas formar consciência¹⁴⁸.

Por outro lado, parte do entendimento narrado por Claudemir, que também é visto em outros assentados, se deve a participação que teve por alguns anos frente a direção no assentamento. É perceptível um conhecimento mais amplo e um engajamento maior entre os assentados que fizeram ou fazem parte de algum tipo de coordenação dentro do assentamento. Porém, o caso de Claudemir é singular diante dos outros.

Sem querer falar muito sobre o assunto, o trabalhador conta que logo que foi para o lote, ele fazia parte da direção, porém, as reuniões e as viagens eram muito frequentes e não tinha condições de deixar a família, além da necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da casa. Esta situação muitas vezes é vista pelos demais assentados como uma perda de tempo, inclusive, em alguns momentos pode se tornar conflito dentro do assentamento.

Muitos sujeitos acreditam que os assentados que participam de algum tipo de liderança não trabalham na terra, porque é bancado pelo MST e que por isso fazem determinadas exigências dentro do assentamento por não precisarem cumpri-las. Por

¹⁴⁸ Idem, Ibidem.

exemplo, o uso ou não do veneno nas plantações. Situação muitas vezes destorcidas justamente pela falta de informação ou até mesmo engajamento, que resulta no afastamento e o individualismo que se formam nos assentamentos.

Essas questões fazem parte do ônus e do bônus da conquista, conforme narra Lucimar, que tem em sua trajetória anos de coordenação:

É... eu não tenho mais a mesma a disponibilidade que eu já tive um período. Saia da minha casa e fica uma semana, quinze dias, quarenta e cinco dias. Hoje uma semana fora do lote é impossível para mim.

Cintia: Porquê?

Lucimar: Primeiro eu trabalho na escola. Teve um período que eu estava na escola, não que eu não fico, né?! Mas assim, olhando para o meu ritmo de vida hoje, para mim eu sempre falo: “nós temos que planejar as reuniões mais curtas, tipo três dias e mais intenso, mais estende horário”. Eu sou umas das que falo isso hoje, teve um período que eu ficava quinze dias fora de casa, no período que morava em acampamento mesmo. E teve um período que a escola era vinculada da CAPES, a escola itinerante. Hoje nós somos vinculados ao município, tem cartão ponto, dedo! Engessaram a gente na escola, está entendendo? Não posso! Para mim ir no curso de formação do Movimento Sem Terra hoje, por que que a gente consegue ir? Porque os nossos cursos de formação são vinculados com as universidades. A gente tem que fazer um ofício, explicando que é um curso de formação, mandar o secretário nos liberar. Porque ele é amigo da gente porque ele está para sair, a hora que ele sair entra outro, nós sabemos como vai ser isso mais para a frente. Por que isso faz parte do outro, da outra parte da conquista. Nós somos hoje no Estado do Paraná enquanto escola, um exemplo de conquista porque a gente conseguiu escola municipal. Londrina está numa busca desgramada, outros espaços também, daí eles vem perguntar para a gente o que a gente fez para aprovarem a nossa proposta, para nos aceitarem por coisas que a gente coloca no nosso PPP, para eles aceitarem a nossa forma escolar que eles não tão conseguindo em outros espaços. Mas nós temos o cartão ponto, entendeu? Tem a parte que saí assim, não que desiste de ir, né?! Aí o que que a gente estava pensando, agora nós estávamos renovando o regimento, que nós vamos colocar lá no regimento que uma das coisas que daí é isso também, você vai aprendendo, entendeu?! Tem coisas que você não consegue pensar tudo na hora. Tem um período que a gente nunca imagino que o cartão ponto viria para nós. E no meu caso, assim como eu não sou concursada, só CLT. “x” faltas é... é... ganhar a conta¹⁴⁹.

Conforme a fala de Lucimar, percebemos os desdobramentos que o assentamento precisa fazer para continuar sendo a resistência com propostas que diferem ao sistema capitalista

¹⁴⁹ CALAÇA, L. Entrevista citada.

vigente. No entanto, aos poucos, tanto alguns sujeitos acabam não resistindo e continuam a ter ações dentro do sistema e, nesta situação em específico, o sistema adentra sem dar muitas opções. Estes é um dos maiores desafios que permeiam a todo momento o Movimento de luta pela terra, em que por vezes, pode colocar um sujeito contra o outro, em um lugar em que a unidade é crucial.

Lucimar expõe a necessidade e as alternativas que encontram para driblar, por ora, algumas ações que podem comprometer o andamento de um projeto maior do que somente a conquista da terra. E que por vezes, ter união ainda se torna a forma mais viável de manter uma resistência significativa diante das circunstâncias.

Diante dessas questões que um sujeito da liderança enfrenta, podemos ter uma dimensão maior sobre as condições colocadas por Claudécir e sua desistência da direção. As questões das quais se envolvia ia em direção oposta com a de suas crenças. Com o desenrolar da conversa, Claudécir conta que a questão religiosa foi o principal fator de sua desistência enquanto dirigente:

Claudécir: Quando você me fez aquela pergunta do porquê eu saí da direção do MST, é porque na verdade a minha linha de trabalho surgiu uma outra, aí como eu vi que não dava para levar paralelo com o MST...

Cintia: Como assim? Qual é a sua outra linha de trabalho?

Claudemir: É crente. Evangélico. Religião. Então eu via as dificuldades de sair para fora e eu nunca procurei estudar sobre a política. Então na verdade a nossa linha, com pessoas no assentamento, e no acampamento, é o evangelismo. É a Bíblia, né?! Então nesse detalhe da política eu não cheguei estudar.

Cintia: Mas daí uma coisa...

Claudemir: Não interfere em outra. Está! Mas que nem para mim, é um pouco difícil, né?

Cintia: A questão da religião não permitia que você continuasse?

Claudemir: É, eu achava algumas dificuldades, né? Não em tudo 100%, mas tinha aquelas horas assim que você percebia que tinha algo que não batia com a realidade que você queria, né?! Então eu achei que eu estava meio que entrando em conflito comigo mesmo. Por exemplo, que talvez você vai entender para a frente, né?! Vamos dizer assim que a tua trajetória aqui, você vai adquirir muito experiência que para a frente vai servir para tua linha de trabalho. Uma coisa que a Bíblia condena, a Bíblia, não falando em religião, não sei qual é a tua, invocar morto. A Bíblia diz que quem morreu, morreu. E o MST tem esse problema com “fulano está aqui”, “fulano vive” e etc. Então são coisas que eu entrava em conflito comigo mesmo, falava “meu Deus, se a Bíblia me ensina, e a Bíblia fala que quem morreu, morreu”. A Bíblia diz que se voltar alguém que morreu, pode voltar o inimigo, que é satanás, invocado naquela pessoa. E eu ficar chamando “fulano, ciclano está aqui, eu te

adoro, e não sei o quê”. Então, existe alguma coisa particularmente, que eu achei que não ia dar certo¹⁵⁰.

Realmente os mártires celebrados pelo MST tornaram-se um grande problema para Claudedir. Praticamente todos os acampamentos e assentamentos carregam o nome de homens e mulheres que foram importantes de alguma forma para os Movimentos Sociais de Luta pela Terra, inclusive o próprio Valmir Mota, o Keno.

Mas além desta questão, essa situação nos coloca diante de várias outras questões que não estão explícitas nessa fala. Percebemos que havia divergências, não somente no aspecto religioso, mas político também. Por mais que Claudedir disse que não estudou política, podemos observar que talvez algumas práticas não fossem condizentes com o que era almejado na teoria.

Talvez, pelo fato de ser um espaço de sociabilidade em que vivem muitas pessoas de vários lugares e que carregam em si, suas crenças e práticas provindas de experiências diversas, o estranhamento, ou a própria frustração possa se manifestar em algum momento. Ainda mais para quem participa de alguma direção que tem um contato maior com o todo. Apesar desse depoimento, Claudedir finaliza expressando sua felicidade por estar onde está.

Diante das relações de convivências entre esses trabalhadores com pautas em comum; a conquista da terra e, ao mesmo tempo composta por sujeitos com costumes e experiências tão diversificada, podemos pensar em como um sujeito vê o outro no assentamento. Enfatizando a heterogeneidade, as referências culturais, as crenças, e sua experiência, estão expostas nos diálogos de todos os sujeitos entrevistados no assentamento. Essa discussão nos permite enxergar o lugar do sujeito enquanto trabalhador fora e dentro de uma organização social. Os embates, conflitos e concordâncias se sobressaem no viver do sujeito.

Além das contradições enfrentadas por eles próprios ao se deparar que após anos de luta para conquistar a terra, se encontram felizes e vitoriosos de um lado, mas continuam com dificuldades e continuam almejando melhores condições. O trabalhador que antes de fazer parte do Movimento Sem Terra via nele uma possibilidade de ter uma vida melhor, ao fazer parte, diante as condições atuais, se depara com algumas práticas vividas fora do assentamento, e em outras situações, há uma busca pelo trabalho assalariado dentro da sua condição atual.

¹⁵⁰ HIPÓLITO, C. HIPÓLITO, C. Entrevista citada

Neste sentido consideramos as discussões de Thompson em *As peculiaridades dos ingleses* quanto a classe e ‘falsa consciência’, sendo assim “[...] os assalariados não se comportam de modo condizente com sua condição proletária, ou mesmo alguns deles, quando interrogados, não sabem definir-se ou afirmam pertencer ao “estrato médio”¹⁵¹. Durante a pesquisa vários assentados demonstraram o não comportamento condizente com sua condição, ainda que estivesse em um assentamento havia necessidade do trabalho assalariado e financiamento em bancos para a lavoura com monocultura, por exemplo.

Para isso o trabalho de base é feito aos sujeitos iniciantes no Movimento de luta pela terra. Porém, a essência e a experiência de cada um se sobressaem no cotidiano do assentamento, momento em que o individualismo fica evidente, uma vez que as famílias ficam voltadas com maior esmero para a produção e os modos de trabalho para sobrevivência da família. Neste sentido, as dificuldades para manter as propostas iniciais do Movimento Sem Terra se tornam mais difíceis e acirradas, evidenciando os conflitos.

Mas algumas contradições surgem. O que faz do sujeito que vive tantos anos sob a lona preta, enfrentado chuva, condições precárias de sobrevivência, passando fome, despejos e moradia na beira de estradas, se mantem no acampamento para ao se fixar em sua conquista, modificar algumas normas vivenciadas durante tantos anos?

Ao conversar com Elaine, que também faz parte da direção, faz as seguintes ponderações, quando lhe pergunto sobre a convivência entre as famílias após estarem em seus lotes e como se mantêm os diálogos e reuniões:

Elaine: É, eu acho que, assim, o diálogo ele tem que existir, né?! Até porque aqui, a gente entende que todo mundo vai viver toda a sua vida, né?! Então, você... a forma de você ter harmonia, é dialogando, né?! Então eu acho que cada vez mais exige de nós dialogar mais, conversar mais. E também entender as famílias, entender todo o processo, né?! Sabendo que todas as famílias que vieram aqui elas tinham clareza de como ia ser, da proposta, e tudo mais. Então aqui ninguém veio enganado. Aqui quem veio sabia de como ia ser. Mas é claro, nós pensávamos numa perspectiva, que era o que? A gente conquista a terra, próximo a isso vem toda essa parte de apoio, que a gente chama de apoio inicial, o fomento, né?! Essa questão de habitação e tudo mais. E nós sabemos que o Estado não fez isso. Então aí também é um problema para nós, até assim do ponto de vista de garantir a proposta, né?! Porque o Estado simplesmente garantiu o acesso à terra, mas não as condições de trabalho nela?¹⁵²

¹⁵¹ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. NEGRO, Antônio L; SILVA, Sérgio (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 271.

¹⁵² MARQUIORI, E. Entrevista citada.

A falta do apoio inicial e os cortes dos programas de auxílio desorganiza os assentados, criando conflitos e complicações para encontrar outras formas de trabalhar e sobreviver, mesmo que o assentamento seja recente e nos últimos 2 anos tem se passado por essas dificuldades que estavam fora do projeto inicial, ainda sem encontrar alternativas, os impasses dentro do assentamento de acirram na busca por empregos na cidade e o uso do veneno nas plantações.

Diante dessa conjuntura, as discussões tem sido frequentes dentro do assentamento, as reuniões de grupos que são básicas na organização e repasse de informações para todos os assentados, além de ser uma prática desde a fase de acampamento. Atualmente, de acordo com as 83 famílias assentadas no Valmir Mota, são 8 grupos divididos entre 10 a 11 famílias. Estes que fazem reuniões entre si, para repassar as informações na unidade. Todas as informações necessárias são repassadas e aberto espaço para reclamações e sugestões de qualquer assentado, seja pela reivindicação e espaços recreativos ou discussões políticas.

Com o passar do tempo e algumas conquistas, as reuniões vão se esvaziando. As discussões de âmbito maior, de caráter de interesses nacionais, por exemplo, de organização ou ideológico vão se espaçando cada vez mais, assim distanciando alguns princípios no MST. Como um dos próprios lemas do Movimento: “a conquista para além da terra”.

Os conflitos no assentamento se expressam diariamente, mas em específico os cortes nas verbas destinadas as famílias assentadas, causa alguns incômodos para além do financeiro. Alguns desacordos e informações entre os assentados sobre o andamento das verbas são desconstruídas, gerando até algumas desconfianças do destino destas. Porém, alguns assentados não entendem a conjuntura política atual, outros nem querem saber.

Mas essas desconfianças entre os assentados podem significar que não há uma homogeneidade no assentamento, seja pela falta de participação destes sujeitos nas reuniões coletivas, ou a falta de informação de forma geral, as conversas que acabam dividindo alguns sujeitos entre os que são líderes ou dirigentes e os demais sujeitos, assim os hierarquizando dentro de uma unidade.

Ainda sobre a fala da Elaine, quando ela diz “o Estado simplesmente garantiu o acesso à terra, mas não as condições de trabalho nela”, percebemos um embate em conseguir manter-se na terra conquistada. Alguns caminhos que parecem seguir o destino

dos movimentos sociais de luta pela terra no Brasil, a possível chamada “contrarreforma”¹⁵³.

Ao fazer uma breve pesquisa no site do INCRA, há uma pasta sobre “a qualidade de vida nos assentamentos”¹⁵⁴, a última pesquisa é datada do ano de 2010, onde expõe superficialmente e, brevemente, cinco contrapontos e condições básicas e importantes dos sujeitos antes e depois, enquanto assentados: “quem são, como vivem, o que produzem e como produzem, e o que pensam as famílias assentadas da reforma agrária de todo o País”¹⁵⁵.

Com o intuito de apontar as principais questões que envolvem o viver das “famílias assentadas da reforma agrária de todo país”¹⁵⁶. Em um arquivo de 38 páginas que contém gráficos e estatísticas generalizadas, mas que dá conta de uma “boa propaganda” para um discurso de um bom trabalho eficiente que caminha para Reforma Agrária eficaz. Certamente o governo que fez a cartilha, cumpriu minimamente as propostas.

Melhoria de vida das famílias assentadas devido a conquista da terra, que em palavras próprias do artigo: “A evolução patrimonial das famílias corrobora a percepção generalizada de melhoria na qualidade de vida e o principal meio de produção (terra) é percebido como suficiente para as famílias”¹⁵⁷.

Não somente o site, mas como também por via e-mail ou telefone, as informações são desconstruídas. Essa resolução é datada do ano de 2010 e 7 anos após, não é possível encontrar um novo documento, ao entrar em contato com INCRA disseram ser a última resolução. Tive dificuldades para obter informações. A falta de funcionários e técnicos no INCRA, certamente tem sido afetado pela política de cortes de verbas, logo, o “efeito dominó” tem o seu desfecho sentido diretamente nos trabalhadores sem terra, ou aqui, especificamente, nos assentados.

¹⁵³ ARAUJO, R. A Relação entre a Redução das Ocupações de Terra e as Mudanças no Confronto em torno da Reforma Agrária no Brasil. Revista InSURgência. Brasília, ano1. v.1. n°02. 2015. p. 206/236.

¹⁵⁴ INCRA. **Reforma Agrária** pesquisa sobre a qualidade de vida, produção e renda dos assentamentos da Reforma Agrária. Brasília. 2010. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/questao-agraria/reforma-agraria/pqra_-_apresentao.pdf>

¹⁵⁵ Idem. 2010

¹⁵⁶ Idem. 2010.

¹⁵⁷ INCRA. Reforma Agrária Pesquisa Sobre a Qualidade de Vida, Produção e Renda dos Assentamentos da Reforma Agrária. p. 36. Brasília. 2010. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/questao-agraria/reforma-agraria/pqra_-_apresentao.pdf>.

Mas de fato, existem muitos aspectos em que a condição de assentado mudou para melhor a vida de muitos destes trabalhadores. A questão da possibilidade de estudar, por exemplo. Lucimar conta que desde que foi para o MST, o interesse pelo estudo e a visão de que o MST iria lhe proporcionar a oportunidade de estudar, foi importante.

Atualmente, existem diversas parcerias entre universidades e movimentos sociais. Porém, a participação dos jovens assentados ainda é pequena e no decorrer das entrevistas, é possível perceber que são poucos estudantes que tem conhecimento dessa possibilidade.

De acordo com Lucimar, existe uma indicação do próprio assentamento para que determinados jovens siga a carreira acadêmica, seja em qual área for. Ela narra quais são as condições e os desafios que surgem diante disso:

Lucimar: [...] morar no acampamento ou no assentamento. Ter um tempo é... um tempo de movimento, né?! Que a gente vive um período em que tem pessoas que às vezes vem é... porque sabe, que sabe que tem é... não que tenha problema isso, mas a gente conversa sobre isso assim. Ah! Porque aí se vim, aí é verdade que “se eu ir para acampar eu vou... eu posso estudar? Eu tenho como garantir meu estudo?” assim, não, a gente não pode garantir nada, você vai acampar, conhece o Movimento Sem Terra, se insere na atividade de militância. Uma atividade interna, até mesmo não é nem para sai militando, não é isso. Uma atividade interna do seu núcleo, do seu núcleo de base, vai contribuindo, e daí quando saí curso aí a gente conversa. Que acho que... que não é que assim é escolhido o mais... tem que...¹⁵⁸

Entre uma entrevista e outra, algumas famílias tinham um entendimento que o movimento indicava quem poderia ir para faculdade ou não. E que observavam que apenas filhos de dirigentes que tinham está oportunidade. No entanto, as indicações partem do nível de envolvimento do jovem nas atividades desenvolvidas para e no assentamento. Uma vez que, há intenção de que esse estudante volte para pôr em prática seus conhecimentos adquiridos na universidade dentro do assentamento.

Porém, a maioria dos jovens no assentamento, mesmo os que cresceram no período de acampamento, ainda mantém uma perspectiva de ir trabalhar fora. Situação que se torna um entrave nas propostas discutidas dentro do assentamento:

Lucimar: Eu não vou ser fantasiosa. Sabe onde que eu vejo que faz mais efeito realmente quando saem do ensino médio, é tão triste a realidade que a gente vê. Eu já fico muito triste porque a minha filha ela é, olha a

¹⁵⁸ CALAÇA, L. Entrevista citada.

visão que ainda alguns tem. A gente a tantos anos aqui vendo as coisas. Os que terminam o ensino médio todo, todos tem a oportunidade de se ingressar num curso do Movimento Sem Terra. Termina o ensino médio, vai para o mercado dali ou vai para... pra... “ah, eu vou pagar!”. Até mesmo os que tem, que são filhos de assentados aqui faz: “ah, eu vou pagar uma faculdade!”. Os professores vão e falam: “gente! Vocês têm que conversar com o pessoal do movimento”. “ah eu não quero estuda pelo movimento, é só filho de dirigente que consegue!”. Isso não é verdade, pelo amor de Deus! Mas sabe qual que é o problema? É que os filhos de coordenação de quem está mais próximo da militância e da luta consegue ingressar, não é que consegue. Incentiva os filhos a ir fazer uma faculdade, sabe. Aqueles que estavam mais distantes no seu dia-a-dia, tão mais no senso comum. Tão há anos acampado, mas que está só ali... trabalhando. Ao contrário, nem os filhos eles incentivam, entendeu! É muito triste isso assim! Então são poucos, assim. O ano passado a turma do ensino médio, que termino o ensino médio, quem que está estudando hoje? Olha, curso de agronomia, de veterinária... os filhos de quem estava mais próximo da militância. Os outros não quiseram. Foram trabalha na COPAVEL¹⁵⁹.

Lucimar desabafa sobre as frustrações que muitas vezes permeiam o cotidiano no assentamento. Ela que desde o início de seu envolvimento foi na coordenação escolar, acompanha de perto esse desenvolvimento dos alunos. E mesmo depois de tantos anos, muitas famílias que se formaram neste período, entre acampamento e assentamento, muitos jovens estudantes se formaram e formaram outras famílias, faz com que seja possível fazer um parâmetro mais amplo sobre a conscientização da geração futura e como isso está sendo desafiador.

Esses desafios também fazem com que o Movimento de luta pela terra se reorganize. Diante dessas circunstâncias, há um esforço maior empreendido na área educacional no assentamento. São organizados diversos grupos de estudos, inclusive sobre a agroecologia, com o intuito de que a nova geração possa crescer já consciente de que é possível viver de uma forma alternativa a do capitalismo. Aprendem a trabalhar com a terra desde pequeno, como se fosse qualquer outra disciplina na escola. Para os adultos também tem sido programado encontros de sobre agroecologia a fim de melhorar a relação do trabalho com a terra e o assentado.

Neste sentido, Lucimar conta a experiência da própria filha de 18 anos, que é orientada desde cedo para o trabalho com a terra, inclusive para servir de exemplo para os demais:

Lucimar: Ela trabalha aqui no lote para ela provar para a juventude que o trabalho no campo, até porque ela está no projeto, ela faz um projeto

¹⁵⁹ Idem, Ibidem.

de agroecologia, que são práticas que eles estão desenvolvendo lá na escola e tem um espaço lá para eles fazer as experiências deles lá na escola. Que eles estão trabalhando com hortifrúti. Aí eles têm as frutas, plantaram as linhas de bananeira, a preparação dos canteiros. Aí eles fazem grupos, estudam também a proposta e tal. Está nesse projeto. Aí falei para ela, para a gente fazer uma experiência aqui, agora tem as feiras. Eu não tenho tempo, não posso sair fazer feira. O Vanderlei, meu companheiro, também não tem um perfil talvez de... e também sozinho, ele não vai consegui... fazer tudo aqui sozinho. Então ela e ele podem fazer um trabalho, ela com o conhecimento que ela tem que... ele está tendo também, que ele participa do grupo, talvez não tanto como e que está fazendo um estudo mais aprofundado de fazer uma experiência aqui de cerca uma área aqui e “vamos trabalhar com horta, vamos tentar”. Para ela também provar para os jovens que eles não precisam sair da casa dos pais¹⁶⁰.

No assentamento sempre tem universitário, principalmente da área das agrárias fazendo pesquisas, seja sobre o solo, os modos de produção, oficinas ou grupo das mulheres de discussões feministas¹⁶¹. Outro crédito disponibilizado pelo INCRA é o “Fomento Mulher”, para as famílias que são cadastradas com a mulher como titular, no entanto, estes e outros créditos precisam de projetos e avaliações de técnicos, mas com os cortes de verbas, não há técnicos para fazer as vistorias e os acompanhamentos.

Diante de um convívio conflituoso entre os assentados, há diversas tentativas para que estes sujeitos lembrem o porquê estão ali, e que todo o esforço empenhado de tantos anos valeu a pena, e que essa luta continua. Mas agora a luta é para manter-se na terra.

Durante as entrevistas, podemos perceber que atualmente o principal desafio de cada família e que acaba virando um desafio do assentamento é a dificuldade em sobreviver com a renda da terra.

Conforme o PDA, no início a proposta de produção do assentamento estava pautada em produzir apenas para subsistência com comercialização de excedente, tudo baseado na produção orgânica. No entanto, essa proposta se tornou uma das questões mais discutidas e ocasionando situações conflituosa entre os assentados, conforme Lucimar, que ao narrar já faz algumas reflexões estruturais pertinentes:

Na verdade, a gente vive numa contradição interna. Talvez você já até percebeu isso nas suas entrevistas, em relação a monocultura e uso do

¹⁶⁰ CALAÇA, L. Entrevista citada

¹⁶¹ PASTÓRIO, I. T. A mulher no processo produtivo familiar com sustentabilidade no Assentamento Valmir Mota de Oliveira - Cajati - Cascavel/Pr. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2015.

agrotóxico. Coisas para as pessoas que muitas vezes não tem uma consciência é... por medo de entender mesmo o processo. A gente vai ter que... nem que seja pelo financeiro uma hora a gente tem que... tem que provar que o que a gente pensa e acredita, que o que a gente lutou vai dá certo, né?! Até esses dias, eu posso dizer, a gente seguiu [o uso de agrotóxico] aqui no assentamento só pela política, mas está estourando porque até esses tempos atrás a gente segurava na política mesmo, de lembrar o porquê que veio para essa terra¹⁶².

As contradições vivenciadas pelos assentados, na fala de Lucimar, no qual ela também, está inserida, é resultado de uma soma de valores distintos. Conforme ela diz que o sujeito “não tem uma consciência por medo de entender o processo”, nos permite entender que há uma disputa de projetos no interior do assentamento. De que se no início, para fazer parte do movimento era necessário aceitar determinadas normas, a necessidade do sujeito era imediata, se colocando à disposição de qualquer coisa, mas agora com a conquista do objetivo que movia suas ações, a terra, e a certeza, construída e lembrada durante tantos anos como impulso para continuar na luta, nos acampamentos e mobilizações, fez por se reconhecer a acreditar na garantia da conquista. Elaine aponta como direção histórica para essa resistência a produção orgânica, apesar de defendê-la e conseguir produzir sem o uso do agrotóxico, lembra e contextualiza esse processo:

Elaine: Todo mundo sabia [sobre a proibição do uso de agrotóxico]. Ninguém veio... Inclusive tem ata assinada, foi feito as reuniões nos acampamentos, né? Antes da seleção das famílias. E foi dada livre escolha, de vir ou não vir. Por exemplo, se o INCRA selecionou o teu nome, mas você não quer trabalhar na agroecologia, você não se sente, né?! Não tinha problema nenhum. Você ia continuar na fila para ser assentado, mas não era nesse projeto de assentamento. Mas acho que tem vários elementos assim, que a gente precisa levar em consideração. Uma das coisas é a dificuldade em planejar, a própria produção, porque nós somos uma geração que nós somos ensinados a produzir dentro do pacote da revolução verde, né? Da monocultura, do agrotóxico, todo esse negócio. É diferente dos nossos pais, né? Que vem de uma cultura que produzia sem essa necessidade, né? Era com muito trabalho. Mas que já era um processo de implantação que nós pegamos, né? Do pacote verde, da revolução verde. Então a gente vê que também tem que entender assim que esse modelo, esse sistema implantado para a agricultura, ele vem calcado em vários eixos, né? Um é na produção, o outro está no ideológico, e o ideológico perpassa pela educação, perpassa pelos meios de comunicação, todo esse negócio, né?! E na produção é o jeito de produzir. É a grande ofensiva, que você precisa ter tecnologia, ter isso e aquilo para produzir, se não tu não produz. Isso não é real. Isso é invenção. A terra, ela está aqui. Depende de como a gente maneja ela, ela dá tudo.

¹⁶² CALAÇA, L. Entrevista citada

Cintia: E como vocês enxergam uma alternativa aos processos da revolução verde?

Elaine: Eu sou muito otimista, por natureza assim. Eu acho que a gente tem que fazer, porque é o fazendo que dá certo. E já tem comprovadamente que a agroecologia dá certo. Mas esse processo é uma mudança de vida, né? Você tem que se propor a mudar. A gente também tem que se conscientizar enquanto trabalhador, que nós não vamos ficar rico, né? Mas nós podemos ter uma vida digna, né? Com respeito, ter as condições mínimas de viver bem, com bastante diversidade. Mas a gente não pode ter ilusão de que vai ficar rico. Porque só fica rico, aquele que explora alguém. E não é nosso caso. Nós vamos explorar quem? A terra, mas daí não é a mão de obra, né? Então a gente tem que ter essa consciência, né? E o problema é que muitos se perde, e não tem essa consciência, né? Não é em três alqueires que nós vamos ficar ricos, né? Não é. Aqui, assim, a proposta, é nós ter uma vida digna, é dar educação para os nossos filhos e viver bem. Viver com qualidade de vida¹⁶³.

De acordo com os dirigentes, só foi possível a compra da área em que está o assentamento Valmir Mota, se fosse com o propósito de produzir sem veneno, haja vista que uma das maiores reivindicações dos acampamentos organizados para a negociação desta propriedade era por conta do agrotóxico utilizado pelo proprietário na lavoura de monocultura. Não à toa que em diversos momentos, alguns dirigentes se referem ao INCRA como um “fiscal” no uso do veneno, como forma de constranger o assentado que pretende usar o agrotóxico.

Mas Elaine reconhece que há necessidade de desconstruir a ideia da produção capitalista entre os sujeitos assentados, para que possam dar mais um passo à frente na conscientização. Mas muitos sujeitos ainda se sentem frustrados por não estarem tirando o lucro da terra, mesmo depois de tantos anos no processo de ocupação.

As buscas por alternativas por vivências de um sistema que está em vigência há tantos anos, precisa ser gradual. Neste sentido, projetos que são elaborados pelos próprios assentados, na busca desta conscientização para um novo modelo de produção, por vez é mal interpretada, conforme diz Geni, quando lhe pergunto sobre a recepção dos assentados sobre os projetos para contribuir no conhecimento de outras formas de trabalhar com a terra:

Geni: As pessoas olham lá assim, ontem nós estava lá discutindo aquilo lá, é vai lá atrás e diz assim: "ah é um monte de mato, né?", mas aí o aprendizado e o que já foi feito ali desde a reparação do solo... Então da convivência com várias plantas e na produção e alimentos e de todas essas coisas, né?! Então, é isso, mas até as famílias conseguirem compreender isso, né?! Eu estava hoje de meio dia ainda falando com a

¹⁶³ MARQUIORI, E. Entrevista citada.

Jeane [filha] que a minha vizinha aqui é sozinha. Ela tem cinco filhos e ela tem umas vaquinhas, daí ontem ela estava aqui ainda falando, ela veio lá de Matelândia trouxe duas novelhinhas, dessas novilhas hoje quantas vaca e quantas coisa ela tem?! E ela sustenta os filhos dela com as vacas que ela tem ali, ela não faz grande plantação, então é tirando leite, fazendo queijo, fazendo isso, fazendo aquilo, né?! Sozinha se vira. A exemplo de muitos que parece que não sabe plantar uma árvore ao redor de casa¹⁶⁴.

Diante de tantas experiências, em um assentamento com 83 famílias, muitos se apegam aos exemplos que deram certos, no entanto, as perspectivas podem ser diferentes sobre o que é dar certo? Esse se torna um dos maiores desafios do assentamento.

Muitos assentados reclamam de não haver suporte ou instruções de como lidar com todo o mato que cresce, em algumas famílias não tem ainda uma mão de obra suficiente e acabando trabalhando com o que conheciam, e acabam entrando no mesmo sistema no qual, quiseram sair ao entrar para o MST. E por isso vem as frustrações. Neste sentido, Lucimar ainda acrescenta:

Essas terras, não é fácil trabalhar nelas. Época do verão é uma marmelada que vem menina, não é difícil você perder tuas lavouras, não é difícil! A produção não é a mesma coisa. Mas assim, o que a gente tem que pensar, que nós não estamos produzindo monocultura. Que o trabalho no lote é um trabalho que tem que ser feito em família, é um trabalho que tem que ser feito em parcela, se eu quiser encher o meu lote de milho, é óbvio, que eu vou perder. Que eu não vou produzir! Que eu vou... aí tem o preço do insumo...que é vendido nos comércios é para quem tem muita terra. E isso não entra na cabeça das pessoas, sabe. Que a gente tem que produzi a semente ou... a gente até procurou uma alternativa com a biorgânica que é uma empresa que vende os produtos orgânicos, mas a intenção dela não é vender produto, o maior objetivo dela é comprar as sementes. É, que também não deixa de ser um agronegócio (risos). Um negócio é... dentro do...do orgânico, né?! E ela é uma coisa assim muito... muito complexa porque a gente fala em agroecologia e agroecologia é muito mais do que plantar orgânico e daí a gente se prendeu muitas vezes assim... a muito esse desgaste entre nós mesmo. Porque a gente não vai conseguir fazer uma agricultura diferente, algo diferente se a gente não tiver convencido de coração. De que isso faz mal e eu não quero mais isso para mim, sabe? Aí é isso que acontece com as pessoas, elas não estão convencidas¹⁶⁵.

¹⁶⁴ SOUZA, G. Entrevista citada.

¹⁶⁵ CALAÇA, L. Entrevista citada.

Lucimar reconhece que a proposta da produção orgânica ainda não seja o ideal, pois ainda se insere em produção para fins de mercado, no entanto, sua fala direciona para a tentativa de mudança gradual, e alternativa em relação ao uso do agrotóxico.

Neste sentido, todos os assentados plantam algum tipo de hortaliça ou verduras, tem animais de engorda ou vaca de leite, para a subsistência e complemento de renda somada ao trabalho assalariado, outros tem alguns clientes que vem dos arredores e já conhecem, sabem que ali existe produção e venda de alimentos e vão até o assentamento para comprar.

Porém, para alguns ainda não é suficiente. Parte desses trabalhadores buscam o resultado das expectativas criadas durante os longos anos de acampamento, ou mesmo da vida toda. Alguns buscam financiamento para a compra de insumos e sementes, a partir de notas do produtor, estes que também são usadas para fins de comprovação do INSS. Para estes assentados, agora, com a possibilidade do uso do veneno nas plantações, as coisas começaram a melhorar, conforme narra Lucimar, um dos que mais ficou feliz com a possibilidade:

Você tem que organizar o terreno bem organizado porque se você não organizar você também passa dificuldade, porque a terra é pouca, né?! São só 3 alqueires de terra, então você tem que organizar certinho né, criar um projeto para você poder sobreviver é, porque ninguém vive só de arroz, feijão e mandioca plantada, né?! Você precisa de dinheiro, né?! Hoje você precisa de um carro bom, de uma casa boa, móveis, precisa sair e para você sair de casa você precisa ter dinheiro, né?! Ninguém sai sem nenhum dinheiro no bolso, né?!¹⁶⁶

As tensões e conflitos presentes atualmente no assentamento se desdobram de várias formas, seja nos conflitos internos dados pelo o uso de agrotóxico nas plantações, as verbas do Estado que não foram recebidas. Fato que contextualiza parte significativa dos enfrentamentos e o lugar dos sujeitos neste processo.

As contradições se evidenciam no assentamento. Para alguns assentados a produção de alimentos funciona sem o uso do agrotóxico, com muito trabalho é possível produzir assim, no entanto, a parcela de trabalhadores que concordam com isso está relacionada a algum tipo de coordenação ou liderança frente a algum setor dentro do assentamento. Como é o caso da própria Lucimar. A ênfase dada por ela sobre a consciência e o significado para o movimento da produção agroecológica destoa dos

¹⁶⁶ Idem, Ibidem.

demais entrevistados, que estão descontentes e são favoráveis ao uso do agrotóxico, inclusive adeptos a monocultura.

Pergunto para Lucimar sobre como o assentamento está organizado para discutir e resolver questões estruturais.

Lucimar: massificar os acampamentos. A única alternativa ainda para dá uma continuidade é massificação! É massificação. Não tem outra... para fazer luta tem que te gente. E também o movimento vê aí uma possibilidade até 2020 pelo menos, muita gente ir para os acampamentos. E olha, nós não estamos organizados para um trabalho de base. Nós não estamos organizados para um trabalho de base hoje. Tem muita gente vindo acampa sem trabalho de base. Tem sempre gente vindo acampa no primeiro de agosto. Sei porque passam ali na escola, e o acampamento encheu. Está enchendo! Não no sentido que teve um período que estava com 60 famílias, hoje está com mais de 100. Eles tão vindo, em função da crise também, né! Momentos de crise mais famílias procuram para acampar¹⁶⁷.

A intensificação do trabalho de base feito é primordial para Lucimar. As discussões iniciais sobre o projeto do MST e os sentidos da luta e conquista da terra. Com o passar dos anos e das conquistas, o que tem mudado nas perspectivas desses sujeitos? As contradições permeiam as relações sociais, e nessas contradições nos questionamos: qual seria o ideal de vida tranquila para estes trabalhadores? O que estava atribuído a conquista da terra foi ressignificando, pois as condições de se manter nela se modifica de acordo com as vivências e a conjuntura, inclusive política.

A proposta é para um trabalho de transformação na consciência do que é viver para a subsistência, ou a importância da política de democratização dos latifúndios e que esse caminho é moroso e progressivo e as readequações se postergam, o que demonstra insistência na luta e flexibilidade necessária de acordo com o contexto vivido.

¹⁶⁷ Idem, Ibidem.

Considerações finais

Nesta pesquisa tivemos como sujeitos os trabalhadores rurais sem terra que a partir da trajetória de vida podemos entender o quão diferente são suas experiências, mas que carregam em comum o principal motivo para seguirem em busca de novas possibilidades de uma vida melhor, uma vida digna, que seria a oportunidade de estudar, não pagar aluguel, além do sentido atribuído a essa luta que é a conquista da terra.

Para esses trabalhadores o significado empenhado na terra é o que lhes permite sobreviver, morar, viver e trabalhar. Após a conquista muito sentidos vão se reelaborando, de acordo com as vivências, experiências, conflitos e conquistas. Foram muitos anos convivendo com incertezas e frustrações, mas estes sujeitos se mantinham pelo direito que acreditavam em ter e isso é o que os tornaram sem terra.

Procuramos entender as vivências, o cotidiano, os conflitos internos, as dinâmicas e o trabalho no acampamento e assentamento, perpassando o período desde antes de chegarem ao MST, alguns ainda não conheciam movimentos de luta pela terra, mas que ao conhecer enxergaram ali uma oportunidade, outros já conheciam, mas com uma visão preconceituosa resistiram um pouco a conhecer o movimento, mas dadas as circunstâncias, foram em busca de uma condição melhor de vida.

Com faixa etária variada, foi possível discutir muitas questões que atravessaram muitas épocas, o que foi muito enriquecedor para entender a problemática da luta pela terra em vários períodos do processo histórico e, neste sentido, a reelaboração dos sentidos e significados dessa luta de acordo com as expectativas e realidades vividas.

Procuramos não estabelecer uma relação que diferenciasse o trabalhador com o dirigente, mas sim, ambos como um mesmo sujeito. Pensamos em como eram organizados o trabalho de base e os processos de ocupação de terras e os acampamentos, diante todas as adversidades que enfrentavam entre os despejos e novas ocupações, as estratégias de resistências e os conflitos enfrentados.

Vimos que a dinâmica nos acampamentos e assentamentos são diferentes, se em um primeiro momento todos os trabalhadores estão mais próximos em seus barracos provisórios, sempre na expectativa de sair a negociação da terra ou recolher tudo rapidamente e alguma reintegração de posse, além da organização dos trabalhos nos acampamentos.

Em segundo momento, já em seus lotes, esses trabalhadores se empenham no trabalho com a terra e a luta pela permanência nela, em alguns momentos os interesses diversos se sobressaem e os conflitos aparecem e podemos ver como essas situações são resolvidas ou discutidas dentro do assentamento.

No entanto, concluímos também que a conjuntura política brasileira tem dificultado cada vez mais as discussões e ações sobre a reforma agrária. Os movimentos sociais de luta pela se tornam alvo de cortes de verbas, além da criminalização. No entanto, a partir da pesquisa, podemos entender quem são os sujeitos que fazem parte do assentamento Valmir Mota, estes que são trabalhadores que vieram da cidade, do campo, por muitas vezes circularam entre estes dois espaços em busca de novas possibilidades.

E mesmo que o assentamento Valmir Mota esteja regularizado, os problemas não cessam por ali. Alguns líderes e coordenadores permanecem militando e discutindo formas e projetos de resistência ou lidando com reintegrações de posse dos acampamentos da região, ou seja, a luta é maior do que a conquista da própria terra, é necessário mantê-la e essa necessidade dá folego para novas pesquisas.

FONTES

Narrativas Oraís:

BAGATIM, Irini Butke. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 55min04s.

CALAÇA, Lucimar Ramires. Entrevista concedida em 19 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 1h10min37s.

CRUZ, Leidiane e Laurecir. Entrevista concedida em 17 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 47min26s.

CRUZ, Maria. Entrevista concedida em 17 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 46min29s.

HIPÓLITO, Claudemir e Claudedir. Entrevista concedida em 19 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 1h30min41s.

HORBACH, Osvaldo e Silvin. Entrevista concedida em 16 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 46min30s.

KRAIN, Vanilde. Entrevista concedida em 17 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 41min27s.

MAINARDI, Leonir Boiover e Maria Madalena Moreira. Entrevista concedida em 18 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 46min13s.

MARQUIORI, Elaine. Entrevista concedida em 18 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 1h04min22s.

MORAES, Lourdes. Entrevista concedida em 17 de julho de 2016. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 19min24s.

MOREIRA, Valdemir e Maria Madalena. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 57min45s.

MOSER, Nelson. Anita. Entrevista concedida em 17 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência do entrevistado no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração: 1h05min.12s.

SANTOS, José. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 43min40s.

SOUZA, Geni. Entrevista concedida em 23 de junho de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 2h30min13s.

TORQUATO, Valmir. Entrevista concedida em 16 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 46min13s.

VIANA, Luciomar. Entrevista concedida em 18 de janeiro de 2017. Realizada por Cintia Valéria de Mello nas dependências da residência dos entrevistados no Assentamento Valmir Mota, Complexo Cajati – BR 277, Cascavel – PR. Duração de 40min13s.

Materiais produzidos pelo MST

Cartilha do Programa Agrário do MST. VI Congresso Nacional. Secretaria Nacional do MST. São Paulo, 2013.

Cadernos da Escola Itinerante, **Escola Itinerante do MST: história, projeto e experiências** – MST. Ano VIII – n°1 – Abril, 2008.

Cadernos da Escola Itinerante, **Itinerante: a Escola dos Sem Terra – Trajetórias e Significados** – MST. Ano I – n° 2 – outubro, 2008.

Método de trabalho e organização popular. São Paulo. ANCA, 1991.

Plano de Desenvolvimento do Assentamento. Projeto de Assentamento Valmir Mota Município de Cascavel, 2014.

Notícias, matérias jornalísticas e informações extraídas da internet:

BRASIL DE FATO. **Cortes nos programas sociais do campo afetam a vida dos trabalhadores rurais.** 30 de novembro de 2017.: Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/11/30/cortes-nos-programas-sociais-do-campo-afetam-a-vida-dos-trabalhadores-rurais/>>. acessado em: 01/02/2018.

_____. "2013 é o pior ano da reforma agrária", diz coordenador do MST. 18/12/2013. Disponível em:< <https://www.brasildefato.com.br/node/26936/>>. Acessado em 02/01/2018.

Dataluta - assentamentos de reforma agrária - Data base INCRA 31/12/2015 (atualizado em 18/11/2016).

IBGE. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavel/panorama>>. Incra compra terreno para resolver 'maior conflito agrário do Paraná. **Gazeta do Povo.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/incra-compra-terreno-para-resolver-maior-conflito-agrario-do-parana-ano7pmw7rm7t6wwbdohkcomdq>>.

INCRA. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/oqueepda>

_____. **Reforma Agrária** pesquisa sobre a qualidade de vida, produção e renda dos assentamentos da Reforma Agrária. Brasília. 2010. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/sites/default/files/uploads/reforma-agraria/questao-agraria/reforma_agraria/pqra_-_apresentao.pdf>.

Syngenta é condenada por morte de Sem Terra no Paraná. **MST.** Disponível em: <<http://www.mst.org.br/2015/11/19/syngenta-e-condenada-por-morte-de-sem-terra-no-parana.html>>. Acessado dia 17/06/2017.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, R. A Relação entre a Redução das Ocupações de Terra e as Mudanças no Confronto em torno da Reforma Agrária no Brasil. **Revista InSURgência**. Brasília, ano1. v.1. n°02. 2015. p. 206/236.

BORGES, M. **O desejo do roçado**: práticas e representações camponesas no pontal do Paranapanema – SP./ São Paulo: Annablume, 2010.

CUNICO. J. M. **Viver e trabalhar no campo**: produção agropecuária, relações de trabalho e tensões no Extremo Oeste Paranaense, 1970-2012 /. – Marechal Cândido Rondon, 2014. 134 p.

FIOROTTI. Cintia. **História dos trabalhadores e do trabalho na fronteira Brasil-Paraguai (1960-2015)** / Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História – 2015. 285 f. : il.

FABRINI, J. Os *brasiguaios* e conflitos na fronteira. **Revista Geografares**. n°8. 2010. p. 01-28. p. 01.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras Histórias: cultura e sujeito na história. In: et alli (org) FENELON, Déa, MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de, KHOURY, Yara & PEIXOTO. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. SP, Olho D'Água, 2004

_____. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.; MACIEL, L. A. (Org.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MELO, C. **Terra e trabalho, concepções de direito à terra e reforma agrária na Faixa de Fronteira de Santa Catarina (1968-1985)** – Campinas, SP: [s.n.], 2012

MOREIRA, V. J. O fazer-se de Trabalhadores como sem-terra em Sumaré, São Paulo (1980-1997). **Tempos Históricos**, vol. 11, p. 69-103, 1º semestre 2011.

_____. “Situação difícil aquele tempo”: mundo dos trabalhadores e movimentos da memória. Fernandópolis (1946-1964). **Tempos Históricos**, vol. 14, p. 101 - 123, 1º semestre 2010.

_____. **Trabalhadores na luta pela terra**. Campo e cidade: valores, memórias e experiências de trabalhadores rurais sem terra, Sumaré – 1980/1997, - São Paulo. S. n. 1998. 156 f. PUC-/SP.

_____. **O levante comunista de 1949**: memórias e histórias da luta pela terra e da criminalização dos movimentos sociais de trabalhadores no Noroeste paulista. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012.

PASTÓRIO, I. T. **A mulher no processo produtivo familiar com sustentabilidade no Assentamento Valmir Mota de Oliveira - Cajati - Cascavel/Pr.** 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2015.

PEDRON, S. T. **A educação no MST: experiências educativas no Centro de Formação do Assentamento Antônio Companheiro Tavares-PR, 1998-2012.** 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2012.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. **Projeto História.** São Paulo. Educ., n 15, p. 13 – 45, abril, 1997.

_____. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro: vol. 1, nº 2, 1996. p. 02. (Dossiê de Teoria e Metodologia).

THOMSON. A. Recompensando a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, 1997, p. 57. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11216/8224> acessado dia 10/05/2017>.

THOMPSON. E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos.** NEGRO, Antônio L; SILVA, Sérgio (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

SCHLACHTA, M. **O MST e a questão ambiental: uma cultura política em movimento.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2008. 177 p.

SCHMITT, J. V. **Os atingidos por Itaipu: história e memória.** Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000. Dissertação (Mestrado em História) Marechal Cândido Rondon: Unioeste. 2008.

SCHREINER. D. Terra, territorialidades e conflitos. **Diálogos.** (Maringá. Online), v. 17, n.1, p. 69-103, jan.-abr./2013.

_____. **Entre a exclusão social e a utopia: um estudo sobre os assentamentos rurais.** Curitiba. CRV, 2016.

_____. PEREIRA, I. **Experiências que se entrecruzam...** Vidas que se constroem: narrativas de um imigrante. Anuac, Volume II, n° 2, dezembro de 2013.

VARUSSA, R. “Daí, eu agarrei o mundo”: experiências e trajetórias de trabalhadores “sem profissão definida” a partir do Oeste do Paraná (décadas de 1970 a 2000). **Revista História e Perspectiva**. Uberlândia (43): 71-102, julho/dez. 2010.

WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. **Revista USP**, São Paulo, n°65, p. 2010-224, março/maio 2005.